Alice

ATRAVÉS DO ESPELHO

VERSÃO INTEGRAL
SEM ADAPTAÇÃO

LEWIS CARROLL

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL

TRADUÇÃO: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Alice

ATRAVÉS DO ESPELHO

VERSÃO INTEGRAL
SEM ADAPTAÇÃO

LEWIS CARROLL

ILUSTRAÇÃO: JOHN TENNIEL

TRADUÇÃO: Márcia Soares Guimarães

autêntica

Alice
ATRAVÉS DO ESPELHO

Carol Oliveira

Guilherme Fagundes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carroll, Lewis, 1832-1898

Alice através do espelho / Lewis Carroll ; ilustração John Tenniel ; traduzido do inglês por Márcia Soares Guimarães. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

Título original: Through the Looking Glass and What Alice Found There.

ISBN 978-85-513-0234-7

1. Literatura infantojuvenil I. Tenniel, John. I. Título.

17-04458 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG

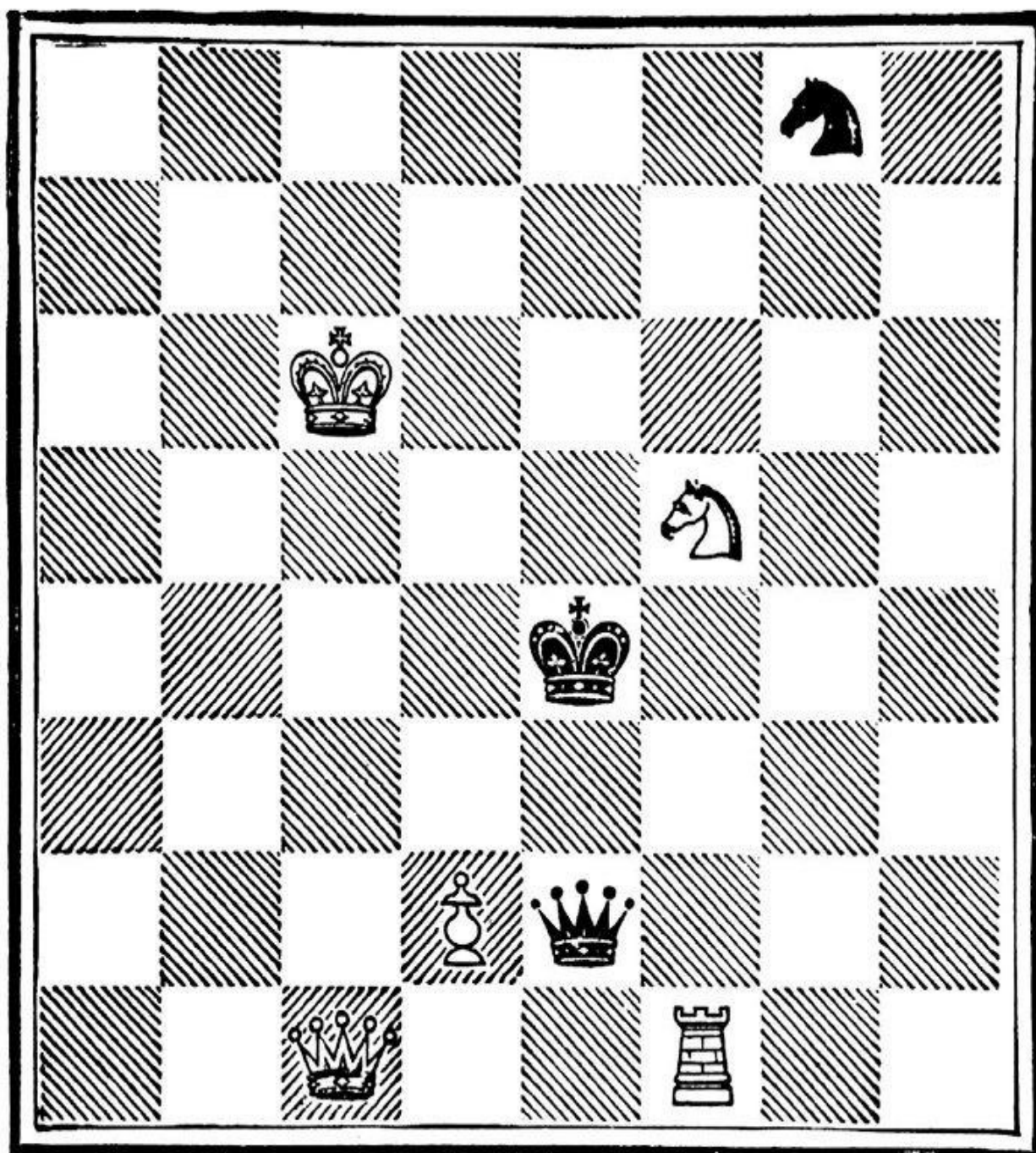
Prefácio do autor

Como o problema do jogo de xadrez apresentado na próxima página intrigou alguns dos meus leitores, pode ser conveniente explicar que, em relação aos movimentos, ele está formulado corretamente. Talvez a alternância entre Vermelhas e Brancas não tenha sido estritamente observada como poderia, e o "roque" das três Rainhas seja meramente uma maneira de dizer que elas entraram no palácio. Porém, o "xeque" do Rei Branco no sexto movimento, a captura do Cavaleiro Vermelho no sétimo movimento e o xeque-mate final do Rei Vermelho serão considerados, por qualquer um que se dê ao trabalho de posicionar as peças e fazer os movimentos de acordo com as instruções, estritamente de acordo com as regras do jogo.

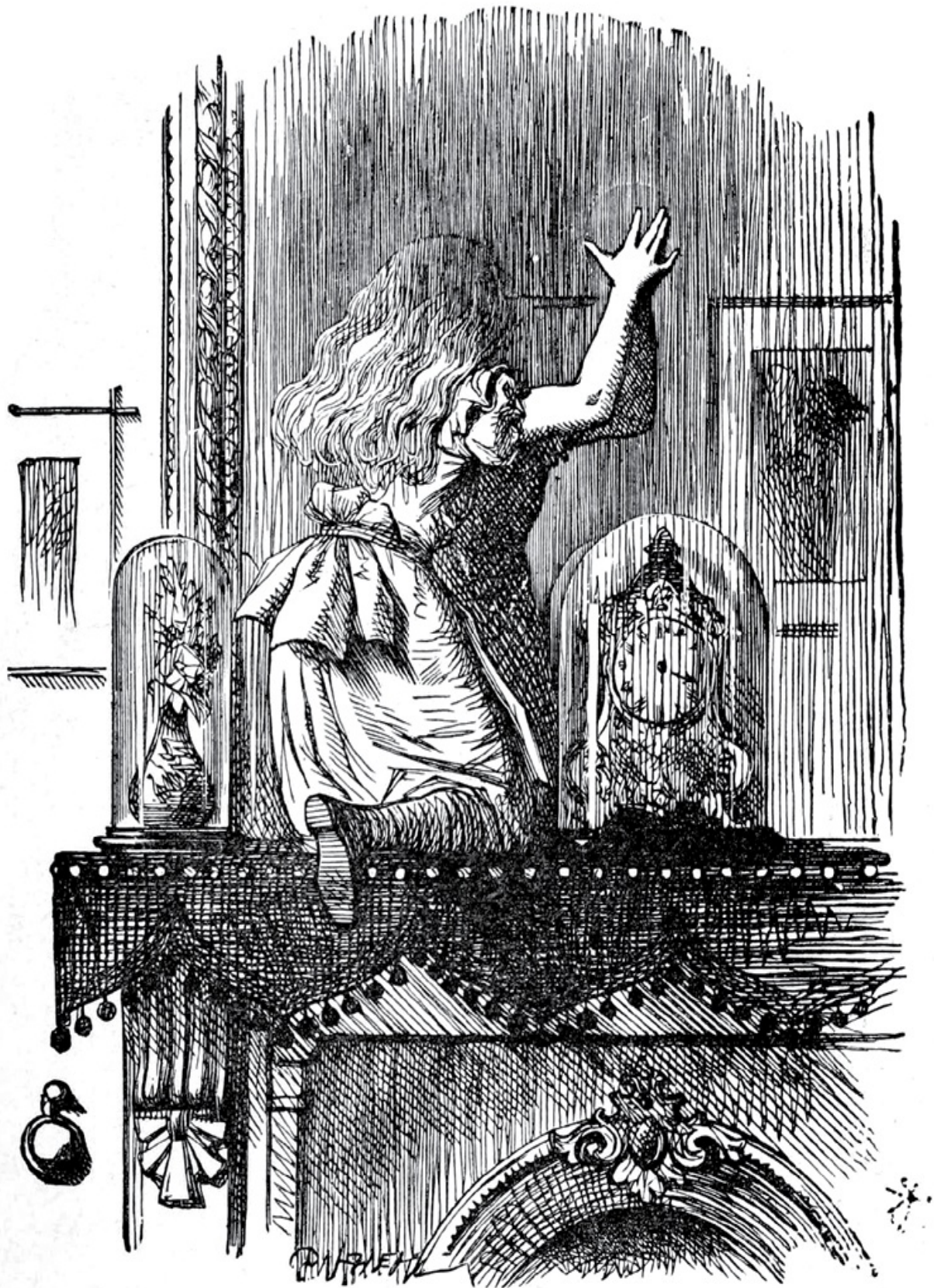
As palavras criadas no poema "Jabberwocky" deram origem a algumas diferenças de opinião com relação a sua pronúncia; portanto, talvez seja melhor dar instruções sobre isso. Pronuncie "slithy" como se fossem duas palavras: "sly, the"; o "g" deve ser duro em "gyre" e "gimble"; e a palavra "rath" deve rimar com "bath".*

Dezembro, 1896.

* Nesta tradução, as palavras "slythe", "gyre" e "gimble" correspondem, respectivamente, a "liságeis", "coropiavam" e "gimblavam"; "rath" foi traduzida como "retosos". (N.T.)

VERMELHAS

BRANCAS

O Peão Branco (Alice) joga e vence em onze movimentos.

1.Alice encontra a Rainha Vermelha. 2.Alice atravessa (de trem) a Terceira Cas

Criança de rosto puro e tranquilo
e olhos de sonhos e maravilhas!
Embora o tempo seja fugaz, e eu e você
estejamos distantes por mais de meia vida,
seu sorriso amoroso certamente se alegrará
com este presente afetuoso: um conto de fadas.

Não vi seu rosto iluminado,
nem ouvi o som cristalino de sua risada;
e nenhum pensamento meu encontrará lugar
daqui por diante em sua jovem vida...
Basta apenas, agora, que você não se recuse
a ouvir esse meu conto de fadas.

Um conto que começou em outro tempo,
quando o sol de verão no céu brilhava
e uma simples melodia marcava
o ritmo dos golpes dos remos na água,
os ecos que ainda vivem na memória,
mesmo que a inveja dos anos diga: "esqueça!".

Venha, ouça então, antes que a voz
pavorosa e carregada de notícias amargas,
convoque, para o fim desta fantasia,
uma jovem cheia de melancolia!
Somos apenas crianças mais velhas, querida,
Que se preocupam com a hora de dormir.

Lá fora, o gelo, a neve ofuscante,
a fúria dos ventos turbulentos...
Aqui dentro, o brilho rubro do fogo
e o abrigo do júbilo da infância.
As palavras mágicas irão te prender,
e você não ouvirá os terríveis estrondos.

E embora a sombra de um suspiro, trêmula,
possa surgir durante a história,
pelos velhos "dias felizes de verão",
e pela glória do verão perdida...
ela não tocará com seu hálito de tristeza
o encantamento do nosso novo conto.

CAPÍTULO 1

A CASA DO ESPELHO

Uma coisa era certa: a gatinha branca não tinha nada a ver com aquilo... A culpa era toda da gatinha preta. A gata mãe estava lavando a cara da branca há quinze minutos (e, diga-se de passagem, a pequena estava tolerando isso muito bem). Portanto, você pode ver que ela não poderia estar envolvida na travessura.

Era assim que Dinah lavava as caras de seus filhotes: primeiro, com uma pata, segurava o pobre bichano pela orelha; depois, com a outra, esfregava toda a face pelo lado contrário, quer dizer, começava pelo focinho. E, exatamente naquele momento, como eu disse, ela estava trabalhando na gatinha branca, que, por sua vez, estava deitada, imóvel, apenas tentando ronronar... Com certeza, sentindo que tudo aquilo era para seu bem.

Mas a limpeza da gatinha preta tinha acabado mais cedo naquela tarde, e assim, enquanto Alice se encolhia num canto da enorme poltrona, em parte falando consigo mesma, em parte cochilando, a gatinha havia se divertido empurrando para cima e para baixo o novelo de lã que a menina tinha tentado enrolar; e fez isso até ele ficar totalmente desenrolado de novo. E agora lá estava a lã, espalhada sobre o tapete em frente à lareira: um emaranhado de nós, com a gatinha no centro, correndo atrás do próprio rabo.

– Ah, sua coisinha malvada, malvada! – Alice gritou, enquanto pegava a gatinha no colo e lhe dava um beijo rápido, para fazê-la entender que estava em maus lençóis. – Francamente, a Dinah devia ter lhe ensinado a ter boas maneiras! Você devia, Dinah, sabe que devia! – acrescentou, olhando com ar de reprovação para a gata mãe e falando com a voz mais zangada que conseguiu. Depois, voltou para a poltrona, levando a gatinha preta e o novelo, e começou a enrolar a lã novamente. Mas não trabalhou muito depressa, pois estava falando o tempo todo, ora com a gatinha, ora consigo mesma. Kitty sentou-se comportadamente sobre o joelho de Alice, fingindo observar o progresso do trabalho e, às vezes, estendendo uma pata e tocando levemente o novelo, como se quisesse ajudar, se isso fosse possível.

– Sabe que dia é amanhã, Kitty? – Alice perguntou. – Você saberia, se tivesse ficado na janela comigo... Mas Dinah estava te limpando, por isso não pôde ficar. Eu estava olhando os garotos juntarem lenha pra fogueira... E precisa de muita lenha, Kitty! Só que ficou frio demais e nevava tanto que eles tiveram de ir embora. Mas não se preocupe, Kitty, nós vamos sair pra ver a fogueira amanhã.

Nesse momento, Alice deu umas duas ou três voltas de fio de lã ao redor do pescoço da gatinha, para ver como ficaria. E isso causou uma confusão, porque o novelo caiu e metros e metros se desenrolaram de novo pelo chão.

– Sabe que fiquei tão zangada, Kitty – a menina falou, logo depois que se acomodaram confortavelmente na poltrona outra vez –, quando vi o estrago que você tinha feito, que quase abri a janela e te pus lá fora, na neve? E você teria merecido isso, sua pestinha querida! Que argumento tem pra se defender? E não me interrompa agora! – ela continuou, com um dedo levantado. – Vou enumerar todos os seus erros. Número um: você protestou duas vezes enquanto a Dinah estava limpando sua cara hoje de manhã. Não adianta negar, Kitty... Eu ouvi. O que está dizendo? (Alice fingiu que a gatinha estava falando.) A pata dela entrou no seu olho? Ora, a culpa é sua, por ter deixado o olho aberto... Se tivesse fechado bem os olhos, isso não teria acontecido. Agora, não me venha com mais desculpas e escute! Número dois: você puxou a Snow pelo rabo assim que pus o pires de leite na frente dela! O quê? Estava com sede, é isso? Como sabe se ela não estava também? E número três: você desenrolou todo o novelo de lã enquanto eu não estava olhando!

– São três erros, Kitty, e ainda não foi punida por nenhum deles. Saiba que estou guardando todos os seus castigos para a próxima quarta-feira... Já pensou se tivessem guardado todos os meus castigos? – Alice prosseguiu, falando mais para si mesma do que para a gatinha. – O que fariam no fim do ano? Eu seria mandada para a prisão, acho, quando esse dia chegasse. Ou... vejamos... imagine se todo castigo fosse ficar sem jantar. Então, quando esse dia infeliz chegasse, eu teria de ficar sem 50 jantares de uma só vez! Ora, eu não me importaria tanto assim! Prefiro mil vezes ficar sem jantar a ter de comer todos eles! Está ouvindo a neve batendo no vidro da janela, Kitty? Como é suave e agradável esse barulho! É como se alguém estivesse beijando a janela inteira lá fora. Será que a neve ama as árvores e os campos que beija tão suavemente? E depois os agasalha, sabe, com uma colcha branca... E talvez ela diga: "Durmam, queridos, durmam até o verão voltar". E quando eles acordam no verão, Kitty, se vestem todos de verde e dançam... sempre que o vento sopra... Oh, isso é muito bonito! – Alice exclamou, soltando o novelo para bater palmas. – Queria realmente que isso fosse verdade! Tenho certeza de que os bosques parecem sonolentos no outono, quando as folhas estão ficando marrons... Kitty, você sabe jogar xadrez? Vamos, não sorria, minha querida, estou perguntando seriamente. Quando eu estava jogando, mais cedo, você assistiu como se estivesse entendendo tudo! E quando eu disse: "Xeque!", você ronronou! Bem que foi um xeque bonito, Kitty! Eu poderia, de verdade, ter vencido, se não fosse aquele Cavaleiro irritante, que veio em zigue-zague entre as minhas peças. Kitty, querida, vamos fazer de conta que...

Metade das coisas que Alice costumava dizer começavam com a frase favorita dela: "Vamos fazer de conta que...". Ela havia discutido longamente com a irmã no dia anterior, simplesmente porque Alice tinha falado: "Vamos fazer de conta... que somos reis e rainhas", e a irmã, que gostava de tudo muito exato, tinha argumentado que isso era impossível, já que elas eram apenas duas pessoas. Por fim, Alice resolveu a questão, dizendo: "Ora, você pode ser um deles, então, e eu serei todo o resto". E houve também uma vez em que ela realmente assustou sua velha babá, quando gritou, de repente, em seu ouvido: "Babá! Vamos fazer de conta que sou uma hiena faminta e você é um osso!". Mas isso está nos desviando da fala de Alice para a gatinha:

– Vamos fazer de conta que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Sabe, acho que se você sentasse e cruzasse os braços, ficaria exatamente igual a ela. Vamos, tente, por favor!

Alice pegou a Rainha Vermelha, que estava em cima da mesa, e pôs em frente à gatinha, como um modelo para ela imitar. Porém, não foi bem-sucedida, principalmente porque, Alice contou depois, a gatinha se recusou a cruzar os braços adequadamente. Portanto, para puni-la, a menina a colocou diante do espelho, de modo que ela mesma pudesse ver como estava emburrada.

– Se não melhorar esse humor imediatamente – Alice acrescentou –, vou te colocar na Casa do Espelho. Você gostaria disso? Ouça, se você só prestar atenção e não falar demais, vou contar todas as minhas ideias sobre a Casa do Espelho. Primeiro, tem a sala que podemos ver através do espelho... É exatamente igual a nossa sala de estar, só que está tudo invertido. Posso ver tudo quando subo numa cadeira, exceto uma pequena parte atrás da lareira. Oh! Queria tanto poder ver aquela parte! Gostaria muito de saber se eles acendem a lareira no inverno; a gente nunca pode saber, não é? A não ser que nosso fogo faça fumaça, e aí a fumaça suba naquela sala também... Mas isso pode ser apenas fingimento, só pra parecer que eles têm um fogo. Bem, os livros são parecidos com os nossos, mas as palavras estão em sentido contrário. Sei disso porque pus um de nossos livros diante do espelho, e então eles puseram um também, lá na outra sala.

– Você gostaria de viver na Casa do Espelho, Kitty? Será que lá eles te dariam leite? Talvez o leite do espelho não seja bom de beber, mas... Oh, Kitty! Agora chegamos ao corredor. Se deixarmos a porta da nossa sala bem aberta, dá pra ver um pedacinho do corredor da Casa do Espelho. Até onde dá pra ver, ele é muito parecido com o nosso corredor, mas você sabe que pode ser bem diferente depois que passa dali, não é? Oh, Kitty, como seria bom se ao menos pudéssemos atravessar pra dentro da Casa do Espelho! Tenho certeza de que existem... oh!... coisas lindas por lá! Vamos fazer de conta que existe um jeito de atravessar pro lado de lá, de alguma maneira, Kitty. Vamos fazer de conta que o espelho ficou macio como gaze, de modo que podemos atravessá-lo. Olhe, agora ele está se transformando numa espécie de névoa, posso jurar! Vai ser fácil atravessar...

Alice estava em cima do console da lareira quando falou isso, apesar de nem ela mesma saber direito como foi parar lá. E, sem dúvida, o espelho estava começando a derreter e sumir, como se fosse uma névoa prateada e brilhante.

No momento seguinte, ela já havia atravessado o espelho e pulado agilmente no chão da Sala do Espelho. A primeira coisa que fez foi olhar se tinha fogo na lareira, e ficou bastante satisfeita quando constatou que havia fogo e que ele era real, crepitando tanto e tão resplandecente quanto o que ela tinha deixado para trás. “Então vou ficar tão aquecida quanto eu estava na minha própria sala”, Alice pensou. “Na verdade, até mais aquecida, já que aqui não tem ninguém pra ralhar comigo e me tirar de perto do fogo. Oh, como vai ser divertido, quando me virem aqui, do outro lado do espelho, e não conseguirem me pegar!”

Em seguida, começou a olhar ao redor e percebeu que o que podia ser visto da sala velha era bastante comum e desinteressante, mas todo o resto era tão diferente quanto possível. Por exemplo, os quadros na parede perto do fogo pareciam estar vivos, e até o relógio sobre o console da lareira (você sabe, só se pode ver as costas dele no espelho) tinha a cara de um homem pequeno e velho, que sorriu para ela.

“Não mantêm essa sala tão limpa e arrumada como a outra”, Alice pensou, quando viu várias peças do jogo de xadrez no chão, em frente à lareira, entre as cinzas; mas logo em seguida, com um breve “oh!” de surpresa, ela já estava de quatro no chão, observando-as. As peças estavam andando, duas a duas!

– Aqui estão o Rei e a Rainha Vermelhos – Alice falou (na verdade, sussurrou, com medo de assustá-los). – E ali estão o Rei e a Rainha Brancos, sentados na ponta da pá da lareira... E cá estão duas Torres andando de braços dados... Acho que não conseguem me escutar – continuou, abaixando a cabeça para ficar mais próxima. – E estou quase certa de que também não me veem. É como se eu estivesse ficando invisível...

Nesse momento, alguma coisa começou a guinchar sobre a mesa atrás de Alice, que virou a cabeça bem a tempo de ver um dos Peões Brancos cair e começar a espernear. A menina ficou olhando com grande curiosidade para saber o que aconteceria em seguida.

– É a voz da minha filha! – a Rainha Branca gritou, enquanto passava correndo pelo Rei, com tanta violência que o derrubou sobre as cinzas. – Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial! – E começou a escalar descontroladamente a parte lateral do guarda-fogo.*

– Absurdo imperial, isso sim! – disse o Rei, esfregando o nariz, que tinha machucado na queda. Ele tinha o direito de ficar ligeiramente zangado com a Rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava muito ansiosa para ser útil e, como a pobre pequena Lily estava quase tendo um ataque de tanto que gritava, pegou rapidamente a Rainha e a colocou em cima da mesa, ao lado de sua filhinha barulhenta.

A Rainha sentou-se, ofegante. A rápida viagem pelo ar tinha tirado seu fôlego e, por um ou dois minutos, ela não pôde fazer nada além de abraçar a pequena Lily em silêncio. Assim que se recuperou um pouco, ela gritou para o Rei, que estava sentado entre as cinzas, aborrecido.

– Cuidado com o vulcão!

– Que vulcão? – falou o Rei, olhando ansiosamente para o fogo, como se achasse que aquele era o lugar mais provável de haver um vulcão.

– Ele... me soprou... pra cima – disse a Rainha, ofegante, pois ainda estava com dificuldade para respirar. – Suba... do modo... normal... não se deixe ser soprado!

Alice ficou observando o Rei Branco fazer um grande esforço para subir barra

por barra, até que, por fim, disse:

– Desse jeito, você vai demorar horas e horas pra chegar até a mesa. É bem melhor eu te ajudar, não é mesmo?

Porém, ele não tomou conhecimento do que ela falou; estava claro que não podia ouvi-la e nem vê-la.

Então, Alice pegou o Rei muito delicadamente e o levantou no ar mais lentamente do que tinha feito com a Rainha, para não tirar seu fôlego também. Mas, antes de colocá-lo sobre a mesa, achou que deveria limpá-lo um pouco, pois estava todo coberto de cinzas.

Alice comentou depois que nunca tinha visto, em toda a sua vida, nenhuma cara como as que o Rei fez quando percebeu que estava sendo segurado no ar e espanado por uma mão invisível. Estava muito atordoado para gritar, mas seus olhos e sua boca foram ficando cada vez maiores e cada vez mais redondos, até que a mão de Alice tremeu tanto com as gargalhadas que ela deu que quase deixou o Rei cair no chão.

– Oh! Por favor, não faça essas caretas, meu caro! – ela gritou, esquecendo completamente que o Rei não podia ouvi-la. – Desse jeito você me faz rir tanto que quase não consigo segurá-lo. E não fique com a boca tão aberta! Assim, todas as cinzas vão entrar nela... Pronto, acho que agora está razoavelmente limpo! – acrescentou, enquanto ajeitava o cabelo dele e o colocava sobre a mesa, perto da Rainha.

O Rei imediatamente caiu de costas e ficou completamente imóvel. Alice, um pouco alarmada com o que tinha feito, caminhou pela sala em busca de um pouco de água para jogar nele. Porém não encontrou nada, exceto um tinteiro, e, quando voltou segurando o objeto, viu que o Rei havia recobrado os sentidos e estava conversando com a Rainha, em sussurros tão baixos que Alice mal podia escutar o que diziam.

O Rei estava falando:

– É verdade, querida, fiquei gelado até as pontas das minhas suíças!

Ao que a Rainha retrucou:

– Você não tem suíças.

– O horror daquele momento... – o Rei prosseguiu. – Eu nunca, nunca vou esquecer.

– Vai sim, apesar de tudo – a Rainha afirmou –, se não fizer uma anotação sobre isso.

Alice observou com grande interesse o Rei tirar do bolso um enorme caderno de anotações e começar a escrever. Uma ideia súbita lhe ocorreu, e a menina segurou a extremidade do lápis, que estava apoiado sobre o ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O coitado pareceu bastante confuso e infeliz, e lutou com o lápis por algum tempo sem dizer nada. Mas Alice era forte demais para ele e, por fim, o Rei disse, ofegante:

– Oh, querida! Eu realmente preciso arranjar um lápis mais fino. Não consigo lidar com esse aqui nem um pouco. Ele escreve todo tipo de coisas que não quero...

– Que tipo de coisas? – a Rainha interrompeu, olhando para o caderno (no qual Alice tinha escrito: "O Cavaleiro Branco está deslizando sobre o atiçador de fogo. Ele se equilibra muito mal"). – Isso não é uma anotação sobre os seus sentimentos!

Havia um livro sobre a mesa, perto de Alice, e enquanto observava o Rei Branco (a menina ainda estava preocupada e mantinha o tinteiro pronto pra derramar sobre ele, caso desmaiasse de novo), ela passou as páginas, procurando alguma parte que conseguisse ler, "... pois está tudo numa língua que não conheço", pensou.

Era assim:

Jabberwocky

Era brilingue e os touvos liságeis

coropiavam e gimblavam nas uebes;

os borogouvos estavam depricólicos

e os momes retosos autigreibavam.

Ela pensou sobre aquilo por algum tempo e, por fim, uma ideia iluminou sua mente: “Ora, é um livro-espelho, claro! Se eu colocá-lo diante de um espelho, as palavras voltarão ao normal”.

Este é o poema que Alice leu.

Jabberwocky

Era brilingue e os touvos liságeis

coropiavam e gimblavam nas uebes;

os borogouvos estavam depricólicos

e os momes retosos autigreibavam.

“Cuidado com o Jabberwocky, meu filho!

A boca que morde, as garras que prendem!

Cuidado com o pássaro jujubave, e afaste-se

do frumioso Bandersnatch!”

Ele tomou a espada vorpal em suas mãos;

há muito buscava o inimigo manxome…

Descansou sob a árvore Tumtum,

e ali ficou pensativo, por algum tempo.

E enquanto tinha pensamentos ufizantes,

o Jabberwocky, com olhos em chamas,

veio cuspindo fogo pelo bosque tulgâneo,

e se aproximava burbuleando!

Um, dois! Um, dois! Pra lá e pra cá,

a lâmina vorpal foi sendo cravada!

Ele o deixou morto e voltou galofante,

trazendo nas mãos a cabeça arrancada.

“Então por fim mataste o Jabberwocky?

Venha para meus braços, menino brilhante!

Oh, que dia colossal! Bravo! Bravo!”

Ele sorriu, orgulhoso.

Era brilingue e os touvos liságeis

coropiavam e gimblavam nas uebes;

os borogouvos estavam mimizantes

e os momes retosos autigreibavam.

– Parece muito bonito – ela disse, quando acabou de ler. – Mas é meio difícil de entender. – Aqui, você pode ver que ela não gostaria de confessar, nem para si mesma, que não tinha entendido absolutamente nada. – De alguma forma, parece que isso encheu minha cabeça de ideias... só que não sei exatamente que ideias são! Sei que alguém matou alguma coisa; pelo menos isso está claro.

“Mas... Chiii!”, Alice pensou, dando um pulo, de repente. “Se eu não me apressar, vou ter de atravessar o espelho de volta sem ter visto como é o resto da casa! Primeiro, vamos dar uma espiada no jardim!”

No momento seguinte, já estava fora da casa, correndo escada abaixo. Na verdade, não estava propriamente correndo, mas pondo em prática um novo meio de descer as escadas fácil e rapidamente, como disse para si mesma. Ela simplesmente mantinha as pontas dos dedos sobre o corrimão e flutuava suavemente para baixo, sem nem mesmo tocar os degraus com os pés. Depois, flutuou sobre o chão do hall, e teria saído pela porta do mesmo jeito, se não tivesse se agarrado ao batente da porta. Estava meio tonta de tanto flutuar e ficou bem contente em ver que andava normalmente outra vez.

▪

* Grade ou placa metálica no piso das lareiras para impedir que as fagulhas ou pedaços de madeira em fogo possam provocar um incêndio. (N.T.)

CAPÍTULO 2

O JARDIM DAS FLORES VIVAS

“Eu veria o jardim muito melhor”, pensou Alice, “se conseguisse chegar ao topo daquela colina; e aqui tem um caminho que vai direto até lá... quer dizer (depois de andar alguns metros pelo caminho e fazer várias curvas súbitas), não, ele não vai direto... mas acho que vou acabar chegando lá. Que curvas esquisitas! Parece mais um saca-rolhas do que um caminho! Bom, essa curva leva à colina, acho... Oh, não, não leva! Volta direto pra casa! Bem, então vou experimentar o sentido contrário”.

E foi o que fez. Andou para cima e para baixo, tentou uma curva atrás de outra, mas sempre acabava voltando para a casa, fizesse o que fizesse. Na verdade, numa dessas tentativas, quando fez a curva mais depressa do que nas outras vezes, trombou na casa antes que conseguisse parar.

– Não adianta falar sobre isso! – Alice exclamou, olhando para a casa e fingindo que estava discutindo com ela. – Não vou entrar de novo, pelo menos por enquanto, não. Sei que deveria atravessar o espelho de novo... Voltar pra velha sala... Mas aí seria o fim de todas as minhas aventuras!

Então, dando as costas para a casa, seguiu novamente pelo caminho, determinada a andar em linha reta até chegar à colina. Por alguns minutos, tudo correu bem, mas, exatamente quando ela estava pensando: “Dessa vez, vou conseguir...”, o caminho fez uma curva súbita e balançou (como Alice contou depois), e, no momento seguinte, a menina se viu efetivamente entrando pela porta.

– Oh, isso é muito ruim! Nunca vi uma casa tão intrometida! Nunca!

Porém a colina continuava lá, totalmente à vista, portanto não havia nada a fazer a não ser começar tudo de novo. Dessa vez, Alice se deparou com um grande canteiro de flores, com a borda cheia de margaridas e um salgueiro crescendo no meio.

– Oh, Lírio! – Alice falou, dirigindo-se a um que balançava graciosamente ao vento. – Gostaria tanto que você pudesse falar!

– Nós podemos falar – disse o Lírio –, quando vemos alguém com quem vale a pena conversar.

Alice ficou tão surpresa que não conseguiu dizer nada durante um minuto:

parece que aquilo realmente tirou todo o seu fôlego. Por fim, como o Lírio continuou apenas balançando ao vento, ela falou novamente, com uma voz tímida, quase sussurrando:

– Todas as flores podem falar?

– Tão bem quanto você – respondeu o Lírio. – E muito mais alto.

– Não seria educado de nossa parte começar uma conversa, não é? – disse a Rosa. – E eu estava mesmo me perguntando quando você falaria conosco. Disse pra mim mesma: “Seu rosto mostra que ela tem algum senso, embora não pareça muito inteligente!”. Além disso, você tem a cor certa, e isso já ajuda bastante.

–

Não ligo para a cor – o Lírio comentou. – Se ao menos as pétalas dela fossem um pouco mais enroladas, ela ficaria bem melhor.

Como não gostava de ser criticada, Alice começou a fazer perguntas.

– Não sentem medo, às vezes, de ficar plantadas aqui fora, sem ninguém pra cuidar de vocês?

– Temos a árvore no meio – a Rosa falou. – Pra que mais ela serve?

– Mas o que ela poderia fazer se vocês estivessem correndo algum perigo? – Alice perguntou.

– Ela poderia chorar – disse a Rosa.

– Ela faz: “Buááá!” – gritou uma Margarida. – É por isso que os salgueiros também são chamados de chorões!

– Não sabia disso? – gritou outra margarida.

Nesse momento, todas elas começaram a gritar juntas, até que o ar ficou repleto de vozinhas estridentes.

– Silêncio, vocês todas! – gritou o Lírio, balançando-se energicamente de um lado para o outro, e tremendo de tanta agitação. – Elas sabem que não que não consigo alcançá-las! – falou, ofegante, curvando a cabeça trêmula na direção de Alice. – Caso contrário, não ousariam fazer isso!

– Não tem problema! – Alice falou, tentando acalmá-lo e abaixando-se para chegar perto das margaridas, que já estavam começando a gritar novamente; depois, sussurrou:

– Se não se calarem, vou colhê-las!

Houve um silêncio imediato, e várias margaridas cor-de-rosa ficaram brancas.

– Que bom! – disse o Lírio. – As margaridas são as piores de todas. Quando uma fala, todas começam a falar juntas, e esse barulho todo é suficiente pra fazer qualquer um murchar!

– Como todos vocês conseguem falar tão bem? – Alice perguntou, com esperança de que o elogio fosse melhorar o humor dele. – Já estive em vários jardins, mas nenhuma das flores falava.

– Ponha sua mão no chão e sinta a terra – disse o Lírio. – Assim você saberá o motivo.

Foi o que ela fez.

– É muito dura – ela disse. – Mas não entendo o que tem uma coisa a ver com a outra.

– A maioria dos jardins – o Lírio explicou – tem canteiros muito macios... Por isso, as flores estão sempre dormindo.

Pareceu uma boa razão, e Alice ficou bastante satisfeita em aprender aquilo.

– Nunca pensei nisso antes! – ela disse.

– Na minha opinião, você não pensa em nada – a Rosa falou, num tom bastante severo.

– Nunca vi ninguém que parecesse mais estúpido – disse uma Violeta, tão repentinamente que Alice deu um pulo de susto, pois a flor não tinha falado nada antes.

– Controle sua língua! – gritou o Lírio. – Como se você já tivesse visto alguém! Está sempre com a cabeça debaixo das folhas, roncando o tempo todo, sem saber mais do que um botão sobre tudo que acontece no mundo!

– Há outras pessoas no jardim, além de mim? – Alice perguntou, preferindo ignorar o último comentário da Rosa.

– Tem outra flor no jardim que pode andar por aí como você – disse a Rosa. – Estava me perguntando como fazem isso...

– Você está sempre se perguntando alguma coisa! – o Lírio a interrompeu.

– Mas ela tem mais folhas que você – a Rosa concluiu.

– Ela se parece comigo? – Alice perguntou, ansiosa, pois uma ideia tinha passado por sua cabeça: “Tem outra menina em algum lugar deste jardim!”.

– Bem, ela tem o mesmo formato estranho que você – a Rosa respondeu. – Mas é mais vermelha... E as pétalas são mais curtas, acho.

– E mais juntas, como numa dália – disse o Lírio. – Não são soltas e caídas como as suas.

– Mas isso não é culpa sua – a Rosa acrescentou gentilmente. – Você está começando a murchar, sabe como é... Por isso, é impossível evitar que as pétalas fiquem despencadas.

Alice não gostou nem um pouco dessa ideia; então, para mudar de assunto, perguntou:

– Ela costuma vir aqui?

– Ouso dizer que vai vê-la logo – a Rosa falou. – Ela é do tipo que possui nove espinhos, sabe?

– Onde ela usa os espinhos? – a menina quis saber, bastante curiosa.

– Ora, em volta da cabeça toda, claro – a Rosa respondeu. – Estava me perguntando se você possui alguns também. Achei que era a regra geral.

– Ela está chegando! – gritou a Esporinha. – Estou ouvindo seus passos... tump...tump... sobre o cascalho.

Alice olhou a seu redor ansiosamente e viu que era a Rainha Vermelha.

– Ela cresceu muito! – foi o primeiro comentário da menina. E era verdade, pois quando Alice a encontrou pela primeira vez, entre as cinzas, a Rainha tinha apenas uns oito centímetros de altura... E agora, lá estava ela, meia cabeça mais alta que a própria Alice!

– É o ar fresco que faz isso – a Rosa explicou. – O ar aqui fora é maravilhosamente agradável.

– Acho que vou até ela – Alice falou, sentindo que, por mais interessantes que

fossem as flores, seria muito mais grandioso conversar com uma rainha de verdade.

– É impossível fazer isso – disse a Rosa. – Devo aconselhar você a andar na direção contrária.

Isso pareceu absurdo para Alice, portanto ela não disse nada: apenas saiu caminhando na direção da Rainha. E, para sua surpresa, a menina logo a perdeu de vista e percebeu que estava entrando pela porta da frente mais uma vez.

Ligeiramente irritada, Alice recuou e, depois de olhar para todos os lados, procurando a Rainha (a qual finalmente avistou, a uma grande distância), achou que tentaria, dessa vez, o plano de andar na direção oposta.

E foi muito bem-sucedida. Ainda não tinha caminhado nem um minuto quando se viu frente a frente com a Rainha Vermelha, e com uma visão completa da colina que tanto queria alcançar.

– De onde você vem? – perguntou a Rainha. – E pra onde está indo? Levante a cabeça, fale direito e não fique mexendo os dedos o tempo todo.

Alice seguiu todas essas instruções e explicou, da melhor maneira que pôde, que havia perdido seu caminho.

– Não sei o que quer dizer com seu caminho – disse a Rainha. – Todos os caminhos por aqui me pertencem... Mas, afinal de contas, por que veio aqui? – acrescentou, com um tom mais amável. – Faça uma reverência enquanto pensa no que vai dizer. Assim, economiza tempo.

Alice pensou um pouco sobre isso, mas estava admirada demais com a Rainha para não acreditar nela. "Vou tentar economizar tempo quando voltar pra casa", pensou, "da próxima vez que estiver um pouco atrasada pro jantar".

– Agora é hora de responder – a Rainha falou, olhando para o relógio. – Abra um pouco mais a boca quando falar, e sempre diga "Vossa Majestade"...

– Eu só queria ver o jardim, Vossa Majestade...

– Está bem – disse a Rainha, dando um tapinha na cabeça de Alice, o que ela não gostou nem um pouco. – Mas você disse "jardim"... Comparado com os jardins que já vi, isso pareceria um matagal.

A menina não ousou discutir. E continuou:

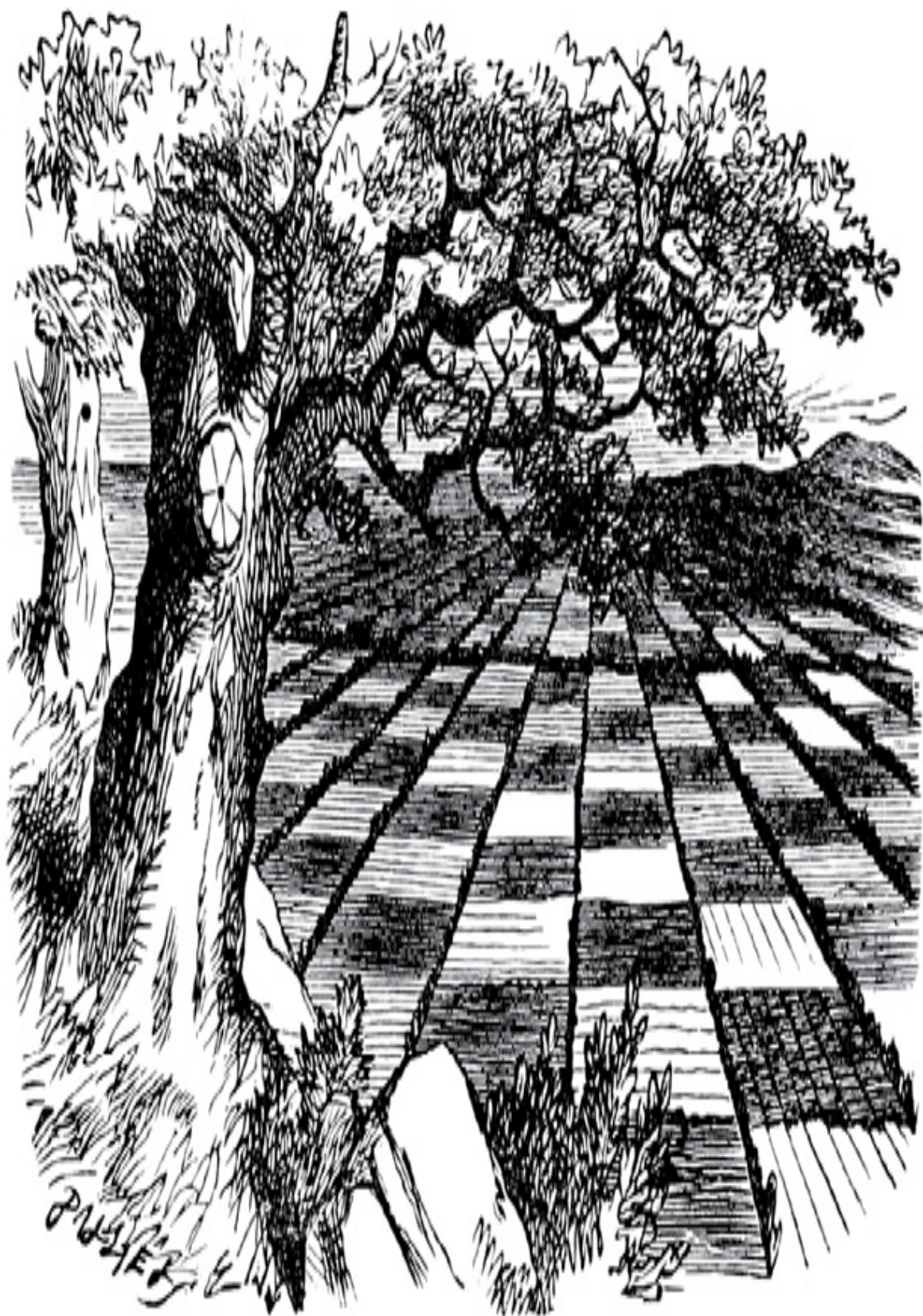
– E pensei em tentar encontrar o caminho pra chegar ao topo daquela colina...

– Mas você disse "colina" – a Rainha interrompeu. – Comparada com as colinas que eu poderia lhe mostrar, você chamaria isso de vale.

– Não, não chamaria – Alice falou, surpresa por estar finalmente contradizendo a Rainha. – Uma colina não pode ser um vale, sabe disso. Seria um absurdo...

A Rainha Vermelha balançou a cabeça.

– Pode chamar de absurdo, se quiser – disse. – Mas, comparado com os absurdos que já ouvi, pareceria algo tão sensato quanto um dicionário!

Alice fez outra reverência, pois temia que, pelo tom de voz da Rainha, ela tivesse ficado um pouco ofendida. Em seguida, as duas caminharam em silêncio até chegarem ao topo da pequena colina.

Por alguns minutos, Alice ficou sem dizer nada, olhando a paisagem, em todas as direções... E que paisagem interessante era aquela! Havia vários riachos bem pequenos correndo em linha reta, de ponta a ponta; e o terreno entre eles era dividido em quadrados por muitas cercas vivas verdes, que iam de um riacho ao outro.

– Vejo que a região está marcada exatamente como num tabuleiro de xadrez! – Alice falou, por fim. – Em algum lugar, deve ter homens se movendo por aí... E tem mesmo! – acrescentou, encantada, e seu coração começou a bater rapidamente, devido ao entusiasmo, enquanto falava. – É um tabuleiro enormemente grande de xadrez, que está sendo jogado... no mundo todo... Se é que isso é o mundo mesmo. Oh, como isso é divertido! Como eu gostaria de ser um deles! Nem me importaria de ser um Peão, se ao menos pudesse participar... Mas é claro que eu ia preferir ser uma Rainha.

Enquanto dizia isso, olhou timidamente para a Rainha de verdade, mas sua companheira apenas sorriu, satisfeita, e falou:

– Isso é fácil. Você pode ser um Peão da Rainha Branca, se quiser, já que Lily ainda é muito nova pra jogar. Pra começar, você está na Segunda Casa; quando chegar à Oitava Casa, você será uma Rainha...

Exatamente nesse momento, não se sabe ao certo como, as duas começaram a correr.

Alice nunca conseguiu entender, pensando a respeito depois, como foi que elas começaram: tudo o que se lembra é que estavam correndo de mãos dadas, e a Rainha corria tão depressa que a menina fazia o maior esforço para acompanhá-la, mas, mesmo assim, a rainha gritava o tempo todo:

– Mais depressa! Mais depressa!

No entanto, Alice não conseguia correr mais depressa e, claro, nem tinha fôlego para dizer isso.

A parte mais curiosa de tudo foi que as árvores e as outras coisas ao redor delas nunca mudavam de lugar. Por mais depressa que as duas corressem, nunca parecia que passavam por nada. “Será que tudo está se movendo junto conosco?”, pensou a pobre Alice, muito confusa. E parece que a Rainha

adivinhou seus pensamentos, pois gritou:

– Mais depressa! Não tente falar!

Não que Alice tivesse alguma intenção de fazer isso. A sensação que ela teve foi de que nunca mais ia poder falar novamente, já que estava ficando realmente sem fôlego. Ainda assim, a Rainha continuava a gritar para que corresse mais depressa e a arrastá-la para a frente.

– Estamos quase lá? – Alice finalmente conseguiu perguntar, muito ofegante.

– Quase lá?! – a Rainha repetiu. – Ora, já passamos de lá há dez minutos! Mais depressa!

Correram por mais algum tempo em silêncio, com o vento assoviando nos ouvidos da menina e quase arrancando seu cabelo, ela imaginou.

– Agora! Agora! – gritou a Rainha. – Mais depressa! Mais depressa!

Correram tão rapidamente que, por fim, parecia que estavam deslizando pelo ar, quase sem tocar o chão, até que, de repente, no exato momento em que Alice estava ficando extremamente exausta, elas pararam, e a menina se viu sentada no chão, sem fôlego e atordoada.

A Rainha encostou-a numa árvore e disse, gentilmente:

– Você pode descansar um pouco agora.

Alice olhou ao redor, bastante surpresa.

– Ora, posso jurar que ficamos o tempo todo debaixo desta árvore! Está tudo exatamente como era!

– Claro que está – disse a Rainha. – Como queria que estivesse?

– Bem, em meu país – Alice respondeu, ainda meio ofegante –, você geralmente chegaria a outro lugar... se corresse tão depressa e por tanto tempo, como nós fizemos.

– Um tipo de país bastante devagar! – disse a Rainha. – Olhe, veja bem, aqui é preciso correr o máximo que você conseguir, se quiser ficar onde está. Para ir a

outro lugar, tem de correr pelo menos duas vezes mais depressa que isso.

– Prefiro não tentar... Por favor! – Alice falou. – Estou muito contente aqui... Apesar de estar sentindo muito calor e muita sede!

– Sei o que você quer! – a Rainha falou amavelmente, tirando uma pequena caixa do bolso. – Aceita um biscoito?

Alice pensou que não seria bem-educada se dissesse “não”, embora aquilo não fosse, de jeito nenhum, o que queria. Então, só lhe restou aceitar e comer o biscoito da melhor maneira que pôde; mas ele estava muito seco, e ela pensou que nunca, em toda a sua vida, esteve tão perto de ficar asfixiada.

– Enquanto você se refresca – a Rainha falou –, vou tirar as medidas.

Dizendo isso, tirou uma fita métrica do bolso e começou a medir o chão e fincar pequenos pinos aqui e ali.

– Ao final de dois metros – falou, fincando um pino para marcar a distância –, vou lhe dar suas instruções... Aceita outro biscoito?

– Não, obrigada – Alice respondeu. – Um foi suficiente.

– Espero que tenha matado a sede – disse a Rainha.

Alice não soube o que dizer, mas, felizmente, a Rainha não esperou a resposta e continuou falando:

– Depois de três metros, vou repetir as instruções... Por medo de você esquecê-las. Depois de quatro, vou dizer adeus. E depois de cinco, vou-me embora.

A essa altura, a Rainha já tinha colocado todos os pinos, e Alice observou com grande interesse enquanto ela voltava para a árvore e começava a caminhar pela fileira de pinos.

Quando chegou à marca de dois metros, a Rainha se virou e disse:

– Você sabe que um Peão avança duas casas em seu primeiro movimento. Em seguida, atravessa bem rapidamente a Terceira Casa... De trem, acho... E logo, logo, vai se encontrar na Quarta Casa. Bem, essa casa pertence a Tweedledum e

Tweedledee. A Quinta é predominantemente água. A Sexta pertence a Humpty Dumpty. Não vai fazer nenhum comentário?

– Eu... Eu não sabia que tinha de fazer um... até agora – Alice hesitou.

E a Rainha continuou, em tom de severa reprovação:

– Você deveria ter dito: “É extremamente gentil de sua parte me dizer tudo isso”. Mas vamos supor que disse... A Sétima Casa é somente floresta. Porém, um dos Cavaleiros vai lhe mostrar o caminho. E na Oitava Casa vamos ser Rainhas juntas; lá, é tudo festa e diversão.

Alice se levantou, fez uma reverência e se sentou de novo.

No pino seguinte, a Rainha se virou novamente e disse:

– Fale em francês, quando não conseguir pensar na sua língua. Vire os dedos do pé pra fora, quando andar. E lembre-se de quem você é.

Dessa vez, não esperou Alice fazer uma reverência; apenas andou apressadamente rumo ao próximo pino, onde se virou por um momento para dizer “Até logo”, e depois correu para o último.

Como isso aconteceu, Alice nunca soube, mas exatamente no momento em que chegou ao último pino, a Rainha desapareceu. Se ela sumiu no ar, ou se correu depressa para dentro do bosque (“e ela consegue correr muito rápido!”, Alice pensou), não havia como saber, mas o certo é que a Rainha desapareceu, e a menina lembrou que era um Peão e que brevemente seria sua vez de se mover.

CAPÍTULO 3

INSETOS DO ESPELHO

Éclaro que a primeira coisa a ser feita era realizar uma pesquisa detalhada sobre o país pelo qual ela iria viajar. “É uma coisa bem parecida com estudar geografia”, pensou Alice, enquanto ficava na ponta dos pés, na esperança de que assim pudesse enxergar um pouco mais longe. “Rios principais: não existe nenhum. Montanhas principais: estou na única, mas acho que ela não tem nome. Cidades principais... Ora essa, o que são aquelas criaturas ali embaixo? Não podem ser abelhas, ninguém nunca conseguiu enxergar abelhas a mais de um quilômetro de distância, não é?” E, por algum tempo, ficou parada, em silêncio, observando uma dessas criaturas, que voava para um lado e para o outro entre as flores, muito ocupada em sugar seu néctar, “exatamente como uma abelha normal”, pensou Alice.

Porém, aquilo era qualquer coisa, exceto uma abelha normal. Na verdade, era um elefante, como Alice logo descobriu, embora a ideia quase a tenha deixado sem fôlego, no princípio. “E que flores enormes devem ser aquelas!”, foi o pensamento seguinte. “Alguma coisa parecida com chalés cujos telhados foram arrancados e, em seguida, caules tivessem sido enfiados dentro deles... E que enorme quantidade de mel eles devem fazer! Acho que vou descer e... não, não vou, ainda não”, ela decidiu, quando já estava começando a descer a colina apressadamente, tentando encontrar uma desculpa para de repente ter ficado tão receosa. “Nunca daria certo descer pra ficar entre eles sem um bom e comprido galho para afastá-los... E como vai ser divertido quando me perguntarem se gostei do passeio. Vou dizer: ‘Oh, gostei bastante...’ (nesse momento, deu sua sacudida de cabeça favorita), mas havia muita poeira, e estava muito quente, e os elefantes realmente incomodaram.”

– Acho que vou descer pelo outro lado – decidiu, depois de uma pausa. – Talvez eu visite os elefantes mais tarde. Além disso, quero muito visitar a Terceira Casa!

Assim, com essa desculpa, desceu correndo a colina e pulou sobre o primeiro dos seis pequenos riachos.

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈≈

– Passagens, por favor! – disse o guarda, enfiando a cabeça na janela. Logo, todos estavam mostrando suas passagens, que eram quase do tamanho das pessoas e pareciam ocupar o vagão inteiro.

– E então? Mostre sua passagem, criança! – o guarda ordenou, olhando para Alice com ar zangado. E muitas vozes gritaram juntas ("como se fosse o refrão de uma música", ela pensou):

– Não o deixe esperando, criança! Ora, cada minuto dele vale uma fortuna!

– Infelizmente, não tenho – Alice falou, receosa. – Não tinha um guichê de vendas no lugar de onde vim.

E mais uma vez o coro de vozes gritou.

– Não tinha espaço pra guichê no lugar de onde você veio. Cada centímetro de terra lá vale uma fortuna!

– Não aceito desculpas! – disse o guarda. – Você deveria ter comprado do maquinista, então.

Mais uma vez, o coro exclamou:

– O homem que conduz o trem. Ora, cada baforada da fumaça vale uma fortuna!

Alice pensou: "Não adianta mesmo falar nada". Dessa vez, as vozes não gritaram, já que ela não tinha falado nada, mas, para sua grande surpresa, todos pensaram em coro (espero que você entenda o que pensar em coro significa, pois preciso confessar que eu não compreendo): "É melhor não dizer absolutamente nada. Cada palavra falada vale uma fortuna!".

“Vou sonhar com uma fortuna hoje à noite. Sei que vou!”, a menina pensou.

Durante todo esse tempo, o guarda tinha observado Alice; primeiro, através de um telescópio; depois, de um microscópio; em seguida, de um binóculo. Por fim, ele disse:

– Está viajando na direção errada.

Após falar isso, o guarda fechou a janela e foi embora.

– Uma criança tão nova – disse o cavalheiro (cujas roupas eram de papel branco) sentado em frente a Alice –, deve saber em que direção está indo, até mesmo se não souber seu próprio nome!

Um bode, sentado ao lado do cavalheiro de branco, fechou os olhos e falou em voz alta:

– Deve saber chegar ao guichê de venda de passagens, até mesmo se não souber o alfabeto!

Havia um besouro sentado ao lado do bode (era um vagão completamente cheio de passageiros bem estranhos). Como parecia que a regra era que cada um falasse na sua vez, ele declarou:

– Ela vai ter de ser despachada daqui como bagagem.

Alice não pôde ver quem estava sentado depois do besouro, mas o que ouviu em seguida foi uma voz que parecia um zurro.

– Troque de trem... – a voz começou a falar, mas engasgou e teve de parar por aí.

“Parece que é um burro”, Alice pensou consigo. Nesse momento, uma outra voz, extremamente fraca, disse bem perto de seu ouvido:

– Você poderia fazer uma piada com isso... Qualquer coisa com “burro” e “zurro”, não é?

Em seguida, uma voz distante e muito gentil falou:

– Ela deveria ter uma etiqueta: “Menina – Frágil – Cuidado”.

Depois dessa, outras vozes vieram. “Quanta gente tem neste vagão!”, pensou Alice.

– Ela tem de ir pelo correio...

– Tem de ser enviada como uma mensagem telegráfica...

– Tem de guiar o trem, ela própria, até o final do trajeto...

E assim por diante.

Mas o cavalheiro vestido de papel branco se inclinou para a frente e sussurrou no ouvido dela:

– Não ligue para o que eles todos dizem, minha querida. Apenas pague uma passagem de volta toda vez que o trem parar.

– Não vou pagar nem mesmo um vintém! – Alice falou, bastante impaciente. – Definitivamente, não faço parte dessa viagem de trem... Estava num bosque agora mesmo e gostaria muito de voltar pra lá!

– Você poderia fazer uma piada com isso... – disse a vozinha perto de seu ouvido. – Qualquer coisa com “vintém” e “trem”.

– Pare de me chatear – Alice falou, olhando ao redor, em vão, para ver de onde vinha aquela voz. – Se quer tanto uma piada, por que você mesma não faz?

A pequena voz suspirou profundamente. Estava obviamente muito infeliz, e Alice teria dito alguma coisa amável para confortá-la. “Se pelo menos fosse um suspiro como o das outras pessoas!”, ela pensou. Mas foi um suspiro tão maravilhosamente suave que Alice não o teria ouvido se não tivesse vindo de tão perto de seu ouvido. A consequência foi que isso fez cócegas irresistíveis na menina e desviou totalmente seus pensamentos da infelicidade da pobre criatura.

– Sei que você é amiga – a pequena voz continuou –, uma amiga querida, uma velha amiga. E não vai me ferir, embora eu seja um inseto.

– Que tipo de inseto você é? – Alice indagou, ansiosa. O que ela realmente queria saber era se ele podia picá-la ou não, mas achou que essa não seria uma pergunta delicada de se fazer.

– Ora, então você... – a pequena voz começou a falar, mas foi abafada por um apito estridente do trem que fez com que todos, inclusive Alice, dessem um pulo de susto.

O burro, que tinha posto a cabeça para fora da janela, colocou-a para dentro calmamente e disse:

– É só um riacho que temos de saltar!

Todos pareceram satisfeitos com a explicação, embora Alice tenha se sentido um pouco apreensiva com a simples ideia de trens saltando. “Pelo menos, isso vai nos levar à Quarta Casa, o que já é algum consolo!”, pensou. No momento seguinte, sentiu o vagão subindo no ar e, amedrontada, agarrou a coisa mais próxima a ela, que era a barba do bode.

* * *

Mas a barba pareceu derreter quando a tocou, e Alice se viu sentada tranquilamente debaixo de uma árvore... enquanto o mosquito (pois esse era o inseto com o qual ela tinha conversado) se balançava num graveto bem acima de sua cabeça e a abanava com as asas.

Com certeza, era um mosquito muito grande: “Praticamente do tamanho de uma galinha”, Alice pensou. Ainda assim, não se sentiu nervosa perto dele, afinal, já tinham conversado por um bom tempo.

– Então você não gosta de todos os insetos? – o mosquito prosseguiu, tão calmamente como se nada tivesse acontecido.

– Gosto deles quando podem falar – Alice respondeu. – No lugar de onde eu venho, nenhum deles fala. Nunca.

– No lugar de onde você vem, que tipo de inseto gosta de ter a seu lado? – o Mosquito quis saber.

– Não gosto de ficar perto de nenhum inseto – Alice explicou –, porque tenho certo medo deles... Pelo menos dos grandes. Mas posso lhe dizer o nome de alguns.

– E é claro que eles atendem pelo nome, não é? – o mosquito falou tranquilamente.

– Nunca soube que faziam isso.

– Qual é a utilidade de ter nomes – o mosquito perguntou –, se não atendem por eles?

– Não tem utilidade para eles – Alice falou –, mas é útil para as pessoas que dão nomes a eles, imagino. Se não, por que todas as coisas têm nomes?

– Não sei – o mosquito respondeu. – O que sei é que lá no bosque nada tem nome... Mas vamos à sua lista de insetos; estamos perdendo tempo.

– Bem, temos a mosca – Alice começou, contando os nomes nos dedos.

– Certo – disse o mosquito. – No meio daquele arbusto, você vai ver uma moscadeira-de-balanço, se olhar bem. É toda de madeira e está sempre se balançando de galho em galho.

– E o que ela come? – Alice perguntou, com grande curiosidade.

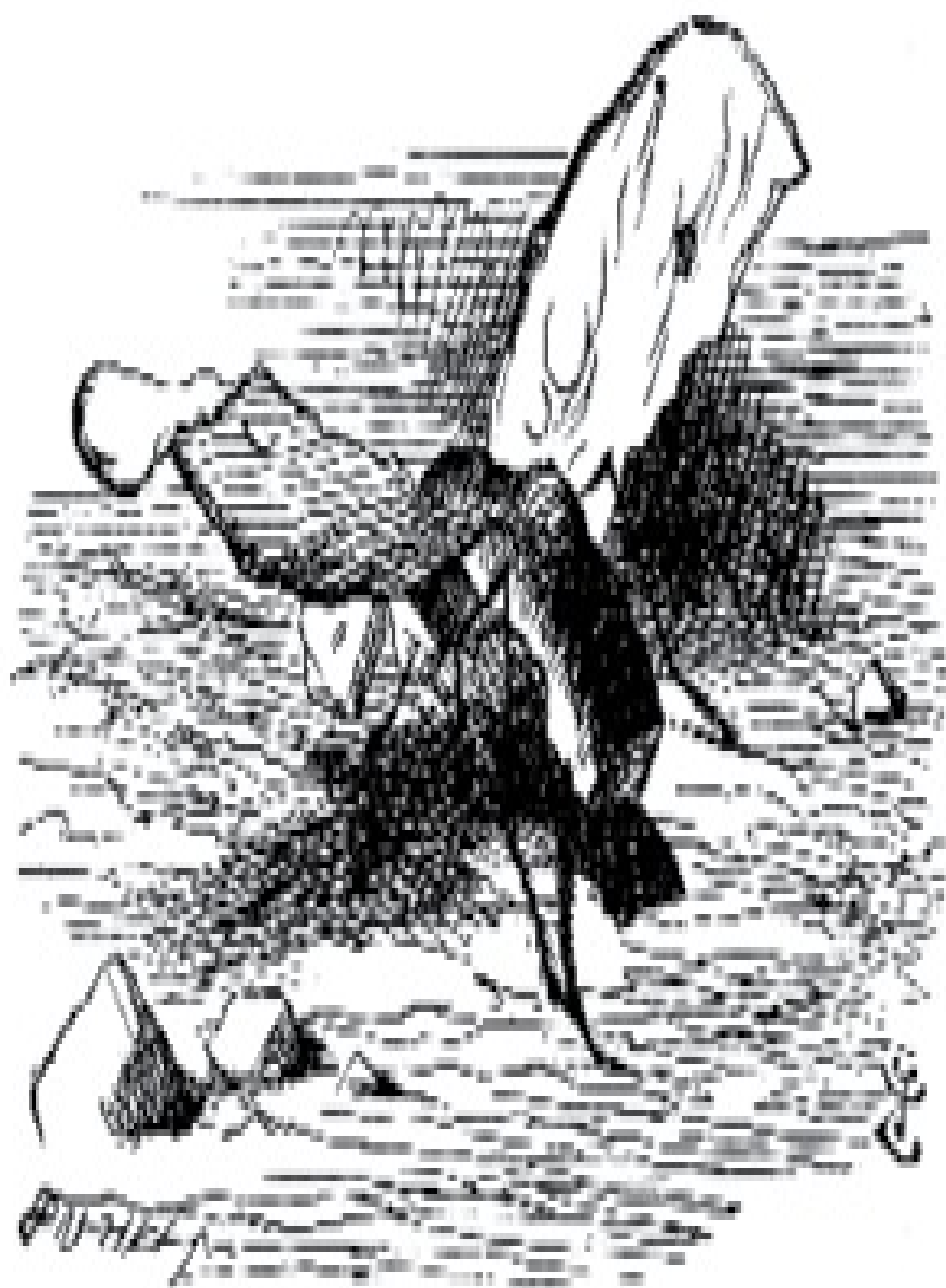
– Seiva e serragem – o mosquito respondeu. – Continue a lista.

Alice olhou para a moscadeira-de-balanço com muito interesse e concluiu que ela tinha acabado de ser repintada, de tão brilhante e pegajosa que estava. Depois continuou:

– E tem a libélula.

– Olhe para o galho acima de sua cabeça – disse o mosquito. – Lá vai encontrar a natélula. Seu corpo é feito de torta de nozes, suas asas são de panetone e a cabeça é uma cereja flambada com conhaque.

– E o que ela come? – Alice perguntou, como antes.

– Rabanadas – o Mosquito respondeu. – E faz seu ninho na árvore de Natal.

– Além desses, tem ainda a borboleta – Alice continuou, após ter observado atentamente o inseto com a cabeça em chamas, e pensado consigo: “Acho que é por isso que os insetos gostam tanto de voar ao redor de velas acesas... porque querem virar Natélulas!”.

– Pousada perto dos seus pés – disse o Mosquito (Alice imediatamente tirou os pés do lugar onde estavam, alarmada) –, você pode ver uma pequena Borboletra. Suas asas são duas letras “B”, o corpo é um “I” e a cabeça é um “O”.

– E o que ela come?

– Chá fraco com creme.

Uma nova dificuldade veio à cabeça de Alice.

– Vamos supor que ela não encontrasse essas coisas... – a menina sugeriu.

– Então ela morreria, claro!

– Mas isso deve acontecer com muita frequência – Alice comentou, pensativa.

– Acontece sempre – disse o Mosquito.

Em seguida, Alice ficou em silêncio por um ou dois minutos, refletindo. Enquanto isso, o mosquito se divertia zumbindo e voando ao redor da cabeça dela. Por fim, ele parou e disse:

– Imagino que você não queira perder seu nome.

– Lógico que não – Alice respondeu, ligeiramente ansiosa.

– Ora, não sei, não – o mosquito falou, com certa indiferença. – Apenas pense em como seria conveniente se você conseguisse voltar pra casa sem ele! Por exemplo, se a governanta quisesse chamá-la na hora de fazer a lição de casa, ou “para casa”, como alguns dizem, ela gritaria: “Venha cá...” e teria de desistir, pois não haveria nenhum nome pra ela chamar. Então, claro, você não teria de ir, não é?

– Isso nunca daria certo, tenho certeza – Alice afirmou. – A governanta nunca

me dispensaria da lição por causa disso. Se ela não pudesse lembrar meu nome, ela gritaria: “Senhorita! Está na hora! Para casa!”.

– Ora, se ela dissesse “para casa” e não dissesse mais nada – o mosquito argumentou –, você poderia dizer: “Já estou em casa!”, e não precisaria fazer sua lição. Foi um trocadilho. Gostaria que você o tivesse feito.

– Por que gostaria que eu tivesse feito? – Alice perguntou. – É um trocadilho muito ruim.

O Mosquito apenas suspirou profundamente, enquanto duas lágrimas grossas rolavam pelo seu rosto.

– Você não deveria fazer piadas – Alice falou –, se isso o faz tão infeliz.

Então, ela ouviu mais um daqueles pequenos suspiros melancólicos e, dessa vez, parece que o pobre mosquito se dissolveu nas próprias lágrimas, pois quando Alice olhou para cima não havia mais nada sobre o graveto. Como estava ficando com frio, depois de estar sentada ali, quieta, por tanto tempo, levantou-se e saiu andando.

Logo, Alice se deparou com um descampado e, do outro lado, um bosque. Este parecia bem mais escuro que o bosque anterior, e ela se sentiu um pouco receosa de entrar. Entretanto, pensando bem, decidiu seguir adiante, “pois pra trás certamente não quero ir”; além do mais, aquele era o único caminho para a Oitava Casa.

“Este deve ser o bosque”, disse para si mesma, pensativa, “onde as coisas não têm nomes”. “O que vai ser do meu nome, quando eu entrar? Não vou gostar nem um pouco de perdê-lo... porque aí teriam de me dar outro, e tenho quase certeza de que seria feio. Por outro lado, seria divertido tentar encontrar a criatura que ficou com meu nome antigo! É exatamente como nos anúncios, sabe, quando as pessoas perdem cachorros... ‘Atende pelo nome de Dash; usava uma coleira de latão’... Imagine sair chamando de Alice tudo o que encontrasse, até que alguma coisa respondesse! Só que se a coisa fosse esperta, não responderia.”

Estava andando e divagando quando chegou ao bosque, que parecia fresco e sombrio.

– Bem, de qualquer maneira, é um grande conforto – a menina falou, enquanto caminhava sob as árvores –, depois de ter ficado com tanto calor, entrar no... no... no quê? – ela disse, bastante surpresa por não conseguir pensar na palavra. – Isto é, ficar debaixo das... debaixo das... debaixo disso, você sabe! – concluiu, pondo a mão no tronco de uma árvore. – Como é que isso se chama mesmo? Acho que nem tem nome... Ora, certamente não tem mesmo!

Alice ficou em silêncio, pensativa, por um minuto; depois, subitamente, começou a falar de novo:

– Quer dizer então que isso acabou realmente acontecendo! E agora, quem sou eu?! Vou conseguir lembrar! Estou decidida a fazer isso!

Mas estar decidida não ajudou muito, e tudo o que ela pôde dizer, depois de quebrar a cabeça, foi:

– L. Eu sei que começa com L!

Nesse momento, apareceu um jovem veado vagando perto dela. O animal observou Alice com seus olhos grandes e meigos, e não pareceu nada assustado.

– Venha cá! Venha cá! – a menina chamou, enquanto estendia a mão e tentava fazer um carinho no bichinho; mas ele apenas recuou um pouco, e ficou olhando para Alice novamente.

– Como você se chama? – o veado finalmente perguntou. Que voz suave ele tinha!

“Gostaria de saber”, pensou a pobre Alice. E respondeu, com tristeza:

– No momento, nada.

– Pense de novo – ele disse. – Esse não serve.

Alice pensou, mas não adiantou nada.

– Por favor, poderia me dizer como você se chama? – falou timidamente. – Acho que isso pode ajudar um pouco.

– Vou lhe dizer se você andar até um pouco mais adiante – o veado respondeu. –

Aqui, não consigo lembrar.

Caminharam juntos pelo bosque, os braços de Alice carinhosamente colocados ao redor do pescoço macio do veado, até chegarem a outro descampado, onde o animal deu um salto no ar e se livrou dos braços de Alice.

– Sou um veado! – gritou alegremente. – Oh, não acredito! Você é uma criança humana! – Uma repentina expressão de alarme apareceu em seus belos olhos marrons, e no momento seguinte ele havia se afastado a toda velocidade.

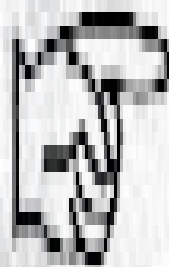
Alice ficou observando sua fuga, prestes a chorar de desgosto por ter perdido tão subitamente seu pequeno e querido companheiro de viagem.

– Pelo menos agora eu sei meu nome – ela disse. – Já é algum consolo. Alice... Alice... não vou esquecer mais. E agora eu me pergunto: qual dessas duas setas devo seguir?

Não era uma pergunta muito difícil de responder, pois havia apenas uma estrada no bosque e as duas setas apontavam para ela. “Vou decidir isso”, Alice disse para si mesma, “quando a estrada se dividir e as placas apontarem para caminhos diferentes”.

Porém, não parecia provável que isso fosse acontecer. Ela seguiu adiante por um longo tempo e, sempre que a estrada se dividia, havia, sem exceção, duas setas com dedos apontando para a mesma direção. Uma dizia:

SIGA POR AQUI PARA

A CASA DE TWEEDLEDUM

E a outra:

PARA A CASA DE

TWEEDLEDEE,

SIGA POR AQUI

– Estou convencida – Alice falou, por fim – de que os dois moram na mesma casa! Não sei como não pensei nisso antes... Mas não posso ficar lá por muito tempo. Vou só dar uma passadinha e dizer: “Como vão vocês? Prazer em conhecê-los!” e perguntar qual é o caminho pra sair do bosque. Se pelo menos eu pudesse chegar à Oitava Casa antes de escurecer!

E assim ela foi em frente, falando consigo mesma enquanto caminhava, até que, ao fazer uma curva, encontrou dois homens pequenos e gorduchos, e isso aconteceu tão subitamente que Alice não pôde evitar recuar um pouco. Porém, no momento seguinte, recuperou-se e teve certeza de que eles só podiam ser...

CAPÍTULO 4

TWEEDLEDUM E TWEEDLEDEE

Os dois estavam de pé, debaixo de uma árvore, cada um com um braço ao redor do pescoço do outro, e logo Alice ficou sabendo quem era quem, porque um deles tinha “DUM” bordado na gola e o outro, “DEE”. “Imagino que cada um tenha ‘TWEEDLE’ na parte de trás da gola”, ela disse para si mesma.

Estavam tão imóveis que ela chegou a esquecer que estavam vivos e já ia dando a volta para ver se a palavra “TWEEDLE” estava bordada atrás da gola de cada um, quando se surpreendeu com uma voz que vinha do que estava marcado como “DUM”.

– Se pensa que somos bonecos de cera – ele disse –, deve pagar, não é? Bonecos de cera não foram feitos pra serem admirados de graça. De jeito nenhum!

– Pelo contrário – acrescentou o que estava marcado como “DEE”. – Se acha que estamos vivos, deve falar.

– Sinto muito, de verdade – isso foi tudo que Alice pôde dizer, pois as palavras da velha canção ficaram ecoando na sua cabeça como o tique-taque de um relógio, e foi quase impossível evitar dizê-las em voz alta.

Tweedledum e Tweedledee

decidiram travar uma batalha sem medo;

pois Tweedledum acusou Tweedledee

de ter quebrado seu novo brinquedo

Então veio do céu um corvo monstruoso,

tão negro quanto um barril de alcatrão.

E os heróis, com susto tão horroroso

até se esqueceram daquela discussão.

– Sei em que você está pensando – disse Tweedledum –, mas não é assim. De jeito nenhum.

– Pelo contrário – continuou Tweedledee. – Se fosse assim, poderia ser; se realmente fosse assim, então seria; mas como não é, não pode ser. É uma questão de lógica.

– Eu estava pensando – Alice falou muito educadamente – sobre qual é o melhor caminho pra sair desse bosque. Está ficando tão escuro! Vocês poderiam me dizer, por favor?

Mas os pequenos homens gorduchos apenas se entreolharam e sorriram.

Eram tão parecidos com uma dupla de colegas de escola que Alice não pôde deixar de apontar o dedo para Tweedledum e dizer:

– Primeiro aluno!

– De jeito nenhum! – Tweedledum gritou imediatamente, e fechou a boca de novo, com um estalo.

– Próximo aluno! – Alice falou, passando para Tweedledee, embora estivesse praticamente certa de que ele iria apenas gritar: “Pelo contrário!”. E foi exatamente o que ele fez.

– Você começou de modo errado! – gritou Tweedledum. – A primeira coisa numa visita é dizer “muito prazer” e apertar as mãos!

Nesse momento, os dois irmãos se abraçaram, e em seguida estenderam as mãos livres para apertar as mãos dela. Alice não quis apertar a mão de nenhum deles primeiro, por medo de ferir os sentimentos do outro. Assim, achou que a melhor maneira de enfrentar a dificuldade era apertar as mãos dos dois ao mesmo tempo. No momento seguinte, estavam os três dançando em círculo. Isso pareceu totalmente natural (Alice lembrou depois), e ela nem se surpreendeu ao ouvir música tocando. A sensação era de que a música vinha da árvore sob a qual estavam dançando, e era produzida (pelo que ela foi capaz de concluir) pela fricção dos galhos uns nos outros, como ocorre com o arco e as cordas de um violino.

– E, com certeza, foi divertido – Alice afirmou mais tarde, quando estava contando toda a história para sua irmã – me ver cantando “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar”. Não sei quando comecei, mas, de algum modo, a sensação que tive era de que estava cantando aquilo por muito, muito tempo!

Os outros dois dançarinos eram mais gordos, e logo ficaram sem fôlego.

– Quatro voltas bastam para uma dança – Tweedledum falou, ofegante, e eles pararam de dançar tão subitamente quanto começaram; a música parou de tocar no mesmo momento.

Então, soltaram as mãos de Alice e ficaram olhando para ela por um minuto. Houve uma pausa de certa forma embaraçosa, pois Alice não sabia como começar uma conversa com pessoas com as quais havia acabado de dançar. “Nunca daria certo falar ‘muito prazer’ agora”, disse para si mesma. “Parece que, de algum modo, já passamos desse ponto!”

– Espero que não estejam muito cansados?! – ela disse, por fim.

– De jeito nenhum. E muito obrigado por perguntar – disse Tweedledum.

– Muitíssimo grato! – acrescentou Tweedledee. – Gosta de poesia?

– S-sim, muito... de algumas poesias – Alice respondeu, hesitante. – Vocês poderiam me dizer qual estrada leva para fora do bosque?

– O que devo recitar para ela? – disse Tweedledee, dirigindo-se solenemente, e com os olhos arregalados, a Tweedledum, e ignorando totalmente a pergunta de Alice.

– A Morsa e o Carpinteiro é a mais longa – Tweedledum respondeu, dando um abraço afetuoso no irmão.

E Tweedledee começou imediatamente:

O sol brilhava sobre o mar...

Nesse ponto, Alice arriscou-se a interrompê-lo.

– Se é muito longa – disse, da maneira mais bem-educada que pôde –, vocês

poderiam, por favor, me dizer antes qual estrada...

Tweedledee sorriu amavelmente e começou de novo:

O Sol brilhava sobre o mar,

brilhava com todo o vigor;

ele dava tudo de si para deixar

as ondas suaves e brilhantes...

E isso era estranho porque

a noite já estava na metade.

A Lua brilhava sombria,

pois achava que o Sol

só devia brilhar durante o dia;

não tinha direito de lá estar...

“É muito rude”, ela dizia,

“a nossa alegria atrapalhar!”.

O mar estava tão molhado quanto podia;

mais secas as areias não podiam estar.

Não se via uma nuvem no céu,

porque nenhuma estava a pairar.

Nenhum pássaro voando no alto:

não havia pássaros pra voar.

A Morsa e o Carpinteiro

andavam lado a lado;

e choraram como ninguém, ao ver

tamanha quantidade de areia.

“Se ao menos isso fosse removido daqui”,

disseram, “seria tão grandioso!”

“Se sete donzelas, com sete esfregões,

varressem tudo durante um ano,

você acha”, disse a Morsa,

“que conseguiriam remover tudo?”.

“Duvido”, o Carpinteiro falou

e uma amarga lágrima derramou.

“Oh, Ostras, venham caminhar conosco!”

a Morsa humildemente suplicou.

“Uma caminhada gostosa, uma conversa gostosa,

ao longo da praia salgada.

Não podemos ser mais de quatro

para todos se darem as mãos.”

A Ostra mais velha olhou para ela,

mas nem mesmo uma palavra falou;

a Ostra mais velha um olho piscou

e sua pesada cabeça balançou...

Querendo dizer que não optou

por deixar para trás a sua morada.

Porém, quatro ostras jovens se apressaram,

muito ansiosas pelo regalo;

seus casacos estavam escovados, seus rostos lavados.

Os sapatos, limpos e bem-cuidados...

E isso era estranho porque, como se sabe,

elas não tinham pés.

Quatro outras Ostras as seguiram,

e ainda mais quatro,

eram muitas e vinham depressa,

cada vez mais, e mais, e mais...

todas saltando as ondas espumadas

e depois ficando na praia esparramadas.

A Morsa e o Carpinteiro

Andaram um quilômetro e meio;

Depois deitaram numa pedra

para descansar do passeio.

E todas as pequenas ostras pararam

e em fila esperaram.

“A hora chegou”, a Morsa declarou,

“de falar de várias coisas:

de navios... lacres... e sapatos...

de repolhos... e de reis...

de saber se o mar fervilha

e se os porcos têm asas.

“Espere um pouco”, as Ostras protestaram,

“antes de termos nossa conversinha,

pois algumas de nós estão sem fôlego

e todas estão gordinhas!”

“Não há pressa”, disse o Carpinteiro.

E as Ostras logo agradeceram.

“Um bom pedaço de pão”, disse a Morsa,

“é o que mais vai nos ajudar;

e também vinagre e pimenta

são bons para temperar...

E agora, se estão prontas,

nós já podemos jantar”.

“Querem nos comer?”, as ostras gritaram,

e por pouco não desmaiaram.

“Depois de tanta gentileza,

isso seria uma grande safadeza!”

“A noite está linda!”, a Morsa falou,

“Não acham que está uma beleza?”.

“Foram tão amáveis conosco!

E são mesmo uma simpatia!”

O Carpinteiro não disse nada,

além de: "Quero mais uma fatia!

Estão sofrendo de surdez?

Tive de pedir mais de uma vez!".

"É muito vergonhoso", a Morsa falou,

"enganá-las dessa maneira,

depois de trazê-las de tão longe,

e fazê-las trotar tão depressa!".

O Carpinteiro não disse nada,

além de: "Tem pouca manteiga, ora essa!".

"Choro por vocês", a Morsa falou,

"Sinto profundamente".

Entre soluços e lágrimas, ela separou

as maiores, cuidadosamente,

e com o lenço de bolso enxugou

os olhos transbordantes.

“Oh, Ostras”, disse o Carpinteiro,

fizeram uma corrida agradável!

Vamos voltar pra casa agora?

Mas não houve resposta nenhuma...

E isso não foi nada estranho, porque

tinham comido todas, uma a uma.

– Gosto mais da Morsa – falou Alice – porque ela ficou um pouco solidária com as pobres ostras.

– Mas comeu mais que o Carpinteiro – disse Tweedledee. – Você viu que ela pôs seu lenço na frente, para que o Carpinteiro não pudesse ver quantas ela pegou. Pelo contrário!

– Isso foi mesquinho! – Alice falou, indignada. – Então gosto mais do Carpinteiro... Já que não comeu tantas quanto a Morsa.

– Mas comeu o máximo que conseguiu – disse Tweedledum.

Isso era um dilema. Após uma pausa, Alice começou:

– Ora! Ambos eram muito desagradáveis...

Nesse momento, ela parou de falar, alarmada ao ouvir algo que achou parecido com o sopro de uma locomotiva a vapor no bosque perto deles, embora temesse ser, mais provavelmente, uma fera selvagem.

– Existem leões ou tigres por aqui? – ela perguntou timidamente.

– É apenas o Rei Vermelho roncando – disse Tweedledee.

– Venha vê-lo! – os dois irmãos exclamaram e, cada um segurando uma mão de Alice, levaram a menina até onde o Rei estava dormindo.

– Ele não é adorável de se ver? – disse Tweedledum.

Alice não podia dizer honestamente que era. O Rei, com uma touca de dormir comprida e vermelha, com um pompom na ponta, estava encolhido de modo a parecer uma trouxa suja e mal-arrumada, e roncava alto... “Roncos que poderiam arrancar fora sua cabeça”, como Tweedledum observou.

– Será que ele não vai pegar um resfriado por ficar sobre essa grama úmida? – questionou Alice, que era uma menina muito sensata.

– Está sonhando agora – disse Tweedledee. – Com que você acha que ele está sonhando?

Alice respondeu:

– Ninguém pode adivinhar isso.

– Ora, está sonhando com você! – Tweedledee exclamou, batendo palmas triunfantemente. – E se ele deixasse de sonhar com você, onde imagina que você estaria?

– Onde estou agora, claro – Alice respondeu.

– Errado! – Tweedledee retrucou, com desdém. – Você não estaria em lugar nenhum. Ora, você é apenas uma das coisas do sonho dele!

– Se aquele Rei acordar agora – acrescentou Tweedledum –, você some... Puf!... Exatamente como uma vela!

– Nada disso! – Alice exclamou, indignada. – Além disso, se eu sou apenas uma das coisas do sonho dele, o que vocês são? É o que eu gostaria de saber!

– Idem! – disse Tweedledum.

– Idem! – gritou Tweedledee.

Gritou tão alto que Alice não pôde deixar de dizer:

– Shh! Se continuar fazendo tanto barulho, vai acordá-lo, eu acho.

– Olhe, não adianta nada você ficar falando sobre acordá-lo –, já que é apenas uma das coisas do sonho dele. Sabe muito bem que você não é real.

– Sou real! – Alice falou e começou a chorar.

– Chorar não vai tornar você nem um pouco mais real – Tweedledee observou. – Não há por que chorar.

– Se eu não fosse real – Alice falou, rindo entre as lágrimas, pois tudo aquilo parecia muito ridículo –, eu não seria capaz de chorar...

– Espero que não esteja pensando que essas lágrimas são... reais?! – Tweedledum interrompeu, em tom de grande descaso.

“Sei que estão falando coisas absurdas”, Alice pensou consigo, “e é bobagem chorar por causa disso”. Então, enxugou as lágrimas e falou, tão alegremente quanto possível:

– De qualquer modo, é melhor eu sair do bosque, pois está ficando realmente muito escuro. Acham que vai chover?

Tweedledum abriu um grande guarda-chuva sobre ele mesmo e sobre o irmão, e, olhando para o teto do guarda-chuva, respondeu.

– Não. Acho que não – disse. – Pelo menos, aqui debaixo não. De jeito nenhum.

– Mas pode chover aqui fora?

– Pode... se ela quiser – Tweedledee respondeu. – Não temos nenhuma objeção. Pelo contrário.

“Seres egoístas!”, Alice pensou, e estava prestes a dizer: “boa noite” e deixá-los, quando Tweedledum saiu rapidamente de onde estava e a segurou pelo pulso.

– Está vendo aquilo? – disse, com uma voz sufocada de emoção, e seus olhos ficaram grandes e amarelos enquanto apontava um dedo trêmulo para uma coisa pequena e branca sob a árvore.

– É só um chocalho – Alice falou, após examinar cuidadosamente a pequena coisa branca. – Não é o chocalho de uma cobra cascavel, fique tranquilo – ela acrescentou imediatamente, achando que ele estava com medo. – É apenas um chocalho velho... bem velho, e quebrado.

– Sei o que é! – Tweedledum gritou e começou a bater violentamente os pés no chão e a arrancar fios do próprio cabelo. – É claro que está quebrado!

Ao dizer isso, olhou para Tweedledee, que imediatamente sentou no chão e tentou se esconder sob o guarda-chuva. Alice pôs a mão sobre o ombro de

Tweedledum e disse, tentando tranquilizá-lo:

– Não precisa ficar tão bravo por causa de um chocalho velho.

– Mas ele não é velho! – Tweedledum gritou, mais furioso que nunca. – É novo, estou lhe dizendo... Comprei ontem... Meu belo chocalho NOVO! – sua voz soou como um verdadeiro berro.

Durante todo esse tempo, Tweedledee tentava, da melhor maneira que podia, fechar o guarda-chuva mantendo-se dentro, o que era uma coisa tão extraordinária de se fazer que desviou a atenção de Alice do irmão zangado. Porém, é claro que ele não poderia ser bem-sucedido, e acabou caindo no chão, embrulhado no guarda-chuva, com apenas a cabeça de fora. E lá ficou, abrindo e fechando a boca e os olhos arregalados... "parecendo mais um peixe do que qualquer outra coisa", Alice pensou.

– Sem dúvida, você concorda em travarmos uma batalha, não é? – Tweedledum falou, mais calmo.

– Acho que sim – o outro respondeu, mal-humorado, enquanto rastejava para fora do guarda-chuva. – Só que ela tem de nos ajudar com os trajes, você sabe disso.

Em seguida, os dois irmãos saíram de mãos dadas e voltaram um minuto depois, com os braços cheios de coisas... coisas como travesseiros, cobertores, pequenos tapetes, toalhas de mesa, tampas de panelas e baldes de carvão.

– Espero que você seja habilidosa com alfinetes e cordas! – Tweedledum observou. – Cada uma dessas coisas tem que ser encaixada, de um jeito ou de outro.

Alice contou depois que nunca tinha visto tanta confusão a respeito de nada em toda a sua vida. O modo como aqueles dois se alvoroçaram... e a quantidade de coisas que puseram sobre si mesmos... e o trabalho que lhe deram, tendo de amarrar cordas e prender coisas... "Desse jeito, quando estiverem prontos, vão estar mais parecidos com trouxas de roupas velhas do que qualquer outra coisa", ela pensava enquanto ajeitava um travesseiro ao redor do pescoço de Tweedledee, "para impedir que fosse decapitado", ele explicou.

– Sabe – ele acrescentou, muito sério –, é uma das piores coisas que podem acontecer com alguém numa batalha... ser decapitado.

Alice riu alto, mas conseguiu disfarçar com uma tosse, por medo de ferir os sentimentos dele.

– Estou muito pálido? – Tweedledum perguntou, aproximando-se para que ela prendesse seu capacete (ele chamava aquilo de capacete, embora, com certeza, parecesse bem mais uma panela).

– Bem... sim... um pouco – Alice respondeu gentilmente.

– Em geral, sou muito valente – ele disse, em voz baixa. – Só que hoje estou com dor de cabeça.

– E eu estou com dor de dente – falou Tweedledee, que tinha escutado o comentário. – Estou muito pior que você!

– Então, é melhor não lutarem hoje – Alice sugeriu, pensando que essa era uma boa oportunidade para eles fazerem as pazes.

– Nós temos de lutar um pouco, mas não faço questão de fazer isso por muito tempo – disse Tweedledum. – Que horas são agora?

Tweedledee olhou para o relógio e respondeu:

– Quatro e meia.

– Vamos lutar até as seis horas, e depois vamos jantar – disse Tweedledum.

– Está bem – o outro concordou, meio triste. – E ela pode assistir... só recomendo que não chegue muito perto – acrescentou. – Em geral, bato em tudo o que vejo quando fico realmente empolgado.

– E eu bato em tudo o que está ao meu alcance – gritou Tweedledum –, esteja vendo ou não!

Alice riu.

– Imagino que batam nas árvores com muita frequência – ela disse.

Tweedledum olhou ao redor, com um sorriso de satisfação.

– Acho – falou – que não vai sobrar nenhuma em pé, por toda essa região, quando terminarmos a batalha!

– E tudo por causa de um chocalho! – Alice comentou, ainda com esperança de fazer com que se sentissem um pouco envergonhados por brigarem por um motivo tão sem importância.

– Eu não teria me incomodado tanto – disse Tweedledum –, se o chocalho não fosse novo.

“Gostaria que o corvo monstruoso chegasse!”, Alice pensou.

– Temos apenas uma espada, como sabe – Tweedledum falou com o irmão. – Mas você pode usar o guarda-chuva... É quase tão pontudo quanto a espada. Só que temos de começar logo, está escurecendo muito depressa.

– Cada vez mais – disse Tweedledee.

Estava escurecendo tão subitamente que Alice achou que só poderia ser uma tempestade se formando.

– Que nuvem negra e grossa é essa?! – ela disse. – E como está vindo depressa! Ora, posso jurar que ela tem asas!

– É o corvo! – Tweedledum gritou com uma voz estridente, alarmado, e os dois irmãos fugiram tão depressa que, no momento seguinte, já haviam desaparecido.

Alice entrou correndo no bosque e parou debaixo de uma grande árvore. “Ele nunca vai me pegar aqui”, ela pensou. “É grande demais pra se espremer entre as árvores. Mas gostaria que ele não batesse tanto as asas... Parece que tem um furacão passando pelo bosque... Ei, o xale de alguém está sendo levado pelo vento!”

CAPÍTULO 5

LÃ E ÁGUA

Alice pegou o xale enquanto falava e olhou em volta, procurando a dona. No momento seguinte, a Rainha Branca chegou correndo descontroladamente pelo bosque, com os braços bem abertos, como se estivesse voando, e Alice foi gentilmente ao seu encontro levando o xale.

– Estou muito contente porque consegui pegá-lo – Alice falou, enquanto ajudava a Rainha a colocar o xale de novo.

A Rainha Branca apenas olhou para a menina com uma expressão de medo e desamparo, e ficou repetindo para si mesma, num sussurro, alguma coisa que parecia "pão com manteiga, pão com manteiga". Alice achou que, se era para haver uma conversa, ela teria de tomar a iniciativa. Então disse, meio timidamente:

– Tweedledee e Tweedledum aprontaram uma confusão danada...

– Você chama aquilo de aprontar? Não é a minha noção de aprontar, absolutamente. E isso não é jeito de puxar assunto.

Alice achou que não era conveniente ter uma discussão logo no início da conversa, portanto sorriu e disse:

– Se Vossa Majestade me disser o jeito certo, vou fazer da melhor maneira que puder.

– Mas não quero que faça nada! – gemeu a pobre Rainha. – Estou tentando me aprontar há duas horas.

Teria sido bem melhor, pareceu a Alice, se ela tivesse contado com a ajuda de alguém para se aprontar, pois estava terrivelmente desarrumada. "Está tudo torto", Alice pensou consigo, "e tem alfinetes em todos os lugares!".

– Posso endireitar seu xale pra você? – ela perguntou em voz alta.

– Não sei qual é o problema dele – a Rainha falou, com voz melancólica. – Acho que está de mau humor. Já alfinetei aqui, já alfinetei ali, mas nada parece agradá-lo!

– Ele não pode ficar direito, sabe, se prendê-lo todo de um só lado – Alice falou,

enquanto arrumava o xale delicadamente. – Nossa, olhe o estado do seu cabelo!

– A escova ficou presa nele! – a Rainha falou e suspirou. – E perdi o pente ontem.

Alice soltou a escova cuidadosamente e fez o que pôde para pôr o cabelo em ordem.

– Veja, sua aparência está bem melhor agora! – disse, após mudar de lugar a maior parte dos alfinetes. – Mas, realmente, a senhora deveria ter uma criada pessoal!

– Com certeza, terei muito prazer em contratar você! – a Rainha falou. – Dois centavos por semana e geleia dia sim, dia não.

Alice não pôde evitar uma gargalhada, enquanto dizia:

– Não quero que me contrate... E não ligo pra geleia.

– É uma geleia muito boa – disse a Rainha.

– Bem, de qualquer modo, não quero nenhuma hoje.

– Nem poderia comer, mesmo se quisesse – a Rainha falou. – A regra é: geleia amanhã e geleia ontem... mas nunca geleia hoje.

– Algumas vezes deve acontecer “geleia hoje” – Alice argumentou.

– Impossível – disse a Rainha. – Tem de ser geleia amanhã e geleia ontem; e hoje nunca vai ser amanhã ou ontem.

– Não estou entendendo – Alice falou. – Isso é terrivelmente confuso!

– É o efeito de viver pra trás – a Rainha falou amavelmente. – Sempre confunde um pouco, no início...

– Viver pra trás! – Alice repetiu, perplexa. – Nunca ouvi falar de uma coisa assim!

– Tem uma grande vantagem nisso: a memória funciona nos dois sentidos.

– Tenho certeza de que a minha só funciona num sentido – Alice afirmou. – Não consigo me lembrar das coisas antes de elas acontecerem.

– É um tipo de memória pobre essa que só funciona pra trás! – a Rainha

observou.

– Que tipo de coisas a senhora se lembra melhor? – Alice se arriscou a perguntar.

– Oh, coisas que aconteceram na semana seguinte à próxima – a Rainha respondeu, com certo descaso. – Por exemplo, agora – ela continuou, colocando um pedaço grande de curativo no dedo, enquanto falava –, há o Mensageiro do Rei. Ele está na prisão neste momento, sendo punido. E o julgamento nem começa antes da próxima quarta-feira. E é claro que o crime vai acontecer no final de tudo.

– E se ele nunca cometer o crime? – Alice perguntou.

– Isso seria ainda melhor, não acha? – a Rainha falou, prendendo o curativo ao redor do dedo com um pedaço de fita.

Alice sentiu que não havia como negar.

– Claro que seria ainda melhor – ela disse –, mas não seria melhor ele ter sido punido?

– Está totalmente errada nesse ponto – a Rainha falou. – Você já foi punida alguma vez?

– Só quando tive culpa – respondeu Alice.

– E você ficou muito melhor por isso, eu sei! – a Rainha afirmou, triunfante.

– Sim, mas eu tinha feito as coisas pelas quais fui punida – Alice argumentou. – Isso faz toda a diferença.

– Ora, se você não as tivesse feito – a Rainha retrucou –, teria sido ainda melhor... melhor... e melhor... e melhor!

Sua voz foi ficando mais alta a cada “melhor”, até que, por fim, virou praticamente um guincho.

Alice estava começando a dizer “Tem alguma coisa errada aí...”, quando a Rainha começou a gritar tão alto que a menina teve de deixar a frase inacabada.

– Ai, ai, ai! – berrava a Rainha, sacudindo a mão com força, como se quisesse arrancá-la do corpo. – Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai, ai!

Seus gritos eram tão iguais ao assovio de uma locomotiva a vapor que Alice teve de tampar os ouvidos com as mãos.

– Qual é o problema? – perguntou, assim que teve uma oportunidade de ser ouvida. – A senhora furou o dedo?

– Ainda não – a Rainha respondeu. – Mas vai acontecer logo... Ai, ai, ai!

– Quando acha que vai fazer isso? – Alice perguntou, sentindo muita vontade de rir.

– Quando for prender meu xale de novo – a pobre Rainha murmurou. – O broche vai se abrir imediatamente e... Ai, ai!

Quando ela acabou de dizer isso, o broche se abriu e a Rainha o agarrou violentamente, tentando fechá-lo outra vez.

– Tome cuidado! – gritou Alice. – Está segurando da forma errada! – E ela mesma tentou fechar o broche, mas já era tarde demais. O alfinete dele tinha escorregado e furado o dedo da Rainha.

– Esse é o motivo do sangramento, está vendo? – ela falou, sorrindo. – Agora você entende como as coisas acontecem por aqui.

– E por que a senhora não grita agora? – a menina perguntou, pronta para pôr as mãos sobre os ouvidos de novo.

– Ora, já gritei o tanto que tinha de gritar – disse a Rainha. – Pra que fazer isso de novo?

A essa altura, o céu estava clareando.

– O corvo deve ter voado pra longe daqui, eu acho – Alice falou. – Estou tão contente por ele ter ido embora! Pensei que era a noite que estava chegando.

– Queria muito conseguir ficar contente! – a Rainha lamentou. – Mas eu nunca lembro a regra. Você deve ser muito feliz, vivendo neste bosque e ficando contente sempre que deseja!

– Só que aqui fico muito solitária! – Alice falou, com a voz melancólica; e, ao

pensar em sua solidão, deixou duas grandes lágrimas rolarem sobre as bochechas.

– Oh, não fique assim! – gritou a pobre Rainha, torcendo as mãos, desesperada. – Pense na ótima menina que você é. Pense no longo caminho que você percorreu hoje. Pense em que horas são. Pense em qualquer coisa, mas não chore!

Alice não pôde deixar de rir disso, mesmo em meio às lágrimas.

– A senhora consegue parar de chorar quando pensa em outras coisas? – perguntou.

– É assim que se faz – a Rainha falou, bastante decidida. – Ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, sabe disso. Pra começar, vamos pensar na sua idade... Quantos anos você tem?

– Sete anos e meio, exatamente.

– Não precisa dizer exatualmente – a Rainha observou. – Acredito que acabou de completar essa idade. Agora vou dizer uma coisa pra você acreditar. Tenho precisamente cento e um anos, cinco meses e um dia.

– Não posso acreditar nisso! – Alice exclamou.

– Não pode? – a Rainha falou, com ar de piedade. – Tente de novo; respire bem fundo e feche os olhos.

Alice riu.

– Não adianta eu tentar – ela disse. – Não se pode acreditar em coisas impossíveis.

– Devo dizer que é porque você não tem muita prática – disse a Rainha. – Quando tinha sua idade, eu sempre fazia isso por meia hora todo dia. Ora, às vezes, eu acreditava em até seis coisas impossíveis antes mesmo do café da manhã. Lá se vai o xale outra vez!

O broche tinha se aberto enquanto ela falava, e uma súbita rajada de vento soprou o xale da Rainha para o outro lado de um pequeno riacho. A Rainha abriu

os braços novamente e foi voando atrás dele. Dessa vez, conseguiu agarrá-lo sozinha.

– Peguei! – gritou, triunfante. – Agora você vai ver que vou prendê-lo de novo, sozinha!

– Então seu dedo está melhor, espero?! – Alice falou, muito educadamente, enquanto atravessava o riacho atrás da Rainha.

* * *

– Oh, muito melhor! – a Rainha gritou, e sua voz foi aumentando e se transformando num guincho, enquanto ela prosseguia. – Muito me-elhor! Me-elhor! Me-e-e-elhor! Me-e-ééé!

A última palavra foi um longo balido, tão parecido com o de uma ovelha que Alice teve um grande sobressalto. Ela olhou para a Rainha, que parecia ter se enrolado subitamente em lã. A menina esfregou os olhos e olhou de novo. Não conseguia, de jeito nenhum, entender o que havia acontecido. Estava numa loja?! E aquilo era realmente... era realmente uma... ovelha sentada do outro lado do balcão?! Por mais que esfregasse os olhos, só entendia isto: estava numa pequena loja escura, com os cotovelos apoiados sobre um balcão e, à sua frente, do outro lado, tinha uma ovelha idosa, sentada numa poltrona, bordando. De vez em quando, a ovelha parava para olhar Alice através de um grande par de óculos.

– O que você quer comprar? – a ovelha disse, finalmente, erguendo os olhos do bordado.

– Ainda não sei bem – Alice respondeu muito gentilmente. – Gostaria de olhar tudo ao redor primeiro, se puder.

– Pode olhar à sua frente e dos dois lados, se quiser – disse a ovelha. – Mas não pode olhar tudo ao seu redor... a não ser que tenha olhos na parte de trás de sua cabeça.

Isso, pelo que sabemos, Alice não tinha. Portanto, a menina se contentou em dar uma volta na loja, olhando as prateleiras das quais se aproximava.

A loja parecia estar cheia de todo o tipo de coisas curiosas... Mas o que havia de mais estranho ali era que toda vez que Alice olhava fixamente para uma prateleira, tentando saber exatamente o que havia ali, ela estava completamente vazia, embora as outras em volta estivessem muito cheias, lotadas mesmo.

– Como as coisas passeiam por aqui! – a menina disse, por fim, em tom de queixa, depois de ter passado aproximadamente um minuto perseguindo, em vão, uma coisa grande e brilhante que às vezes parecia uma boneca e, outras vezes, uma caixa de costura, e que estava sempre na prateleira acima da que ela estava observando. – E isso é a coisa mais irritante de todas... Ora, já sei o que fazer... – acrescentou, quando uma ideia lhe veio à cabeça. – Vou seguir isso até a prateleira mais alta de todas. Então, a coisa vai ficar confusa quando tiver de atravessar o teto; pelo menos, é o que espero que aconteça!

Mas nem esse plano deu certo: a “coisa” atravessou o teto na maior tranquilidade, como se estivesse totalmente acostumada a fazer isso.

– Você é uma criança ou um pião? – a ovelha perguntou, enquanto pegava outro par de agulhas. – Vai me deixar tonta daqui a pouco, se continuar girando desse jeito. Ela agora estava trabalhando com catorze pares de agulhas ao mesmo tempo, e Alice, muito espantada, não pôde deixar de observá-la.

“Como ela consegue bordar com tantas agulhas?”, pensou, confusa. “E a cada minuto que passa, ela fica mais parecida com um porco-espinho!”

– Sabe remar? – a ovelha perguntou, estendendo-lhe um par de agulhas de tricô enquanto falava.

– Sei, um pouco... mas não na terra, nem com agulhas... – Alice estava começando a falar quando as agulhas em suas mãos se transformaram subitamente em remos, e ela percebeu que estavam num pequeno barco, deslizando entre duas margens. Sendo assim, não havia nada mais a fazer, exceto dar o melhor de si.

– Vire as pás dos remos! – gritou a ovelha, enquanto pegava outro par de agulhas.

Isso não pareceu uma fala que precisasse de resposta; portanto, Alice não disse nada, apenas continuou remando. Havia algo muito esquisito em relação à água, ela pensou, pois de vez em quando os remos ficavam presos nela e só saíam com muita dificuldade.

– Vire as pás! Vire as pás! – a ovelha gritou novamente, pegando mais agulhas. – Assim vai acabar pescando um caranguejo!

“Um lindo caranguejinho”, pensou Alice, “vou gostar disso!”.

– Não me ouviu dizer pra virar as pás? – a ovelha gritou zangada, pegando um grande punhado de agulhas.

– Com certeza, ouvi – Alice falou. – Disse várias vezes... e muito alto. Por favor, onde estão os caranguejos?

– Na água, é claro! – disse a ovelha, prendendo algumas das agulhas no cabelo, pois suas mãos estavam muito cheias. – Vire as pás, eu repito!

– Por que fala isso tantas vezes? – Alice perguntou, por fim. – Estou remando

direito.

– Não, não está – disse a Ovelha. – Está parecendo uma pata-choca.

Alice se ofendeu um pouco com isso, então não houve mais conversas por um ou dois minutos, enquanto o barco deslizava suavemente, às vezes entre algas (que faziam com que os remos se prendessem mais do que nunca dentro da água), às vezes sob as árvores, mas sempre ladeado por barrancos altos que pareciam fazer caretas para elas.

– Oh, por favor! Tem juncos perfumados ali! – Alice gritou, num repentino momento de êxtase. – Tem mesmo... e são tão lindos!

– Não precisa me dizer "por favor" por causa deles – a ovelha falou, sem tirar os olhos de seu tricô. – Eu não os coloquei ali, e não vou tirar.

– Não, o que eu quis dizer foi: por favor, podemos ir até lá e colher alguns? – ela suplicou. – Se não se importar de parar o barco por um minuto.

– Como eu vou pará-lo? – disse a ovelha. – Se você deixar de remar, ele vai parar por si mesmo.

Então, o barco seguiu à deriva pelo riacho até se aproximar suavemente dos juncos, que balançavam ao vento. Em seguida, as pequenas mangas do vestido foram cuidadosamente dobradas e os braços delicados foram mergulhados até os cotovelos para segurarem os juncos, bem fundo, antes de colhê-los... E, por algum tempo, Alice esqueceu completamente da ovelha e seu tricô, enquanto se inclinava sobre a borda do barco, com as pontas do cabelo emaranhadas dentro da água e os olhos brilhantes e cheios de entusiasmo, e arrancava feixes e mais feixes do maravilhoso junco perfumado.

"Só espero que o barco não vire", disse para si mesma. "Oh, que encantador aquele ali! Pena que não consigo alcançá-lo!" Certamente, e realmente, pareceu um pouco irritante ("quase como se acontecesse de propósito", ela pensou) o fato de que, embora ela conseguisse pegar muitos juncos bonitos à medida que o barco deslizava, sempre havia um ainda mais encantador que, no entanto, seu braço não alcançava.

– Os mais belos estão sempre mais longe! – ela disse, por fim, com um suspiro, diante da teimosia dos juncos em crescer tão distantes da margem, enquanto,

com as bochechas coradas, o cabelo e as mãos pingando, engatinhava de volta para seu assento, onde começou a organizar seus recém-encontrados tesouros.

O que importava para ela, naquele momento, o fato de que que os juncos começavam a desbotar e perder completamente seu perfume e sua beleza, a partir do instante exato em que os havia colhido? Sabemos que até mesmo juncos perfumados verdadeiros duram muito pouco... E aqueles, sendo juncos de sonho, derretiam quase como neve, empilhados aos pés de Alice... Mas ela quase nem percebeu, pois tinha muitas outras coisas curiosas para pensar.

Não haviam ido muito longe quando a pá de um dos remos ficou presa dentro da água e se recusava a sair de novo (assim Alice explicou depois). A consequência disso foi que o cabo do remo bateu no queixo dela e, apesar de uma série de pequenos “Ai! Ai! Ai!” da pobre Alice, arrancou-a do assento e atirou-a sobre a pilha de juncos.

No entanto, ela não ficou nem um pouco machucada, e logo estava de pé novamente. A ovelha continuava com seu tricô, como se nada estivesse acontecendo.

– Que belo caranguejo você pegou! – ela comentou, quando Alice voltou para seu assento, aliviada por se ver ainda dentro do barco.

– Era mesmo? Não vi – Alice falou, espiando cuidadosamente, pela borda do barco, a água escura. – Queria que ele não tivesse escapado... Eu gostaria tanto de levar um caranguejinho pra casa comigo!

Porém, a ovelha apenas riu com desdém e continuou a tricotar.

– Existem muitos caranguejos por aqui? – Alice perguntou.

– Caranguejos e todos os tipos de coisas – a ovelha respondeu. – Há muitas opções. É só você se decidir. E então, o que quer comprar?

– Comprar?! – Alice repetiu num tom que era, em parte, de espanto, e, em parte, de medo... pois os remos, o barco e o rio haviam desaparecido de repente, e ela estava de volta à pequena loja escura.

– Gostaria de comprar um ovo, por favor – disse timidamente. – Quanto custam os ovos?

– São cinquenta centavos por um... vinte centavos por dois – a ovelha respondeu.

– Então fica mais barato se eu comprar dois do que se levar apenas um? – Alice falou num tom de surpresa, enquanto abria a bolsa.

– Só que tem de comer ambos, se comprar dois – disse a ovelha.

– Então, quero um, por favor – Alice falou, enquanto punha o dinheiro sobre o balcão, pois tinha pensado: “Esses ovos podem não estar muito bons”.

A Ovelha pegou o dinheiro e guardou numa caixa. Depois disse:

– Nunca ponho as coisas nas mãos das pessoas. Isso jamais daria certo... Você mesma tem de pegar o ovo.

Enquanto falava, foi até o outro extremo da loja e colocou o ovo em pé sobre uma prateleira.

“Por que será que não daria certo?”, Alice pensou, quando avançava tateando os móveis para chegar à prateleira, pois aquela parte da loja era ainda mais escura. “Quanto mais eu me aproximo do ovo, mais distante ele parece estar. Deixe-me ver... isso é uma cadeira? Ora, tem galhos, posso jurar! É muito estranho encontrar árvores crescendo nesse lugar! E, na verdade, aqui tem um pequeno riacho! Nossa, essa é a loja mais esquisita que eu já vi!”

* * *

E Alice seguiu adiante, ficando mais e mais surpreendida a cada passo que dava, pois tudo se transformava em árvores no momento em que chegava perto, e ela

já esperava que o mesmo acontecesse com o ovo.

CAPÍTULO 6

HUMPTY DUMPTY

Entretanto, o ovo simplesmente foi ficando cada vez maior e cada vez mais humano. Quando já estava a poucos metros de distância, Alice viu que ele tinha olhos, nariz e boca. E quando chegou ainda mais perto dele, viu claramente que era Humpty Dumpty em pessoa. “Não pode ser mais ninguém!”, disse para si mesma. “Tenho tanta certeza disso quanto teria se seu nome estivesse escrito no seu rosto inteiro!”

E o nome poderia mesmo ser escrito até cem vezes, facilmente, naquele rosto enorme. Humpty Dumpty estava sentado, com as pernas cruzadas como um indiano, em cima de um muro alto... Um muro tão estreito que Alice se perguntou, intrigada, como ele conseguia manter o equilíbrio. E, como os olhos dele estavam firmemente direcionados para o lado oposto, e como ele não tomou o menor conhecimento da presença dela, a menina achou que, afinal de contas, poderia ser somente um boneco.

– Como se parece com um ovo! – falou em voz alta, com as mãos prontas para pegá-lo, pois temia que ele caísse a qualquer momento.

– É muito irritante – Humpty Dumpty disse, depois de um longo silêncio e sem olhar para Alice enquanto falava – ser chamado de ovo... Muito!

– Eu disse que parecia um ovo, senhor – Alice explicou amavelmente. – E alguns ovos são muito bonitos, sabe disso – acrescentou, esperando que seu comentário se tornasse uma espécie de elogio.

– Algumas pessoas – Humpty Dumpty falou, sem olhar para a menina, como de costume – não possuem mais discernimento do que um bebê!

Alice não soube o que responder. Aquilo não parecia, de modo algum, uma conversa, pensou, já que ele nunca falava com ela. Na verdade, seu último comentário tinha sido nitidamente dirigido a uma árvore. Então, ficou tranquila e recitou em voz baixa:

Humpty Dumpty sentou-se num muro;

Humpty Dumpty caiu no chão duro.

Todos os cavalos e homens do Rei tentaram levantá-lo,

mas em cima do muro de novo não puderam colocá-lo.

– As últimas linhas são longas demais para o poema – Alice comentou em voz alta, esquecendo que Humpty Dumpty estava escutando.

– Não fique falando sozinha desse jeito – disse ele, olhando para ela pela primeira vez. – Me diga seu nome e qual é seu trabalho.

– Meu nome é Alice, mas...

– É um nome bastante estúpido – Humpty Dumpty a interrompeu, impaciente. – O que significa?

– Um nome tem de significar alguma coisa? – perguntou ela, um pouco confusa.

– Claro que tem – Humpty Dumpty respondeu, dando uma pequena risada. – Meu nome significa o formato que tenho... baixinho e gordo. Por sinal, um formato bom e bonito. Mas com um nome como o seu, você pode ter qualquer formato, quase todos.

– Por que fica sentado aqui fora completamente sozinho? – Alice perguntou, evitando começar uma discussão.

– Ora, porque não tem ninguém comigo! – exclamou Humpty Dumpty. – Achou que eu não saberia a resposta para essa? Pergunte outra.

– Não acha que estaria mais seguro aqui no chão? – Alice perguntou, não com a intenção de fazer outra charada, mas simplesmente por causa de seu bem-intencionado e forte desejo de entender aquela criatura estranha. – Este muro é, sem dúvida, estreito demais!

– Que charadas tremendamente fáceis você faz! – Humpty Dumpty rosnou. – É claro que não penso assim! Ora, se alguma vez, eu caísse... O que não tem nenhuma chance de acontecer... Mas se eu caísse... – nesse ponto, ele franziu os lábios e fez uma expressão tão solene e majestosa que Alice quase não conseguiu conter o riso. – Se eu realmente caísse – continuou –, o Rei me prometeu... Ah, pode ficar pálida, se quiser! Não pensou que eu diria isso, pensou? O Rei me prometeu... pessoalmente, com sua própria boca... que... que...

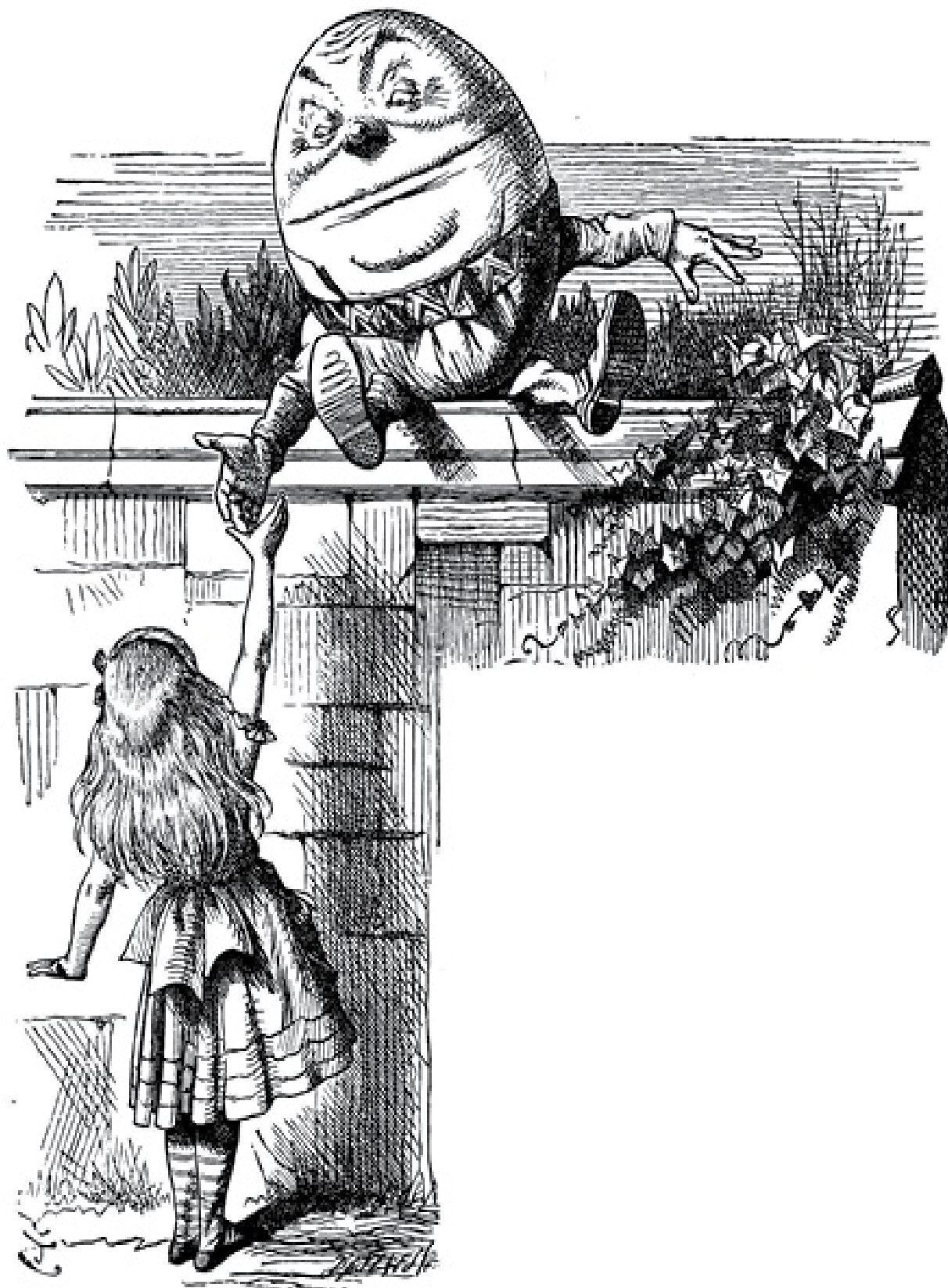
– Que mandaria todos os seus cavalos e todos os seus homens – Alice

interrompeu, um tanto imprudente.

– Agora devo dizer que isso é detestavelmente desagradável! – Humpty Dumpty gritou, num súbito acesso de raiva. – Você esteve escutando atrás das portas... e atrás das árvores... e embaixo das chaminés! Caso contrário, não saberia disso!

– Não fiz essas coisas! Não mesmo! – Alice falou, muito amavelmente. – Está num livro.

– Ah, bom! Podem escrever isso num livro – Humpty Dumpty falou, já mais calmo. – É o que se chama “história do país”, é isso. Agora, olhe bem pra mim! Sou aquele que falou com o Rei, sou eu. Talvez você não encontre nenhum outro; e, para provar que não sou orgulhoso, pode apertar minha mão! – e sorriu quase de uma orelha à outra, enquanto se inclinava para a frente (chegando muito perto de cair do muro...) e estendia a mão para Alice. Ela o observou, ligeiramente ansiosa, no momento em que apertou sua mão. “Se abrisse mais o sorriso, os cantos da boca provavelmente se encontrariam atrás”, pensou, “e aí não sei o que aconteceria com sua cabeça! Receio que cairia!”.

– Sim, todos os seus cavalos e todos os seus homens – Humpty Dumpty prosseguiu. – Eles me pegariam de novo num minuto. Eles me pegariam! Mas essa conversa está indo um pouco depressa demais. Vamos voltar ao último comentário menos um.

– Sinto muito, mas não lembro muito bem dele.

– Nesse caso, vamos começar de novo – disse Humpty Dumpty. – E é a minha vez de escolher o assunto... – “Ele fala como se isso fosse um jogo!”, Alice pensou. – Aqui vai uma pergunta pra você: Quantos anos disse que tem?

Alice fez um cálculo rápido e disse:

– Sete anos e seis meses.

– Errado! – Humpty Dumpty exclamou triunfantemente – Você nunca falou essas palavras!

– Achei que quisesse dizer “Quantos anos você tem?” – Alice explicou.

– Se eu quisesse dizer isso, teria dito – argumentou Humpty Dumpty.

Alice não queria começar outra discussão, então ficou calada.

– Sete anos e seis meses! – Humpty Dumpty repetiu, pensativo. – Uma idade incômoda. Ora, se tivesse me pedido um conselho, eu teria dito: “Pare nos sete”... Mas agora é tarde demais.

– Nunca peço conselhos sobre crescimento – Alice falou, indignada.

– Orgulhosa demais? – o outro indagou.

Com essa insinuação, Alice se sentiu ainda mais indignada.

– Eu quero dizer – falou – que uma pessoa não pode evitar envelhecer.

– Uma não pode, talvez – disse Humpty Dumpty. – Mas duas podem. Com uma ajuda adequada, poderia ter parado nos sete.

– É um cinto muito bonito esse que está usando! – Alice observou, de repente. (Já tinham falado mais que o suficiente sobre idade, achava; e, se estavam realmente se revezando na escolha de assuntos, agora era a vez dela.) – Isto é – a menina se corrigiu, pensando melhor –, uma gravata bonita, isso é o que eu deveria ter dito... Não, um cinto, quer dizer... Perdão! – acrescentou, apreensiva, pois Humpty Dumpty parecia horrivelmente ofendido, e Alice começou a

desejar que não tivesse escolhido aquele assunto. “Se pelo menos eu soubesse”, pensou, “onde é o pescoço e onde é a cintura!”.

Era evidente que Humpty Dumpty estava muito bravo, embora não tivesse dito nada por um ou dois minutos. Quando falou de novo, o que se ouviu foi um rosnado profundo.

– É uma... das coisas... mais... irritantes – disse, por fim – uma pessoa não saber distinguir uma gravata de um cinto!

– Sei que é uma grande ignorância da minha parte – Alice falou num tom tão humilde que Humpty Dumpty ficou com pena.

– É uma gravata, criança, e é muito bonita, como você mesma disse. É um presente do Rei e da Rainha Brancos. É isso!

– É mesmo? – Alice falou, bastante satisfeita por concluir que, afinal de contas, tinha escolhido um bom assunto.

– Eles me deram isso – Humpty Dumpty prosseguiu, pensativo, enquanto colocava um joelho sobre o outro e entrelaçava as mãos ao redor deles. – Eles me deram isso... como presente de desaniversário.

– Perdão? – Alice falou, com ar intrigado.

– Não estou ofendido – Humpty Dumpty respondeu.

– Quero dizer: O que é um presente de desaniversário?

– Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro.

Alice pensou um pouco.

– Prefiro presentes de aniversário – disse, por fim.

– Não sabe o que está dizendo! – Humpty Dumpty exclamou. – Quantos dias tem o ano?

– Trezentos e sessenta e cinco – Alice respondeu.

– E quantos aniversários você tem?

– Um.

– Se subtrair um de trezentos e sessenta e cinco, o que sobra?

– Trezentos e sessenta e quatro, lógico.

Humpty Dumpty pareceu desconfiado.

– Prefiro ver isso no papel – disse.

Alice não pôde deixar de sorrir ao pegar seu caderno de anotações e fazer a conta para ele:

365

_ 1

____

364

Humpty Dumpty pegou o caderno e observou a conta cuidadosamente.

– Parece que foi feita corretamente... – começou a dizer.

– Está de cabeça pra baixo! – Alice interrompeu.

– Claro que está! – Humpty Dumpty falou alegremente, enquanto a menina desvirava o caderno para ele. – Achei mesmo que estava um pouco estranho. Como eu ia dizendo, parece que foi feita corretamente... embora eu ainda não tenha tido tempo para examiná-la minuciosamente. Mas isso mostra que existem trezentos e sessenta e quatro dias em que você pode receber presentes de desaniversário...

– Com certeza! – Alice concordou.

– E apenas um para presentes de aniversário. Tem uma glória pra você!

– Não sei o que quer dizer com “glória” – Alice falou.

Humpty Dumpty sorriu com desdém.

– Claro que não... não antes de eu lhe contar. Eu quis dizer: Tem um argumento infalível para você!

– Mas “glória” não significa “argumento infalível” – Alice protestou.

– Quando eu uso uma palavra – Humpty Dumpty falou, mais uma vez num tom desdenhoso –, ela significa o que eu quero que ela signifique... nem mais nem menos.

– A questão é – Alice falou – se o senhor pode fazer as palavras significarem coisas tão diferentes.

– A questão é – disse Humpty Dumpty – quem é que manda... e isso é tudo.

Alice estava muito confusa para dizer qualquer coisa. Então, depois de um minuto, Humpty Dumpty começou de novo.

– Elas são temperamentais... algumas delas... particularmente os verbos: são os mais orgulhosos. Com os adjetivos você pode fazer qualquer coisa, mas não com os verbos... Entretanto, eu posso controlar todas elas! Impenetrabilidade! É o que eu digo!

– Poderia me dizer, por favor – Alice pediu –, o que isso significa?

– Agora está falando como uma criança sensata – Humpty Dumpty observou, parecendo um tanto satisfeito. – Com “impenetrabilidade”, eu quis dizer que já falamos o suficiente sobre esse assunto e não seria má ideia você dizer o que pretende fazer em seguida, pois suponho que não pretende ficar aqui para sempre.

– Isso é muito grande pra fazer uma só palavra significar – Alice falou, pensativa.

– Quando faço uma palavra trabalhar tanto como nesse caso – disse Humpty Dumpty –, sempre pago um extra.

– Oh! – Alice falou. Estava confusa demais para fazer qualquer outro comentário.

– Ah, deveria vê-las quando me visitam num sábado à noite – Humpty Dumpty prosseguiu, sério, balançando a cabeça de um lado para o outro –, para receberem seus pagamentos.

(Alice não ousou perguntar como ele lhes pagava, portanto, como você pode ver, não sei dizer.)

– O senhor parece muito hábil para explicar palavras – Alice falou. – Poderia, por gentileza, me dizer o significado do poema que se chama “Jabberwocky”?

– Vamos ouvi-lo – disse Humpty Dumpty. – Posso explicar todos os poemas que já foram inventados... e muitos outros que ainda não foram inventados.

Como isso pareceu bastante promissor, Alice recitou os primeiros versos:

Era brilingue e os touvos liságeis

coropiavam e gimblavam nas uebes;

os borogouvos estavam depricólicos

e os momes retosos autigreibavam.

– Isso é suficiente para começarmos – Humpty Dumpty a interrompeu. – Temos muitas palavras difíceis nessa parte. “Brilingue” significa 4 horas da tarde… a hora em que se começa a assar as coisas para o jantar.

– Isso parece muito bom – Alice falou. – E “liságeis”?

– Bem, “liságeis” quer dizer “lisos e ágeis”. Pode ver que é uma palavra-valise... tem dois significados embutidos numa só palavra.

– Agora estou entendendo – Alice falou, pensativa. – E o que são “touvos”?

– Bem, “touvos” são como texugos... como lagartos... e como saca-rolhas.

– Devem ser criaturas com uma aparência bastante curiosa.

– São mesmo – Humpty Dumpty concordou. – Além disso, fazem seus ninhos embaixo de relógios de sol... E se alimentam de queijo.

– E o que é “coropiar” e “gimblar”?

– “Coropiar” é dar voltas e voltas, como um giroscópio. “Gimblar” é fazer buracos, como uma broca.

– E “uebe” é a relva em volta do relógio de sol, imagino – Alice sugeriu, impressionada com sua própria perspicácia.

– Claro que é. E vai bem longe, para frente e para trás...

– E bem longe para os lados – Alice acrescentou.

– Exatamente. Bem, então, “depricólico” é “deprimido e melancólico” (outra palavra-valise para você). E um “borogouvo” é um pássaro magro, desalinhado, com as penas espetadas em volta do corpo... Parece um esfregão vivo.

– Agora, o que é “mome retoso”? – Alice falou. – Estou lhe dando trabalho demais, não é?

– Ora, um “mome” é um tipo de porco verde, mas, quanto a “retoso”, não estou muito certo. Acho que uma variação de “reto”, querendo dizer que eles só andam para frente, não sabem fazer curvas, entende?

– E o que significa “autigreibar”?

– Ora, um “autigreibe” é alguma coisa entre um berro e um assovio, com uma espécie de espirro no meio. Provavelmente, você vai ouvir um... lá na frente, dentro do bosque... e quando ouvir uma vez, vai ficar bastante satisfeita. Quem

andou recitando pra você toda essa coisa difícil?

– Li num livro – Alice falou. – Mas recitaram pra mim um poema bem mais fácil que esse... foi o Tweedledee, acho.

– Quanto a poemas, saiba que – Humpty Dumpty falou, estendendo uma das grandes mãos – posso recitar tão bem quanto qualquer um, se for preciso...

– Oh, não é preciso! – Alice o interrompeu apressadamente, esperando evitar que ele começasse.

– O poema que vou recitar – Humpty Dumpty continuou, sem perceber o que Alice tinha dito – foi totalmente escrito para diverti-la.

Alice sentiu que, nesse caso, ela realmente deveria ouvi-lo; então, sentou-se e disse “Obrigada”, bastante triste.

No inverno, com os campos cobertos de neve,

Canto esses versos para que você se enleve...

– Só que não estou cantando isso – acrescentou, como uma explicação.

– Estou vendo que não está – Alice falou.

– Se pode ver se estou cantando ou não, tem olhos mais perspicazes que a maioria – Humpty Dumpty observou, severo. Alice ficou em silêncio.

Na primavera, com os bosques verdejando,

Tentarei lhe dizer aquilo que estou pensando.

– Muito obrigada – Alice falou.

No verão, com o dia mais comprido,

Talvez você entenda desses versos o sentido.

No outono, com as folhas cor de ouro,

escreva isto e guarde como um tesouro.

– É o que vou fazer, se ainda estiver lembrando – Alice observou.

– Não precisa ficar fazendo comentários o tempo todo – Humpty Dumpty falou.
– Não são sensatos e atrapalham minha concentração.

Aos peixes mandei um recado dizendo:

“Saibam o que estou querendo”.

E logo os peixinhos do mar

a resposta mandaram me dar.

Eis a resposta, dada de modo cordial:

“Não podemos, senhor, pois, afinal...”.

– Sinto muito, mas acho que não estou entendendo – Alice falou.

– Vai ficar mais fácil depois – Humpty Dumpty respondeu.

Mandei então esclarecer:

“Será melhor obedecer!”.

Os peixes responderam, com um sorriso:

“Ora, como está nervoso! Perdeu o juízo?”.

Falei, avisei, dei vários conselhos,

mas não me ouviram, os pobres fedelhos.

Peguei uma grande e bela chaleira

ideal pra dar um fim àquela asneira.

Meu coração disparou a bater;

fui à cisterna pra chaleira encher.

Então, alguém veio e falou sorrindo

“Os peixinhos estão dormindo”.

Eu disse pra ele, e disse claramente:

“Vá lá e os acorde novamente”.

Falei alto como um rugido;

gritei bem perto do seu ouvido.

Humpty Dumpty levantou a voz até quase virar um berro, quando repetiu esse verso. Alice pensou, com um arrepio “Eu não seria esse mensageiro por nada no mundo!”.

Mas era um alguém muito, muito arrogante,

e logo falou: “Você não deveria ser tão irritante!”.

Mas era muito, muito arrogante esse alguém,

e ainda falou: “Não os acordaria, nem...”.

Peguei um saca-rolhas em cima da prateleira;

e fui eu mesmo acordá-los; cansei dessa besteira!

Quando vi que a porta estava trancada,

Ora, puxei, empurrei, chutei, mas nada...

E quando vi que a porta estava fechada,

Tentei girar a maçaneta, mas...

Houve uma longa pausa.

– Isso é tudo? – Alice perguntou timidamente.

– Isso é tudo – Humpty Dumpty respondeu. – Adeus!

Alice achou aquilo muito repentino, mas, depois de uma indicação tão clara de que ela deveria ir embora dali, a menina pensou que dificilmente seria uma atitude bem-educada ficar. Então, levantou e estendeu a mão.

– Adeus, até nos encontrarmos de novo! – ela disse, da maneira mais alegre que conseguiu.

– Acho que não a reconheceria se nos encontrássemos novamente – Humpty Dumpty respondeu, num tom descontente, estendendo um dos dedos para Alice apertar. – Você é tão exatamente igual às outras pessoas.

– O rosto é que faz a diferença, geralmente – Alice observou, pensativa.

– É justamente disso que estou me queixando – disse Humpty Dumpty. – Seu rosto é igual ao de todo mundo... Os dois olhos, tão... (com o polegar, marcou no ar os lugares dos olhos) nariz no meio, boca embaixo. É sempre a mesma coisa. Ora, se você tivesse os dois olhos no mesmo lado do nariz, por exemplo... ou a boca em cima... isso ajudaria um pouco.

– Não ficaria bonito – Alice argumentou.

Mas Humpty Dumpty apenas fechou os olhos e disse:

– Aguarde até ter experimentado.

Alice esperou um minuto para ver se ele falaria de novo, mas como ele estava demorando muito a abrir os olhos ou demonstrar que se importava com sua presença, ela disse “Adeus!” mais uma vez e, não obtendo resposta, saiu andando silenciosamente. Porém, não pôde evitar dizer para si mesma, enquanto caminhava: “De todas as pessoas insatisfatórias...” (ela repetiu isso em voz alta, pois era um grande prazer ter uma palavra tão longa para falar):

– De todas as pessoas insatisfatórias que já encontrei...

Alice nunca terminou a frase, porque nesse momento um forte estrondo fez a floresta tremer de ponta a ponta.

CAPÍTULO 7

O LEÃO E O UNICÓRNIO

No momento seguinte, muitos soldados vieram correndo pelo bosque, a princípio em pares e trios, depois em grupos de dez ou vinte, e, por fim, em multidões tão grandes que pareciam ocupar a floresta inteira. Alice escondeu-se atrás de uma árvore, com medo de ser atropelada, e ficou só observando, enquanto eles passavam.

Ela pensou que nunca tinha visto soldados marcharem tão desastradamente em toda a sua vida: estavam sempre tropeçando numa coisa ou outra, e toda vez que um caía, vários outros caíam sobre ele, de modo que o chão ficava logo coberto com pequenas pilhas de homens.

Em seguida, vinham os cavalos. Por possuírem quatro patas, estes se saíam bem melhor do que os soldados a pé; mas eles também tropeçavam de vez em quando. E parecia ser uma regra estabelecida a de que, toda vez que um cavalo tropeçava, o cavaleiro caía imediatamente. A confusão piorava a cada momento, e Alice ficou muito contente por sair do bosque e chegar a um lugar aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, muito ocupado em escrever no seu caderno de anotações.

– Enviei todos eles! – o Rei gritou alegremente, ao ver Alice. – Por acaso, encontrou soldados, minha querida, enquanto vinha pelo bosque?

– Sim, encontrei – Alice respondeu. – Vários; milhares deles, eu diria.

– Quatro mil duzentos e sete; esse é o número exato – o Rei falou, consultando seu caderno. – Não pude enviar todos os cavalos, sabe, porque dois deles são necessários no jogo. E também não vi os dois mensageiros. Ambos foram à cidade. Olhe para a estrada e me diga se vê algum deles.

– Ninguém na estrada – Alice falou.

– Queria tanto que eu tivesse olhos como os seus – o Rei comentou, com ar de insatisfação. – Ser capaz de ver Ninguém! E a essa distância! Ora, o máximo que eu consigo, com essa luz, é ver pessoas reais!

Alice não escutou nada disso, pois ainda estava olhando atentamente para a estrada, protegendo os olhos contra o sol com uma das mãos.

– Vejo alguém agora! – ela exclamou, finalmente. – Mas está vindo muito devagar... E que comportamento esquisito ele tem! (Pois, enquanto vinha pela estrada, o mensageiro pulava e ficava se contorcendo como uma enguia, com suas grandes mãos bem abertas, como leques, uma de cada lado.)

– Nada disso – disse o Rei. – É um mensageiro anglo-saxão... E esse é um comportamento anglo-saxão. Ele só faz essas coisas quando está feliz. Seu nome é Haigha (pronunciou o nome de modo a rimar com “briga”).

– Amo meu amor com um H – Alice não pôde se conter e começou a falar – porque ele é humilde. E o odeio com um H, porque é horroroso. Eu o alimento com... com... com hambúrgueres e hortelã. O nome dele é Haigha e ele mora...

– Mora num hotel – o Rei completou calmamente, sem ter a menor ideia de que estava entrando no jogo, enquanto Alice ainda estava hesitante em relação a uma cidade cujo nome começasse com H. – O outro mensageiro se chama Hatta. Preciso ter dois, você sabe... pra ir e vir. Um pra ir e um pra vir.

– Peço que me perdoe, mas... – Alice começou a falar.

– Não é respeitável pedir perdão – o Rei a interrompeu.

– Só queria dizer que não entendi – Alice falou. – Por que um pra ir e outro pra vir?

– Não estou lhe dizendo? – o Rei falou, impaciente. – Preciso ter dois... pra buscar e levar. Um pra buscar e um pra levar.

Nesse momento, o mensageiro chegou. Estava realmente sem fôlego para dizer uma palavra que fosse, portanto só conseguiu balançar as mãos e fazer as mais horríveis caretas para o pobre Rei.

– Esta jovem senhorita ama você com um H – o Rei falou, apresentando Alice, na esperança de distrair a atenção do mensageiro. Porém, foi inútil... O comportamento anglo-saxão só ficava mais extraordinário a cada momento, enquanto os grandes olhos dele viravam de um lado para o outro.

– Está me deixando alarmado! – o Rei exclamou. – Acho que vou desmaiar... Me dê um hambúrguer!

Prontamente, e para grande diversão de Alice, o mensageiro abriu um saco pendurado em seu pescoço e entregou um sanduíche ao rei, que o devorou vorazmente.

– Outro hambúrguer! – disse o Rei.

– Agora só resta hortelã – o mensageiro falou, espiando o interior do saco.

– Hortelã, então – o Rei murmurou, num sussurro bem fraco.

Alice ficou contente em ver que aquilo o revigorava bastante.

– Não há nada como comer hortelã quando se está muito fraco – ele comentou, enquanto mastigava ruidosamente.

– Eu diria que jogar água fria sobre o senhor seria melhor – ela sugeriu. – Ou lhe dar sais pra cheirar.

– Eu não disse que não havia nada melhor – o Rei retrucou. – Falei que não havia nada como isso.

Alice não ousou discutir.

– Com quem você se encontrou na estrada? – o Rei perguntou, estendendo a mão para que o mensageiro lhe desse mais hortelã.

– Ninguém – o mensageiro respondeu.

– Muito bem – disse o Rei. – Essa jovem senhorita também o viu. Portanto, Ninguém anda mais devagar que você.

– Faço o melhor que posso – o mensageiro falou, mal-humorado. – Tenho

certeza de que ninguém anda muito mais depressa que eu!

– Ele não consegue fazer isso – disse o Rei. – Senão estaria aqui antes de você. Mas, agora que você já recuperou o fôlego, pode nos contar o que aconteceu na cidade.

– Vou sussurrar – falou o mensageiro, pondo as mãos sobre a boca, no formato de uma trombeta, e se abaixando para falar perto do ouvido do Rei. Alice ficou chateada, pois também queria ouvir a novidade. Entretanto, em vez de sussurrar, o mensageiro simplesmente berrou, no volume mais alto que sua voz podia atingir.

– Eles começaram outra vez!

– Chama isso de sussurro? – gritou o pobre Rei, dando um pulo e se sacudindo. – Se fizer tal coisa de novo, vou mandar besuntá-lo com manteiga! Isso atravessou minha cabeça como se fosse um terremoto!

“Teria de ser um terremoto minúsculo!”, Alice pensou.

– Quem começou outra vez? – ela se arriscou a perguntar.

– Ora, o Leão e o Unicórnio, é claro – o Rei respondeu.

– Lutando pela coroa?

– Sim, com certeza – disse o Rei. – E o melhor da brincadeira é que é sempre a minha coroa! Vamos correr para vê-los.

E saíram trotando. Enquanto corria, Alice foi repetindo para si mesma as palavras da velha canção:

O Leão e o Unicórnio lutavam pela coroa.

O Leão venceu o Unicórnio, na cidade inteira, numa boa.

Foram servidos pão preto e pão branco secos, lá perto da lagoa.

Mas o rufar de tambores os tiraram da cidade, e a luta foi à toa.

– Quem... vence... fica... com a... coroa? – ela perguntou, da melhor forma que

pôde, pois a corrida a estava deixando praticamente sem fôlego.

– Não, claro que não! – o Rei falou. – Que ideia!

– Seria... suficientemente... bondoso... – Alice falou, ofegante, um pouco depois – ...pra parar um minuto apenas... pra recuperarmos... o fôlego?

– Sou suficientemente bondoso – disse o Rei –, só que não sou suficientemente forte. Você sabe, um minuto passa assustadoramente depressa. Seria tão difícil quanto tentar parar um Bandersnatch!

Alice não tinha mais fôlego para falar. Então, trotaram em silêncio até avistarem uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio estavam lutando. Havia uma nuvem de poeira tão grande em volta deles que, no início, Alice não pôde distinguir qual era qual. Porém, logo depois, ela conseguiu reconhecer o Unicórnio pelo chifre.

Ficaram próximos a Hatta, o outro mensageiro, que estava de pé assistindo à luta, com uma xícara de chá em uma das mãos e um pão com manteiga na outra.

– Acabou de sair da prisão, e não tinha terminado seu chá quando foi mandado pra lá. – Haigha sussurrou para Alice. – Na cadeia, só dão conchas de ostras para os presos... Portanto, como pode ver, ele está com muita fome e muita sede. Como vai, criança querida? – ele perguntou, pondo, afetuosamente, o braço ao redor do pescoço de Hatta, que olhou ao redor, acenou com a cabeça e continuou a comer seu pão com manteiga.

– Estava feliz na prisão, criança querida? – Haigha perguntou.

Hatta olhou ao redor de novo e, dessa vez, deixou uma ou duas lágrimas rolarem sobre sua bochecha; mas não disse nem mesmo uma só palavra.

– Fale! Não pode falar? – Haigha gritou, impaciente. Mas Hatta apenas mastigou ruidosamente, e bebeu mais um pouco de chá.

– Fale! Não vai falar? – gritou o Rei. – Como eles estão se saindo na luta?

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um grande pedaço de pão com manteiga.

– Estão indo muito bem – disse, com a voz engasgada. – Cada um deles foi derrubado aproximadamente oitenta e sete vezes.

– Então, suponho que logo vão trazer o pão branco e o preto – Alice ousou comentar.

– O pão já está ali esperando – disse Hatta. – É um pedaço dele que estou comendo.

Naquele momento, houve uma pausa na luta, e o Leão e o Unicórnio se sentaram, ofegantes, enquanto o Rei anunciava:

– Dez minutos permitidos para o lanche!

Haigha e Hatta começaram a trabalhar imediatamente, servindo o pão branco e o preto em bandejas. Alice pegou um pedaço para experimentar, mas achou que estava muito seco.

– Imagino que não vão mais lutar hoje – o Rei falou com Hatta. – Vá e ordene que toquem os tambores. – E Hatta saiu pulando feito um gafanhoto.

Por um ou dois minutos, Alice ficou em silêncio observando o mensageiro saltitar. De repente, se entusiasmou.

– Vejam! Vejam! – gritou, apontando ansiosamente. – Lá está a Rainha Branca correndo no campo! Saiu voando lá do bosque... Como essas Rainhas conseguem correr depressa!

– Tem algum inimigo atrás dela, sem dúvida – o Rei falou, sem sequer olhar ao redor. – Aquele bosque está cheio deles.

– Não vai correr pra ajudá-la? – Alice perguntou, muito surpresa com a tranquilidade do Rei diante daquilo.

– Não adianta não, não adianta nada! – disse o Rei. – Ela corre assustadoramente depressa. É o mesmo que tentar pegar um Bandersnatch! Mas vou fazer uma anotação sobre isso, se você quiser... Ela é uma criatura boa e querida – ele murmurou para si mesmo, enquanto abria seu caderno. – Você escreve “criatura” com “e” ou com “i”?

Nesse momento, o Unicórnio se aproximou deles, confiante, com as mãos nos bolsos.

– Dessa vez fui o melhor, não fui? – falou com o Rei, enquanto passava e lhe dirigia o olhar rapidamente.

– Mais ou menos... mais ou menos... – o Rei respondeu, bastante nervoso. – Não deveria tê-lo atacado com o chifre, sabe disso.

– Ele não ficou ferido – o Unicórnio retrucou, despreocupado, e já ia seguindo adiante, quando seu olhar pousou sobre Alice. Então, se virou subitamente e ficou observando a menina por algum tempo, com ar de profunda aversão.

– O que... é... isso? – disse, por fim.

– Isso é uma criança! – Haigha respondeu, entusiasmado, colocando-se na frente de Alice para apresentá-la, e estendendo as duas mãos na direção dela, numa atitude tipicamente anglo-saxônica. – Só a encontramos hoje. É tão grande quanto a vida e duas vezes mais natural!

– Sempre achei que elas eram monstros fabulosos! – o Unicórnio falou. – Está viva?

– Ela fala – disse Haigha solenemente.

O Unicórnio olhou sonhadoramente para Alice e disse:

– Fale, criança.

A menina não pôde evitar que seus lábios se abrissem num sorriso enquanto dizia:

– Sabe que eu também sempre achei que Unicórnios eram monstros fabulosos? Nunca tinha visto um vivo antes.

– Bem, agora que já vimos um ao outro – disse o Unicórnio –, se acreditar em mim, vou acreditar em você. Temos um trato?

– Sim, se é o que quer – Alice falou.

– Vamos, pegue o pudim de ameixa, meu velho! – o Unicórnio falou, desviando o olhar para o Rei. – Nada desse seu pão preto pra mim!

– Claro... claro! – o Rei murmurou e acenou para Haigha. – Abra o saco! – sussurrou. – Depressa! Esse não, esse está cheio de hortelã!

Haigha tirou um pudim grande do saco e o entregou para Alice segurar, enquanto tirava também um prato enorme e uma faca. Como foi que tudo isso saiu daquele saco é uma coisa que Alice nunca pôde entender. Era exatamente como um truque de mágica, ela pensou.

O Leão havia se juntado a eles enquanto isso acontecia. Ele parecia muito cansado e sonolento, e seus olhos estavam meio fechados.

– O que é isso? – ele disse, piscando preguiçosamente para Alice e falando num tom cavernoso que soava como um grande sino.

– Ah, e agora, o que é isso? – O Unicórnio gritou, ansioso. – Nunca vai adivinhar! Eu não consegui.

O Leão olhou para Alice, com ar cansado.

– Você é animal... vegetal... ou mineral? – perguntou, bocejando entre uma palavra e outra.

– É um monstro fabuloso! – o Unicórnio gritou, antes que Alice pudesse responder.

– Então passe o pudim de ameixa, Monstro! – o Leão falou, deitando-se e pondo o queixo sobre as patas. – Sentem-se, vocês dois (para o Rei e o Unicórnio). E exijo jogo limpo na divisão do pudim, já sabem!

O Rei estava visivelmente incomodado por ter de se sentar entre aquelas duas criaturas enormes; porém, não havia outro lugar para ele.

– Que bela luta poderíamos travar pela coroa agora! – o Unicórnio falou, olhando maliciosamente para a coroa que o pobre Rei estava quase deixando cair de sua cabeça, de tanto que tremia.

– Eu venceria com facilidade – disse o Leão.

– Não tenho tanta certeza disso – falou o Unicórnio.

– Ora, ganhei de você na cidade inteira, seu franguinho! – o Leão retrucou, irado, levantando-se enquanto falava.

Nesse ponto, o Rei interrompeu, para impedir que a disputa continuasse. Estava muito nervoso e sua voz tremia bastante:

– Na cidade inteira? É um bom pedaço de chão. Passaram pela ponte antiga ou pelo mercado? Na ponte, a vista é mais bonita.

– Não sei não... não mesmo – o Leão rosnou, enquanto se deitava de novo. – Tinha poeira demais pra se ver qualquer coisa. Como o Monstro está demorando a cortar o pudim!

Alice tinha se sentado na margem do pequeno riacho, com o grande prato sobre os joelhos, e estava tentando cortar o pudim cuidadosamente com a faca.

– É muito irritante isso – ela falou, em resposta ao Leão (já estava bem acostumada a ser chamada de “o Monstro”). – Já cortei várias fatias, mas elas sempre se unem novamente!

– Não sabe lidar com pudins do espelho – o Unicórnio observou. – Primeiro você serve o pudim, depois é que corta.

Isso lhe pareceu absurdo, mas Alice, muito obedientemente, se levantou e deu uma volta com o prato. Quando ela fez isso, o pudim imediatamente se dividiu em três pedaços.

– Agora, corte-o – disse o Leão, enquanto ela voltava para seu lugar, levando o

prato vazio.

– Isso não é justo! – gritou o Unicórnio quando Alice se sentou, com a faca na mão, realmente intrigada sobre como começar a cortar o pudim. – O Monstro deu pro Leão o dobro de pudim do que deu pra mim!

– De todo jeito, ela não ficou com nada pra si mesma – disse o Leão. – Você gosta de pudim de ameixa, Monstro?

Porém, antes que Alice pudesse responder, tambores começaram a soar.

De onde vinha o barulho, ela não conseguiu descobrir; o ar parecia cheio dele, e o som entrava e saía pelos ouvidos da menina até ela se sentir praticamente surda. Então, se levantou e, aterrorizada, saltou o pequeno riacho.

* * *

Alice só teve tempo de ver o Leão e o Unicórnio se levantarem, enfurecidos por seu banquete ter sido interrompido. Em seguida, se ajoelhou e tampou os ouvidos com as mãos, tentando, em vão, não escutar aquele barulho horrível.

“Se esses tambores não os tirarem da cidade”, ela pensou consigo, “nada jamais fará isso”.

CAPÍTULO 8

"É UMA INVENÇÃO MINHA"

Depois de algum tempo, o barulho começou a diminuir gradualmente até reinar um silêncio total. Alice levantou a cabeça, alarmada. Não viu ninguém, e seu primeiro pensamento foi que ela só podia ter sonhado com o Leão, o Unicórnio e aqueles mensageiros anglo-saxônicos esquisitos. Entretanto, o prato enorme onde havia tentado cortar o pudim de ameixa estava lá, bem a seus pés. "Então, afinal de contas, eu não estava sonhando", falou consigo mesma, "a não ser que... a não ser que sejamos todos participantes do mesmo sonho. Só espero que seja meu sonho, e não o sonho do Rei Vermelho! Não gosto de pertencer ao sonho de outra pessoa", e prosseguiu, com certo tom de reclamação. "Estou com uma grande vontade de ir até lá e acordá-lo, só pra ver o que acontece!"

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por um grito alto de "Olá! Olá! Xeque!", e um Cavaleiro, usando uma armadura vermelha, veio galopando na sua direção, empunhando um grande bastão. Quando chegou perto de Alice, o cavalo parou subitamente.

– Você é minha prisioneira! – o Cavaleiro gritou, enquanto caía do cavalo.

Mesmo estando bastante assustada, ela ficou mais temerosa pelo Cavaleiro do que por si mesma, e o observou, com um pouco de ansiedade, enquanto ele montava de novo. Assim que estava sentado confortavelmente sobre a sela, o Cavaleiro gritou outra vez:

– Você é minha...

Entretanto, foi interrompido por outra voz:

– Olá! Olá! Xeque!

Alice, então, olhou ao redor, surpresa, para ver quem era o novo inimigo.

Dessa vez, era um Cavaleiro Branco. Ele parou ao lado da menina e caiu do cavalo, exatamente como o Cavaleiro Vermelho tinha feito. Depois, montou de novo, e os dois Cavaleiros ficaram sentados por algum tempo, olhando um para o outro, sem dizer nada. Alice ficou observando um e outro, perplexa.

– Ela é minha prisioneira, você sabe disso! – por fim, o Cavaleiro Vermelho falou.

– Sim, mas agora eu cheguei para resgatá-la – o Cavaleiro Branco respondeu.

– Bem, então temos de lutar por ela – disse o Cavaleiro Vermelho, enquanto pegava seu elmo (que estava pendurado na sela e tinha o formato de uma cabeça de cavalo) e punha na cabeça.

– É claro que você vai seguir as Regras da Batalha, não é? – o Cavaleiro Branco quis confirmar, enquanto também colocava o elmo.

– Sempre sigo – disse o Cavaleiro Vermelho, e os dois começaram a bater um no outro, com tanta fúria que Alice se escondeu atrás de uma árvore para não ser atingida pelos golpes.

“Gostaria de saber, agora, quais são as Regras da Batalha”, disse para si mesma, enquanto assistia à luta, espiando timidamente de seu esconderijo. “Uma regra parece ser que se um Cavaleiro acerta o outro, ele o derruba de seu cavalo; e, se erra, ele mesmo cai... e outra regra parece ser que os dois devem manter suas clavas debaixo dos braços. E como fazem barulho quando caem! Exatamente como se todo o conjunto de atiçadores de fogo estivesse caindo de uma só vez sobre a grade de proteção da lareira! E como os cavalos são calmos! Deixam que eles subam e caiam como se fossem mesas!”

Outra regra que Alice não percebeu parecia ser que os Cavaleiros deveriam cair sempre de cabeça; e a batalha terminou com ambos caindo dessa maneira, lado a lado. Quando se levantaram de novo, apertaram as mãos e, em seguida, o Cavaleiro Vermelho montou em seu cavalo e saiu galopando.

– Foi uma vitória gloriosa, não foi? – o Cavaleiro Branco falou, quando chegou, ofegante, perto de Alice.

– Não sei – ela respondeu, um tanto hesitante. – Não quero ser prisioneira de ninguém. Quero ser uma Rainha.

– É o que vai ser, quando atravessar o próximo riacho – disse o Cavaleiro Branco. – Vou cuidar de sua segurança até o final do bosque... Depois, preciso voltar. Esse será o fim do meu movimento.

– Muito obrigada – Alice falou. – Posso ajudá-lo a tirar seu elmo?

Estava mais do que evidente que ele não seria capaz de tirá-lo sozinho. Mas, por fim, a menina conseguiu sacudir o Cavaleiro para fora do elmo.

– Agora posso respirar com mais facilidade – disse ele, ajeitando com as duas mãos o cabelo desgrenhado, e virando o rosto amável, com olhos grandes e meigos, para Alice. Naquele momento, ela pensou que nunca tinha visto um soldado com uma aparência tão estranha em toda a sua vida. Ele estava vestido com uma armadura de lata, que lhe caía muito mal, e tinha uma pequena caixa de madeira, com um formato estranho, presa entre os ombros, de cabeça para baixo e com a tampa aberta, pendurada. Alice olhou para aquilo com grande curiosidade.

– Vejo que está admirando minha caixa – o Cavaleiro falou, com tom amigável.

– É uma invenção minha... para guardar roupas e sanduíches. Olhe bem, carrego-a de cabeça para baixo para que a chuva não possa entrar nela.

– Mas as coisas podem cair – Alice comentou gentilmente. – Sabe que a tampa está aberta?

– Não sabia – o Cavaleiro respondeu, com uma sombra de contrariedade passando sobre seu rosto. – Então, todas as coisas devem ter caído! E a caixa não tem utilidade sem elas. Desprendeu a caixa enquanto dizia isso e estava prestes a jogá-la no meio dos arbustos, quando um súbito pensamento pareceu passar por sua cabeça e fazer com que ele a pendurasse no galho de uma árvore.

– Pode adivinhar por que fiz isso? – perguntou.

Alice balançou a cabeça.

– Na esperança de que algumas abelhas façam um ninho dentro dela... Assim, vou poder pegar o mel.

– Mas o senhor já tem uma colmeia... ou algo parecido... presa na sela – Alice argumentou.

– Sim, é uma colmeia muito boa – o Cavaleiro falou, com ar de descontentamento. – Uma do melhor tipo. Mas nem mesmo uma única abelha se aproximou dela ainda. E aquilo ao lado é uma ratoeira. Imagino que os ratos afastam as abelhas... ou as abelhas afastam os ratos, não sei qual das duas coisas acontece.

– Estava pensando em qual seria a utilidade da ratoeira – Alice falou. – Não é muito provável que haja ratos sobre o cavalo.

– Talvez não seja muito provável – disse o Cavaleiro –, mas, se por acaso eles aparecerem, não quero que fiquem correndo de um lado para o outro.

– Você sabe – ele continuou, após uma pausa –, é bom estar preparado pra tudo. É por isso que o cavalo tem todas aquelas tornozeleiras nas patas.

– E pra que elas servem? – Alice perguntou, com muita curiosidade.

– Pra proteger contra as mordidas de tubarões – o Cavaleiro respondeu. – É uma

invenção minha. Agora, me ajude a montar. Vou com você até o final do bosque... Pra que serve esse prato?

– Estava com pudim de ameixa – Alice explicou.

– É melhor levarmos conosco – o Cavaleiro decidiu. – Vai ser útil se encontrarmos algum pudim de ameixa pelo caminho. Agora, me ajude a colocá-lo nesse saco.

Essa tarefa levou bastante tempo para ser realizada, porque, embora Alice tivesse segurado o saco aberto com muito cuidado, o Cavaleiro era desajeitado demais para colocar o prato; nas primeiras duas ou três vezes em que tentou, quem caiu no prato foi ele próprio.

– Está vendo que ficou um pouco apertado – ele disse, quando finalmente conseguiram. – Tem tantos candelabros nesse saco...

Então, o Cavaleiro pendurou o saco na sela, que já estava carregada com feixes de cenouras, atiçadores de fogo e várias outras coisas.

– Espero que seu cabelo esteja bem preso... – falou, quando partiram.

– Está como de costume – Alice respondeu, sorrindo.

– É provável que isso não seja suficiente – ele disse, ansioso. – O vento aqui é extremamente forte. Tão forte quanto sopa.

– O senhor inventou um plano pra evitar que o cabelo fique desalinhado? – Alice perguntou.

– Ainda não – o Cavaleiro falou. – Mas tenho um plano pra evitar que ele caia.

– Gostaria de ouvir sobre esse plano, gostaria muito mesmo.

– Primeiro, você pega uma vara reta – disse o Cavaleiro. – Depois, você faz o cabelo subir ao redor dela, como uma trepadeira. Ora, o cabelo cai porque fica pendurado pra baixo... As coisas nunca caem pra cima, você sabe. Esse plano é uma invenção minha. Pode experimentá-lo, se quiser.

“Não parece um plano confortável”, Alice pensou; e, por alguns minutos, caminhou em silêncio, refletindo sobre a ideia e parando, de vez em quando, para ajudar o pobre Cavaleiro, que, sem dúvida, não era nada bom em equitação.

Sempre que o cavalo parava (o que acontecia com muita frequência), ele caía para a frente; e sempre que o animal voltava a andar (o que ele geralmente fazia um tanto subitamente), o Cavaleiro caía para trás. Fora isso, ele ia razoavelmente bem, exceto pelo fato de que tinha o hábito de, às vezes, cair para os lados. E como, na maioria das vezes, caía para o lado em que Alice estava andando, ela logo concluiu que o melhor plano era não andar muito perto do cavalo.

– Desculpe, mas acho que não tem muita prática em equitação – ela se arriscou a dizer, enquanto o ajudava a se levantar do quinto tombo.

O Cavaleiro pareceu muito surpreso e até um pouco ofendido com o comentário.

– Por que diz isso? – perguntou, acomodando-se de novo sobre a sela e segurando o cabelo de Alice com uma das mãos, para não tombar para o outro lado.

– Porque as pessoas não caem com tanta frequência quando têm muita prática.

– Tenho bastante prática – o Cavaleiro falou, muito sério. – Bastante prática!

Alice não conseguiu pensar em nada melhor para dizer do que:

– É mesmo?

Mas falou isso da maneira mais cordial que pôde. Depois, eles seguiram em silêncio por algum tempo, o Cavaleiro com os olhos fechados, resmungando para si mesmo, e Alice esperando ansiosamente o próximo tombo.

– A grande arte de cavalgar – o Cavaleiro começou a explicar, de repente, em voz alta e agitando seu braço direito enquanto falava – é manter...

Nesse ponto, a frase terminou tão de repente quanto tinha começado, pois o Cavaleiro caiu de cabeça, pesadamente, bem na direção em que Alice estava caminhando. Ela ficou muito assustada dessa vez, e disse, num tom um tanto ansioso, enquanto o levantava:

– Espero que não tenha quebrado nenhum osso!

– Nada que mereça atenção – o Cavaleiro falou, como se não se importasse de quebrar dois ou três. – A grande arte de cavalgar, como eu ia dizendo, é... manter seu equilíbrio apropriadamente. Desse jeito... entende?

Ele soltou a rédea e estendeu os dois braços, para mostrar o que estava querendo dizer e, dessa vez, caiu de costas, exatamente debaixo das patas do cavalo.

– Bastante prática! – ele ficou repetindo durante todo o tempo em que Alice gastou para colocá-lo de pé outra vez. – Bastante prática!

– Isso é ridículo demais! – Alice gritou, perdendo toda a sua paciência. – O senhor deveria ter um cavalo de madeira com rodas; é o que deveria ter!

– Esse tipo de cavalo trota suavemente? – o Cavaleiro perguntou, em tom de grande interesse, pondo os braços em volta do pescoço do animal, bem a tempo de evitar cair mais uma vez.

– Muito mais suavemente do que um cavalo vivo – Alice falou, dando uma pequena gargalhada, apesar de todo o esforço que tinha feito para contê-la.

– Vou arranjar um – o Cavaleiro murmurou, pensativo. – Um ou dois... vários.

Houve um breve silêncio depois disso e, em seguida, o Cavaleiro falou:

– Sou muito bom pra inventar coisas. Agora, eu diria que você percebeu, na última vez em que me levantou, que eu estava bastante pensativo, não percebeu?

– O senhor estava meio sério mesmo – Alice respondeu.

– Bem, exatamente naquela hora, eu estava inventando um novo modo de passar por cima de um portão... Quer ouvir isso?

– Quero muito; muito mesmo – Alice falou educadamente.

– Vou lhe contar como tive essa ideia – disse o Cavaleiro. – Ouça, eu disse pra mim mesmo: “A única dificuldade são os pés. A cabeça já é suficientemente alta”. Então, primeiro ponho minha cabeça em cima do portão... Aí, a cabeça já está devidamente alta. Aí, fico de cabeça pra baixo, com os pés levantados. Aí,

os pés ficam suficientemente altos, não ficam? Aí, já estou do outro lado, não estou?

– Sim, imagino que ficaria do outro lado, depois de fazer isso – Alice falou, reflexiva. – Mas não acha que seria bem difícil?

– Ainda não experimentei – o Cavaleiro respondeu, sério –, portanto não posso dizer com certeza... Mas acho que seria mesmo um pouco difícil.

Ele parecia tão aborrecido com a ideia que Alice mudou de assunto rapidamente.

– Que elmo interessante esse seu! – ela falou alegremente. – É uma invenção sua também?

O Cavaleiro olhou orgulhosamente para o elmo pendurado na sela.

– Sim – ele disse –, mas inventei um melhor do que esse... Tinha o formato de um pão de açúcar. Quando eu o usava, se eu caía do cavalo, ele sempre tocava o chão primeiro. Assim, minha queda era muito curta, entende? Mas, certamente, existia o perigo de cair dentro dele. Aconteceu comigo uma vez... e o pior de tudo foi que, antes que eu pudesse sair de lá, outro Cavaleiro Branco veio e o colocou na cabeça. Achou que era o elmo dele.

O Cavaleiro estava com um ar tão solene que Alice não ousou rir.

– Talvez o senhor o tenha ferido – ela disse com voz trêmula –, já que estava sobre a cabeça dele.

– Tive de chutá-lo, lógico – o Cavaleiro falou muito seriamente. – Aí ele tirou o elmo... Mas foram horas e horas pra me tirar de lá. Estava tão preso quanto... quanto um bandido condenado à prisão perpétua.

– Mas esse é um tipo diferente de prisão – Alice argumentou.

O Cavaleiro balançou a cabeça.

– Comigo, foram todos os tipos de prisão, posso lhe garantir – ele disse. Levantou as mãos com certo entusiasmo, quando falou isso, e, no mesmo instante, rolou para fora da sela e caiu de cabeça numa vala funda.

Alice correu até perto da vala para procurá-lo. Estava um tanto assustada com a queda, pois, por algum tempo, o Cavaleiro havia se equilibrado muito bem, e ela temia que, dessa vez, ele tivesse realmente se machucado. Entretanto, embora ela não pudesse ver nada além da sola dos pés dele, ficou muito aliviada ao escutá-lo falando, em seu tom habitual:

– Todos os tipos de prisão – repetiu –; mas ele foi muito descuidado ao colocar o elmo de outro homem... Com o homem dentro, ainda por cima.

– Como o senhor pode continuar falando tão tranquilamente, estando de cabeça pra baixo? – Alice perguntou, enquanto o puxava para fora pelos pés e o colocava na beira da vala.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta.

– Que diferença faz o lugar onde meu corpo está? – ele disse. – Minha mente continua trabalhando do mesmo jeito. Na verdade, quanto mais de cabeça pra baixo eu fico, mais coisas novas eu invento. – Sabe, a coisa mais inteligente que já inventei – ele continuou, depois de uma pausa – foi um novo pudim; inventei enquanto a carne estava sendo servida.

– A tempo de ficar pronto pra ser o prato seguinte? – Alice perguntou. – Ora, isso foi um trabalho rápido, com certeza!

– Bem, não o prato seguinte – o Cavaleiro falou lentamente, num tom pensativo. – Não o prato seguinte, certamente não.

– Então teria de ser no dia seguinte. Suponho que o senhor não comeria dois pudins numa só refeição?!

– Bem, não no dia seguinte – o Cavaleiro repetiu, como anteriormente. – Não no dia seguinte. Na verdade – ele falou, com a cabeça baixa e a voz cada vez mais fraca –, acredito que aquele pudim nunca tenha sido feito! Na verdade, acredito que aquele pudim nunca será feito! Mas, ainda assim, foi um pudim muito inteligente de se inventar.

– De que o senhor quis que ele fosse feito? – Alice perguntou, com a esperança de animá-lo, pois o pobre Cavaleiro parecia bastante chateado com aquilo.

– Começava com um mata-borrão** – ele respondeu, com uma voz chorosa.

– Isso não seria muito bom, infelizmente...

– Não seria muito bom sozinho – o Cavaleiro a interrompeu, bastante ansioso –, mas você não imagina a diferença que isso faz, quando misturado com outras coisas... tais como pólvora e cola. Pronto, aqui preciso deixá-la. – Tinham acabado de chegar ao final do bosque.

Alice só conseguiu olhar para ele, intrigada; estava pensando no pudim.

– Você está triste – o Cavaleiro falou, aflito. – Vou cantar uma música pra te consolar.

– É muito longa? – Alice perguntou, pois já tinha ouvido poesia suficiente naquele dia.

– É longa – o Cavaleiro respondeu –, mas é muito, muito bonita. Em todos que me ouvem cantá-la... ou ela faz brotarem lágrimas nos olhos, ou então...

– Ou então o quê? – Alice falou, pois o Cavaleiro tinha feito uma súbita pausa.

– Ou então não faz, entende? O nome da música é chamado “Olhos de hadoques”.

– Oh, esse é o nome da música, é isso? – Alice falou, tentando se sentir interessada.

– Não, você não entendeu – o Cavaleiro respondeu, ligeiramente irritado. – Esse é o nome pelo qual a música é chamada. O nome real é “O velho homem velho”.

– Então eu deveria ter dito “É assim que a música é chamada?” – Alice se corrigiu.

– Não, não deveria; isso é outra coisa bem diferente. A música é chamada “Modos e meios”; mas isso é só como ela é chamada, entende?

– Bem, qual é a música então? – perguntou Alice, que, a essa altura, estava completamente perplexa.

– Eu estava chegando lá – o Cavaleiro falou. – De fato, a música é “Sentado numa porteira”; e a melodia é uma invenção minha.

Dizendo isso, ele parou o cavalo e deixou as rédeas caírem sobre o pescoço do animal. Depois, marcando o tempo lentamente com uma das mãos, e com um leve sorriso iluminando seu rosto tolo e gentil, como se gostasse da melodia de sua música, começou a cantar.

De todas as coisas estranhas que Alice viu durante sua viagem através do espelho, esta era uma das que ela sempre lembrava com maior nitidez. Anos depois, ela ainda podia se lembrar de toda a cena, como se aquilo tivesse acontecido no dia anterior... Os meigos olhos azuis e o sorriso amável do Cavaleiro; os raios do pôr do sol brilhando nos cabelos dele e refletindo na sua armadura, numa chama de luz que deixou Alice realmente deslumbrada; o cavalo andando por ali calmamente, com as rédeas soltas, penduradas no pescoço, comendo a grama aos pés dela; as sombras escuras da floresta atrás deles... Tudo isso foi sendo registrado como uma pintura, enquanto, com uma das mãos protegendo os olhos, ela se encostou numa árvore para admirar essa estranha dupla e ouvir, meio sonhadoramente, o melancólico som da música.

“A melodia não é uma invenção dele”, Alice falou para si mesma; é “Eu lhe darei tudo, mais não posso dar”. Ela ficou parada, escutando atentamente, mas nenhuma lágrima brotou em seus olhos.

Vou lhe dizer tudo que puder,

tenho pouco a relatar.

Vi um velho homem velho

sentado numa porteira.

“Quem é o senhor, velho homem?”, falei.

“E o que faz para viver?”

A resposta escorreu na minha cabeça

como água na peneira.

Ele disse: “Procuro borboletas

que dormem nos trigais.

Transformo-as em tortas de carneiro

e as vendo pelas ruas.

Vendo para homens”, ele disse,

“que navegam em mares revoltos.

É assim que ganho meu pão...

Uma esmola, por favor”.

Mas eu estava bolando um plano

de tingir as suíças de verde

e sempre usar um leque grande

para que elas não fossem vistas.

Portanto, não tendo resposta para dar

ao que o velho homem dissera,

gritei: “Vamos, diga-me de que vive!”,

e dei-lhe um murro na moleira.

Com voz suave e um forte sotaque,

ele declarou: “Sigo meu caminho,

e quando encontro um riachinho,

nele eu boto fogo.

Daí, fabricam aquilo que chamam

de Óleo Rowland de Macassar...

Porém, são apenas uns trocados

que me dão por tanto trabalhar”.

Mas eu estava pensando num jeito

de viver só de queijo

e assim prosseguir, dia após dia,

ficando mais e mais obeso.

Pra todo lado, sacudi aquele idoso

até seu rosto ficar lilás.

“Vamos, diga-me de que vive”,

gritei, “e o que é que você faz!”.

Ele disse: “Caço olhos de Hadoques

na floresta, entre as urzes,

e faço botões de colete

à noite, quando se apagam as luzes.

Esses não vendo por ouro,

tampouco por prata brilhante,

mas por uma moeda de cobre,

é possível comprar nove.

Às vezes cavo pãezinhos amanteigados,

ou uso gravetos pra pegar caranguejos;

às vezes, procuro em colinas gramadas

rodas de carroças empenadas.

E é assim”, piscou um olho,

“que faço minha fortuna...

E muito alegre beberei

à nobre saúde de Vossa Excelência”.

Então o ouvi, pois tinha acabado

de completar meu projeto

de manter as pontes sem ferrugem

fervendo-as no vinho correto.

Agradeci muito por me contar

como fez sua fortuna,

mas sobretudo por seu desejo

de beber à minha nobre saúde.

E agora, se por acaso ponho

meus dedos em cola,

ou se loucamente enfio o pé direito

no sapato do pé esquerdo,

ou se deixo cair sobre o dedão

algo bastante pesado,

logo choro, pois me lembro

daquele velho do passado...

Expressão meiga e fala mansa,

cabelo mais branco que a neve,

rosto semelhante ao de um corvo,

olhos brilhantes como brasa.

Parecia distraído com sua dor,

balançando o corpo pra lá e pra cá,

murmurando entre os dentes,

como se tivesse comida na boca,

e roncava como um búfalo...

Naquela distante tarde de verão,

sentado numa porteira.

Após cantar as últimas palavras da balada, o Cavaleiro pegou as rédeas e virou o cavalo para a estrada pela qual tinham vindo.

– Você tem apenas alguns metros pela frente – ele disse. – Desça a colina e salte aquele pequeno riacho. Depois, será uma Rainha... Mas, antes, vai ficar e me ver partir? – acrescentou, quando Alice se virou e olhou ansiosamente na direção para a qual ele tinha apontado. – Não vou me demorar. Você espera e acena com seu lenço quando eu me aproximar daquela curva da estrada! Acho que isso vai me dar coragem, entende?

– É lógico que vou esperar – Alice falou. – E muito obrigada por ter vindo tão longe comigo... E pela música... Gostei muito dela.

– Espero que tenha gostado mesmo – o Cavaleiro disse, com ar de dúvida. – Mas você não chorou tanto quanto achei que ia chorar.

Então, apertaram as mãos e, em seguida, ele cavalgou lentamente na direção da floresta. “Não vai demorar muito pra ele cair de novo; é só esperar”, Alice falou para si mesma, enquanto o observava. “Lá vai ele! Caiu de cabeça, como de costume! Mas monta outra vez com bastante facilidade... já que tem tantas coisas penduradas ao redor do cavalo...” E assim Alice ficou, falando consigo mesma e vendo o cavalo seguir vagarosamente pela estrada e o Cavaleiro cair, ora para um lado, ora para outro. Depois do quarto ou quinto tombo, ele chegou à curva, e então ela acenou com o lenço e esperou até que ele não estivesse mais ao alcance da vista.

– Espero que isso tenha lhe dado coragem – ela disse, quando se virou para descer a colina correndo. – Agora, temos o último riacho, e depois serei uma Rainha! Como isso é grandioso!

Pouquíssimos passos a levaram à beira do riacho.

– Finalmente, a Oitava Casa! – Alice gritou, enquanto dava um salto para atravessá-lo, e,

* * *

já do outro lado, sentou-se para descansar num gramado tão macio quanto musgo, com pequenos canteiros de flores espalhados aqui e ali.

– Oh, como estou contente em chegar aqui! Mas o que é isso?! – Alice exclamou, assustada, quando pôs as mãos sobre alguma coisa muito pesada e bem ajustada sobre sua cabeça.

“Como isso pode ter vindo parar aqui sem que eu percebesse?”, pensou, enquanto pegava o objeto e punha sobre o colo para ver o que poderia ser.

Era uma coroa de ouro.

▪

** Tipo de papel usado para absorver o excesso de tinta fresca, na época em que não havia canetas esferográficas, e cartas, documentos, etc. eram escritos com penas ou canetas tinteiro. (N.T.)

CAPÍTULO 9

RAINHA ALICE

–O h, isso é mesmo grandioso! – Alice falou. – Nunca achei que iria me tornar uma Rainha tão cedo... E preste atenção, Vossa Majestade – ela continuou, com ar severo (ela sempre gostava muito de ralhar consigo mesma) –, não é mais apropriado você ficar descansando à vontade sobre a grama desse jeito! Rainhas têm de ter dignidade, sabe disso!

Então, levantou-se e começou a andar... um tanto tensa, no início, pois tinha medo que a coroa caísse; mas se consolou com a ideia de que não tinha ninguém para ver, caso isso acontecesse.

– Se sou realmente uma Rainha – disse, sentando de novo –, com o tempo, terei capacidade de usá-la muito bem.

Tudo estava acontecendo de um jeito tão estranho que Alice não se surpreendeu nem um pouco ao ver que a Rainha Vermelha e a Rainha Branca estavam sentadas perto dela, uma de cada lado. Gostaria muito de perguntar como as duas foram parar lá, mas receou que não fosse uma atitude bem-educada. Entretanto, não haveria nada de mal, pensou, em perguntar se o jogo já tinha acabado.

– Por favor, poderia me dizer... – começou, olhando timidamente para a Rainha Vermelha.

– Fale somente quando falarem com você! – a Rainha a interrompeu bruscamente.

– Mas se todos obedecessem a essa regra – argumentou Alice, que estava sempre pronta para uma pequena discussão –, e cada um só falasse quando alguém falasse primeiro, todos ficariam esperando alguém falar e ninguém nunca falaria nada, de modo que...

– Ridículo! – a Rainha exclamou. – Ora, não vê, criança, que...

Nesse momento, ela interrompeu a fala e fez uma careta. Então, depois de pensar um pouco, mudou subitamente o assunto da conversa.

– O que quis dizer com: “Se sou realmente uma Rainha”? Que direito você tem de se considerar uma Rainha? Não pode ser uma, sabe, até ter sido aprovada no exame adequado. E quanto antes começarmos, melhor.

– Eu só disse “se” – a pobre Alice alegou, num tom de súplica.

As duas Rainhas se olharam e a Rainha Vermelha observou, com um leve sobressalto:

– Ela diz que só falou “se”...

– Mas ela falou muito mais do que isso! – a Rainha Branca gemeu, agitando as mãos. – Oh, muito, muito mais do que isso!

– Falou mesmo, e sabe que falou – a Rainha Vermelha concordou, olhando para Alice. – Fale sempre a verdade... pense antes de falar... e depois escreva o que disse.

– Tenho certeza de que não foi meu objetivo... – Alice estava começando a se explicar, mas a Rainha Vermelha a interrompeu, impaciente.

– É exatamente disso que estou reclamando! Deveria ter sido seu objetivo! Qual é a utilidade de uma criança sem nenhum objetivo? Até uma piada deve ter algum objetivo... E espero que uma criança seja mais importante do que uma piada. Não poderia negar isso, mesmo se tentasse com as duas mãos.

– Não nego coisas com minhas mãos – Alice respondeu.

– Ninguém disse que fazia isso – falou a Rainha Vermelha. – Eu disse que não poderia, mesmo se tentasse.

– Ela está naquele estado de espírito – falou a Rainha Branca – em que tem necessidade de negar alguma coisa... Só não sabe o que negar!

– Um temperamento desagradável e malvado – a Rainha Vermelha observou; em seguida, houve um silêncio incômodo por um ou dois minutos.

Depois, a Rainha Vermelha quebrou o silêncio, dizendo para a Rainha Branca:

– Convido você para o banquete de Alice hoje à tarde.

A Rainha Branca sorriu debilmente e disse:

– E eu convido você.

– Não sabia, de jeito nenhum, que eu teria uma festa – Alice falou –, mas se vou ter uma, acho que sou eu quem deveria fazer os convites.

– Nós lhe demos uma oportunidade de fazer isso – a Rainha Vermelha argumentou –, mas eu diria que ainda não teve muitas aulas de boas maneiras, não é?

– Boas maneiras não são ensinadas em aulas – Alice falou. – Aulas ensinam a fazer contas e coisas desse tipo.

– Sabe somar? – a Rainha Branca perguntou. – Quanto é um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?

– Não sei – respondeu Alice. – Perdi a conta.

– Ela não sabe somar – a Rainha Vermelha decretou. – Sabe subtrair? Tire nove de oito.

– Não posso tirar nove de oito, sabe disso – Alice respondeu prontamente –, mas...

– Não sabe subtrair – falou a Rainha Branca. – Sabe dividir? Divida uma bisnaga de pão por uma faca... Qual é a resposta pra isso?

– Suponho que... – Alice começou a dizer, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela.

– Pão com manteiga, é claro. Tente outra subtração. Tire um osso de um cachorro; o que resta?

Alice pensou.

– O osso não restaria, claro, se eu o tirei... e o cachorro também não restaria, ele viria me morder... e estou certa de que eu não restaria!

– Então acha que nada restaria? – disse a Rainha Vermelha.

– Acho que essa é a resposta.

– Errado, como de costume – falou a Rainha Vermelha. – Restaria a paciência do cachorro.

– Não vejo como...

– Ora, olhe aqui! – a Rainha Vermelha gritou. – O cachorro perderia sua paciência, certo?

– Talvez perdesse – Alice respondeu cautelosamente.

– Então, se o cachorro fosse embora, sua paciência restaria! – a Rainha exclamou triunfantemente.

Alice então falou tão seriamente quanto pôde:

– Eles podem ir pra direções diferentes.

Mas pensou: “Que coisas absurdas estamos dizendo!”.

– Ela não sabe fazer contas, nem um pouco! – as Rainhas falaram juntas, com grande ênfase.

– Você sabe fazer contas? – Alice perguntou, virando-se subitamente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser tão criticada.

A Rainha suspirou e fechou os olhos.

– Sei somar – disse –, se você me der tempo... Mas não sei subtrair em nenhuma circunstância!

– É claro que você sabe seu ABC?! – disse a Rainha Vermelha.

– Sei, com certeza – Alice falou.

– Eu também – a Rainha Branca sussurrou. – Nós sempre o recitamos juntas, querida. E vou lhe contar um segredo... Sei ler palavras de apenas uma letra! Isso não é grandioso? Mas não fique desanimada. Com o tempo, você vai chegar lá.

Nesse ponto, a Rainha Vermelha recomeçou.

– Sabe responder perguntas úteis? – disse. – De que é feito o pão?

– Isso eu sei! – Alice gritou animadamente. – Leva farinha de trigo...

– Para onde a farinha é levada? – a Rainha Branca perguntou – Para o jardim... ou para as cercas vivas?

– Bem, ela não é levada pra lugar nenhum – Alice explicou. – É misturada com fermento fresco, além de...

– Como se refresca o fermento? – perguntou a Rainha Branca. – Você não pode omitir tantas informações.

– Abane a cabeça dela! – a Rainha Vermelha interrompeu ansiosamente. – Vai ficar com febre depois de pensar tanto.

Então, começaram a abanar Alice com galhos de árvores, até ela ter de implorar que parassem, pois estavam deixando seu cabelo muito embaraçado.

– Agora ela está bem novamente – disse a Rainha Vermelha. – Sabe línguas? Como se fala fídou-di-dí em francês?

– Essa palavra não existe na nossa língua – Alice respondeu, muito séria.

– Quem falou que existia? – disse a Rainha Vermelha.

Dessa vez, Alice pensou que tinha encontrado uma maneira de sair bem do problema.

– Se me disser em que língua está fídou-di-dí, eu digo como se fala isso em francês! – ela exclamou, triunfante.

Mas a Rainha Vermelha assumiu um rigoroso ar de soberba e falou:

– Rainhas nunca fazem barganhas.

“Gostaria que Rainhas nunca fizessem perguntas”, Alice pensou.

– Não vamos brigar – a Rainha Branca interferiu, inquieta. – Qual é a causa do relâmpago?

– A causa do relâmpago – Alice falou seguramente, pois se sentiu bastante certa a esse respeito – é o trovão... Não, não! – corrigiu-se apressadamente. – Eu quis dizer o contrário.

– É tarde demais para se corrigir – disse a Rainha Vermelha. – Quando você diz qualquer coisa uma vez, essa coisa fica, e você tem de arcar com as consequências.

– O que me faz lembrar... – a Rainha Branca falou, baixando os olhos, e apertando e desapertando as mãos continuamente – que tivemos uma terrível tempestade de raios e trovões na terça-feira passada... Quer dizer, na última sequência de terças-feiras, você sabe.

Alice ficou intrigada.

– No meu país – comentou –, tem apenas uma terça-feira de cada vez.

A Rainha Vermelha falou:

– Isso é um jeito inadequado de fazer as coisas. Ora, aqui, geralmente temos os dias e as noites em séries de dois ou três de cada vez, e às vezes, no inverno, temos até cinco noites seguidas... Para nos aquecer, entende?

– Então cinco noites seguidas são mais quentes do que uma noite? – Alice arriscou-se a perguntar.

– Cinco vezes mais quentes, é claro.

– Mas deveriam ser cinco vezes mais frias, pela mesma regra...

– Exatamente isso! – a Rainha Vermelha exclamou. – Cinco vezes mais quentes e cinco vezes mais frias... Do mesmo modo que eu sou cinco vezes mais rica que você e cinco vezes mais inteligente!

Alice suspirou e desistiu de entender. “É o mesmo que um enigma sem

resposta!”, pensou.

– Humpty Dumpty também viu isso – a Rainha Branca falou em voz baixa, como se fosse para si mesma. – Ele veio até a porta, com um saca-rolhas na mão...

– O que ele queria? – a Rainha Vermelha perguntou.

– Disse que ia entrar – a Rainha Branca continuou – porque estava procurando um hipopótamo. Ora, aconteceu que, naquela manhã, não tinha uma coisa dessas na casa.

– Geralmente tem? – Alice perguntou, perplexa.

– Bem, só nas quintas-feiras – disse a Rainha.

– Eu sei por que foi que ele veio – falou Alice. – Queria punir os peixes, porque...

Nesse instante, a Rainha Branca começou a falar de novo.

– Foi uma tempestade tão terrível que você não pode imaginar!

– Ela nunca poderia, você sabe disso – a Rainha Vermelha acrescentou.

– Uma parte do teto desabou, e entrou uma grande quantidade de trovões... e eles foram rolando pela sala pesadamente, derrubando as mesas e outras coisas... até que fiquei tão apavorada que nem conseguia lembrar meu próprio nome!

Alice pensou: “Eu nunca tentaria lembrar meu nome no meio de um acidente! Qual seria a utilidade disso?”, mas não falou nada, por medo de ferir os sentimentos da pobre Rainha.

– Vossa Majestade tem de perdoá-la – a Rainha Vermelha falou com Alice, segurando e afagando suavemente uma das mãos da Rainha Branca. – Ela tem boas intenções, mas, geralmente, não pode deixar de falar tolices.

A Rainha Branca olhou timidamente para Alice, que sentiu que deveria dizer alguma coisa gentil, mas, realmente, não conseguia pensar em nada naquele momento.

– Ela nunca foi realmente bem-educada – a Rainha Vermelha continuou. – Mas é impressionante como é bem-humorada! Bata levemente na cabeça dela, e vai ver como ficará satisfeita!

Porém, isso estava além do que Alice tinha coragem de fazer.

– Receber um pouco de atenção... e papelotes no cabelo... faria maravilhas por ela.

A Rainha Branca deu um suspiro profundo e apoiou a cabeça no ombro de Alice.

– Estou com tanto sono! – gemeu.

– Está cansada, pobrezinha! – disse a Rainha Vermelha. – Acaricie o cabelo dela... empreste-lhe sua touca de dormir... e cante uma canção de ninar tranquilizadora pra ela.

– Não tenho uma touca de dormir aqui comigo – Alice falou, enquanto tentava obedecer a primeira instrução. – E não sei nenhuma canção de ninar tranquilizadora.

– Então eu mesma terei de fazer isso – a Rainha Vermelha falou e começou a cantar:

Dorme, dorme, senhora, no colo desta boneca,

até a hora da festa, há tempo pra uma soneca.

Quando o banquete acabar, vamos todas bailar...

Rainhas Vermelha e Branca, Alice e quem mais chegar!

– Agora que já sabe a letra – ela acrescentou e pôs a cabeça sobre o outro ombro de Alice –, cante-a toda pra mim. Estou ficando com sono também.

No momento seguinte, ambas as Rainhas estavam dormindo profundamente, e roncando alto.

– O que devo fazer agora? – exclamou Alice, olhando ao redor com grande perplexidade, quando primeiro uma, depois a outra cabeça redonda rolaram de seus ombros e caíram como pedras pesadas sobre seu colo. – Acho que isso nunca aconteceu antes. Uma pessoa ter de cuidar, ao mesmo tempo, de duas Rainhas adormecidas! Não. Não em toda a história da Inglaterra... Nem poderia, claro, pois nunca houve mais de uma Rainha ao mesmo tempo. Acordem, suas coisas pesadas! – ela continuou falando, um tanto impaciente; mas não houve resposta, exceto um ronco suave.

O ronco foi ficando mais distinto a cada minuto, e soava como uma melodia. Por fim, ela pôde até entender as palavras, e então prestou tanta atenção que, quando as duas grandes cabeças desapareceram subitamente de seu colo, ela mal percebeu.

Alice se viu de pé diante de uma porta em arco, sobre a qual estava escrito RAINHA ALICE em letras grandes, e em cada lado do arco havia um sino; um deles indicava "Campainha de Visitas", e o outro, "Campainha de Criados".

"Vou esperar a música acabar", ela pensou, "e depois tocar a... a... qual campainha eu devo tocar?", perguntou-se muito confusa com os nomes. "Não sou uma visita, e não sou uma criada. Tinha de ter uma indicação onde se lesse 'Rainha', ora...".

Naquele exato momento, a porta se abriu um pouco e uma criatura com um bico comprido pôs a cabeça para fora e disse:

– Entrada proibida até a semana depois da próxima! – e fechou a porta subitamente, com um estrondo.

Alice bateu na porta e tocou as campainhas, em vão, por muito tempo. Finalmente, um sapo muito velho, que estava sentado debaixo de uma árvore, se levantou e caminhou lentamente, com dificuldade, até ela; estava vestido de amarelo brilhante e usava botas enormes.

– Ora, o que é isso? – o sapo falou, num sussurro rouco.

Alice se virou, pronta para criticar quem quer que fosse.

– Onde está o criado cujo trabalho é atender à porta? – perguntou, zangada.

– Que porta? – o sapo respondeu.

Alice quase sapateou de irritação por causa da lentidão com que ele falou.

– Esta porta, é lógico!

QUEEN ALICE

O sapo se virou para a porta e a observou atentamente com seus olhos grandes e entorpecidos. Depois, se aproximou dela e a esfregou com o polegar, como se testasse se a tinta estava se soltando. Em seguida, olhou para Alice.

– Atender à porta? – ele disse. – O que ela quer? – Estava tão rouco que Alice mal podia entendê-lo.

– Não sei o que está dizendo – ela falou.

– Eu falar sua língua, não falar? – o Sapo prosseguiu. – Ou você é surda?! O que a porta te pediu?

– Nada! – Alice respondeu, impaciente. – Eu estava batendo nela!

– Não devia fazer isso... Não devia fazer isso... – o sapo resmungou. – Isso a aborrece, você sabe.

Após dizer aquilo, ele foi até a porta e deu-lhe um chute com um dos enormes pés.

– Deixe a porta em paz – disse, ofegante, enquanto caminhava mancando de volta para sua árvore –, e ela deixará você em paz.

Nesse momento, a porta se escancarou bruscamente e ouviu-se uma voz estridente cantando.

Ao Mundo do Espelho Alice deu a explicação

“Trago a coroa na cabeça e o cetro na mão”.

“Deixem as criaturas do espelho, desse reino que agora é meu,

comerem a ceia conosco: a Rainha Vermelha, a Branca e eu!”

E centenas de vozes se juntaram no refrão:

Depois encham os copos, depressa como num duelo,

e salpiquem na mesa muitos botões e bastante farelo.

Ponham gatos no café, ratos no chá, tudo de uma vez...

E deem grandes vivas a Alice; são trinta vezes três!

Em seguida, houve um barulho confuso de congratulações, e Alice pensou: “Trinta vezes três é igual a noventa. Será que alguém está contando?”. Um minuto depois, fez-se silêncio novamente, e a mesma voz estridente cantou outro verso:

“Seres do espelho”, Alice falou, “venham já, com presteza!

É uma honra e um favor me verem e ouvirem, com certeza;

Um privilégio estar no jantar no chá que o sucedeu

Com a Rainha Vermelha, a Rainha Branca e eu!”.

Depois, veio o coro outra vez:

Depois encham os copos com tinta e melaço,

ou qualquer outra coisa que alivie o cansaço.

Misturem areia com sidra, e vinho com biscoito...

E deem vivas a Alice; são oitenta vezes oito!

– Oitenta vezes oito! – Alice repetiu, com desespero. – Oh, isso nunca vai acabar! É melhor entrar logo... – e entrou. E houve um silêncio absoluto quando ela apareceu.

Alice olhou de relance, nervosamente, para a mesa, enquanto caminhava pelo grande hall, e viu que havia aproximadamente cinquenta convidados, de todos os tipos: alguns eram animais, outros eram pássaros, e havia até algumas flores entre eles. “Estou contente por terem vindo sem esperar convites”, a menina pensou; “Eu nunca saberia quem deveria convidar!”.

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa; a Rainha Branca e a Vermelha já tinham ocupado duas delas, mas a do meio estava vazia. Alice sentou-se nela, um tanto incomodada pelo silêncio e ansiosa para que alguém falasse.

Por fim, a Rainha Vermelha falou.

– Você perdeu a sopa e o peixe – ela disse. – Tragam a carne assada! – E os garçons puseram um pernil de carneiro diante de Alice, que olhou para ele ansiosamente, pois nunca antes tinha precisado fatiar um pernil.

– Você parece um pouco tímida; deixe-me apresentá-la a esse pernil – a Rainha Vermelha falou. – Alice... Carneiro; Carneiro... Alice. – E o pernil de carneiro ficou de pé sobre o prato e fez uma pequena reverência para Alice, que retribuiu o gesto, sem saber se deveria sentir medo ou achar aquilo engraçado.

– Aceitam uma fatia? – ela perguntou, pegando a faca e o garfo, e olhando para uma Rainha, e depois para a outra.

– De jeito nenhum – a Rainha Vermelha respondeu, muito determinada. – A etiqueta recomenda não fatiar alguém a quem você acabou de ser apresentada. Retirem o pernil! – Então, os garçons o levaram e trouxeram, para substituí-lo, um grande pudim de ameixa.

– Não vou ser apresentada ao pudim, por favor – Alice pediu imediatamente –, senão não teremos jantar nenhum. Aceitam um pedaço?

Mas a Rainha Vermelha a olhou mal-humorada e disse:

– Pudim... Alice; Alice... Pudim. Retirem o pudim! – E os garçons o levaram tão rapidamente que Alice nem pôde retribuir sua reverência.

Alice não entendia por que a Rainha Vermelha deveria ser a única a dar ordens; portanto, decidiu fazer uma experiência e gritou:

– Garçom! Traga de volta o pudim! – E logo estava o pudim lá outra vez, como num passe de mágica. Era tão grande que ela não pôde deixar de se sentir um pouco tímida com ele, como tinha ficado com o carneiro. Entretanto, a menina venceu sua timidez com um grande esforço, cortou uma fatia e entregou à Rainha Vermelha.

– Que impertinência! – disse o pudim. – Queria saber o que acharia se eu cortasse um pedaço de você, criatura?!

Falou com uma espécie de voz grossa e pastosa, e Alice não tinha o que dizer como resposta; só conseguiu ficar olhando para ele, muito assustada.

– Faça um comentário – disse a Rainha Vermelha. – É ridículo deixar toda a conversa por conta do pudim!

– Sabe, tive uma grande quantidade de poemas recitados pra mim hoje – Alice começou a falar, ligeiramente constrangida, por perceber que, no momento em que abriu a boca, houve um silêncio total, e todos os olhos se fixaram nela. – E houve uma coisa curiosa, eu acho... Todos os poemas eram, de algum modo, sobre peixes. Sabe por que todos por aqui gostam tanto de peixes?

Ela se dirigiu à Rainha Vermelha, cuja resposta foi um pouco distante do que Alice tinha perguntado.

– A respeito de peixes – ela falou bem devagar e solenemente, pondo sua boca perto do ouvido de Alice –, a Rainha Branca sabe uma charada adorável... toda em forma de poesia... toda sobre peixes. Acha que ela deve recitá-la?

– É muita gentileza da Vossa Majestade Vermelha mencionar isso – a Rainha Branca murmurou no outro ouvido de Alice, com voz semelhante ao arrulho de um pombo. – Seria um prazer tão grande! Posso? – pediu.

– Por favor, recite – Alice falou, muito educadamente.

A Rainha Branca riu, muito satisfeita, e acariciou a bochecha de Alice. Depois, recitou:

“Primeiro, o peixe deve ser pescado.”

Isso é fácil; um bebê, eu acho, poderia tê-lo pescado.

“Depois, o peixe deve ser comprado.”

Isso é fácil; um centavo, eu acho, o teria comprado.

“Agora, cozinhem o peixe a jato!”

Isso é fácil; não levará nem uma hora.

“E o deixem descansar no prato!”

Isso é fácil, pois lá ele já está agora.

“Tragam o peixe aqui, e então me deixem jantar!”

Isso é coisa que qualquer pessoa faz.

“A tampa do prato é preciso levantar!”

Ah, isso é mesmo difícil, eu temo ser incapaz!

Pois está agarrada, eu receio...

A tampa presa no prato, com o peixe no meio;

O que é mais complicado fazer:

Destampar o peixe ou o enigma responder?

– Pense por um minuto e adivinhe – disse a Rainha Vermelha. – Enquanto isso, vamos beber à sua saúde... À SAÚDE DA RAINHA ALICE! – ela gritou o mais alto que pôde, e todos os convidados começaram a beber imediatamente, e fizeram isso de maneiras muito estranhas: alguns puseram os copos sobre a cabeça, como se fossem apagadores de velas, e beberam o que escorria pelo rosto; outros viraram a garrafa de cabeça para baixo e beberam o que escorria pelas quinas da mesa; e três deles (que pareciam cangurus) derramaram a bebida sobre o prato do carneiro assado e começaram a lamber avidamente o molho. “Exatamente como porcos num chiqueiro”, Alice pensou.

– Você deve agradecer com um belo discurso – disse a Rainha Vermelha, fazendo uma careta para Alice enquanto falava.

– Nós temos de apoiá-la, você sabe – a Rainha Branca sussurrou, enquanto Alice, obedientemente, embora um pouco assustada, ficava de pé para discursar.

– Muito obrigada – a menina sussurrou como resposta –, mas posso muito bem fazer isso sozinha.

– Não daria certo – a Rainha Vermelha falou, muito decidida; então, Alice tentou se submeter àquilo de bom grado.

“E elas me empurraram tanto!”, ela disse depois, quando estava contando para a irmã a história do banquete. “Você pensaria que estavam querendo me espremer até eu ficar achatada!”

De fato, foi bastante difícil para Alice se manter no lugar enquanto fazia seu discurso, pois as duas Rainhas a empurravam tanto, uma de cada lado, que quase

a levantaram no ar.

– Eu me levanto para agradecer... – Alice começou a falar; e, naquele momento, ela realmente se elevou no ar, vários centímetros; mas segurou na beirada da mesa e conseguiu voltar para o chão.

– Tome cuidado! – a Rainha Branca gritou, agarrando o cabelo de Alice com as duas mãos. – Alguma coisa vai acontecer!

Logo em seguida (como Alice descreveu depois), todos os tipos de coisas aconteceram. Todas as velas cresceram até o teto e ficaram parecendo uma plantação de juncos com fogos de artifício no topo. Quanto às garrafas, cada uma pegou um par de pratos, que ajustaram apressadamente como se fossem asas e, usando garfos como pernas, saíram voando, agitadas, em todas as direções. “Estão mesmo muito parecidas com pássaros”, Alice pensou, da maneira que pôde, na terrível confusão que estava se formando.

Naquele momento, ouviu uma gargalhada rouca a seu lado e se virou para ver o que estava acontecendo com a Rainha Branca. Porém, em vez da Rainha, era o pernil de carneiro que estava sentado na cadeira.

– Estou aqui! – gritou uma voz de dentro do caldeirão de sopa, e Alice se virou de novo, bem a tempo de ver o rosto largo e bondoso da Rainha sorrindo para ela por um momento, na borda do caldeirão, antes de desaparecer no meio da sopa.

Não havia um segundo a perder. Vários convidados já estavam deitados sobre os pratos, e a concha da sopa caminhava em cima da mesa na direção da cadeira de Alice, acenando impacientemente para a menina sair do seu caminho.

– Não aguento mais isso! – ela gritou, enquanto se levantava e agarrava a toalha da mesa com as duas mãos. Um bom puxão e travessas, pratos, convidados e velas despencaram, fazendo um grande barulho, e se amontoaram, formando uma grande pilha no chão.

– E, quanto a você... – Alice falou, virando-se ferozmente para a Rainha Vermelha, que acreditava ser a causa de toda aquela bagunça. Mas a Rainha Vermelha não estava mais ao seu lado; tinha encolhido subitamente e ficado do tamanho de uma boneca pequena, e corria alegremente, em círculos, sobre a mesa, procurando seu xale, que se arrastava atrás dela.

Em qualquer outra situação, Alice teria se surpreendido com tudo aquilo, mas naquele momento estava exaltada demais para se surpreender com qualquer coisa.

– Quanto a você... – a menina repetiu, pegando a pequena criatura bem na hora em que ela ia pular sobre uma garrafa que havia acabado de aparecer sobre a mesa. – Vou sacudi-la até você se transformar numa gatinha, vou mesmo!

CAPÍTULO 10

SACUDINDO

Enquanto falava, Alice tirou-a da mesa, e a sacudiu para a frente e para trás, com toda a sua força.

A Rainha Vermelha não apresentou a menor resistência. Porém, seu rosto foi ficando menor e seus olhos foram crescendo e ficando verdes. Ainda assim, Alice continuou a sacudi-la, e ela foi ficando menor... e mais gorda... e mais macia... e mais redonda... e...

CAPÍTULO 11

DESPERTANDO

... e, por fim, era realmente uma gatinha.

CAPÍTULO 12

QUEM SONHOU ISSO?

–V ossa Majestade Vermelha não deveria ronronar tão alto – Alice falou, esfregando os olhos e dirigindo-se à gatinha respeitosamente, ainda que ligeiramente severa. – Você me acordou de... oh!... um sonho tão bonito! E você estava junto comigo, Kitty... No mundo através do Espelho. Sabia disso, querida?

Um hábito muito inconveniente dos gatinhos (Alice tinha feito esse comentário uma vez) é o de sempre ronronar, independentemente do que você disser para eles.

“Se pelo menos ronronassem pra dizer ‘sim’ e miassem pra dizer ‘não’, ou qualquer regra desse tipo”, ela havia falado, “de modo que fosse possível manter uma conversa... Como você pode conversar com alguém que sempre fala a mesma coisa?”.

Naquela ocasião, a gatinha só ronronou. E foi impossível saber se ela quis dizer “sim” ou “não”.

Então, Alice procurou entre as peças de xadrez sobre a mesa até encontrar a Rainha Vermelha. Em seguida, ajoelhou-se sobre o tapete em frente à lareira e pôs a gatinha diante da Rainha para as duas se olharem.

– Agora olhe, Kitty – exclamou, batendo palmas triunfantemente –, confesse que foi nela que você se transformou!

“Mas Kitty se recusou a olhar”, Alice falou depois, quando estava contando a história para a irmã. “Ela virou a cabeça pra outro lado e fingiu que não estava vendo a Rainha. Porém, pareceu um pouco envergonhada de si mesma, por isso acho que ela deve mesmo ter sido a Rainha Vermelha.”

– Sente-se um pouco mais ereta, querida! – Alice exclamou e riu alegremente. – E faça uma reverência enquanto pensa no que vai... no que vai ronronar. Isso economiza tempo, lembre-se! – Enquanto falava, pegou a gata e lhe deu um pequeno beijo. – Uma homenagem por ter sido uma Rainha Vermelha! – explicou.

– Snow, minha gatinha! – Alice continuou falando e olhou sobre o ombro para a gatinha branca, que estava, pacientemente, passando por sua toalete. – Quando será que Dinah vai terminar de limpar Vossa Majestade Branca? Deve ser por

isso que você estava tão desalinhada no meu sonho... Dinah, sabe que está esfregando uma Rainha Branca? Francamente, é muita falta de respeito da sua parte! E em que será que a Dinah se transformou?

Alice ia tagarelando, enquanto se ajeitava confortavelmente no chão, um cotovelo sobre o tapete e o queixo apoiado na mão, para observar os pequenos animais.

– Fale, Dinah, você se transformou no Humpty Dumpty? Eu acho que sim... Porém, é melhor não mencionar isso com seus amigos, por enquanto, pois não tenho certeza. Oh, Kitty, se ao menos você tivesse comigo no meu sonho... Tinha uma coisa da qual você teria gostado... Recitaram uma grande quantidade de poemas pra mim, todos sobre peixes! Amanhã de manhã você vai ter um verdadeiro mimo. Enquanto estiver tomando seu café da manhã, vou recitar "A Morsa e o Carpinteiro" pra você. E então poderá fazer de conta que está comendo ostras, querida! Agora, Kitty, vamos refletir sobre quem foi que sonhou tudo. Essa é uma questão séria, minha querida, e você não deveria ficar lambendo a pata desse jeito... Como se a Dinah não tivesse limpado você hoje. Então, Kitty, tem de ter sido eu ou o Rei Vermelho. Ele estava no meu sonho, claro... Ora, mas eu estava no sonho dele também! Era o sonho do Rei Vermelho, Kitty? Você era a esposa dele, minha querida, portanto deve saber... Oh, Kitty, me ajude a entender isso! Sei que sua pata pode esperar! – Mas a irritante gatinha começou a lamber a outra pata e fingiu que não tinha escutado a pergunta.

E você, leitor? Quem você acha que foi?

Um barco, sob um céu ensolarado,
seguindo adiante, sonhadoramente,
num fim de tarde de verão...

Três crianças que se aninham,
olhos ávidos, ouvidos atentos,
no prazer de ouvir um conto...

Há muito aquele céu perdeu o brilho;
ecos se dissipam, lembranças morrem;
as geadas de outono levaram o verão.

Ela ainda me assombra, fantasmal,
Alice deslizando sob céus
nunca vistos por olhos acordados.

Crianças ainda, o conto escutam,
olhos ávidos, ouvidos atentos,
amorosamente aninhadas.

No País das Maravilhas permanecem,
sonhando enquanto os dias se seguem,
sonhando enquanto os verões se vão.

Sempre à deriva, ao sabor da corrente,
seguem deslizando, um brilho reluzente.
A vida o que é senão um sonho?

FIM